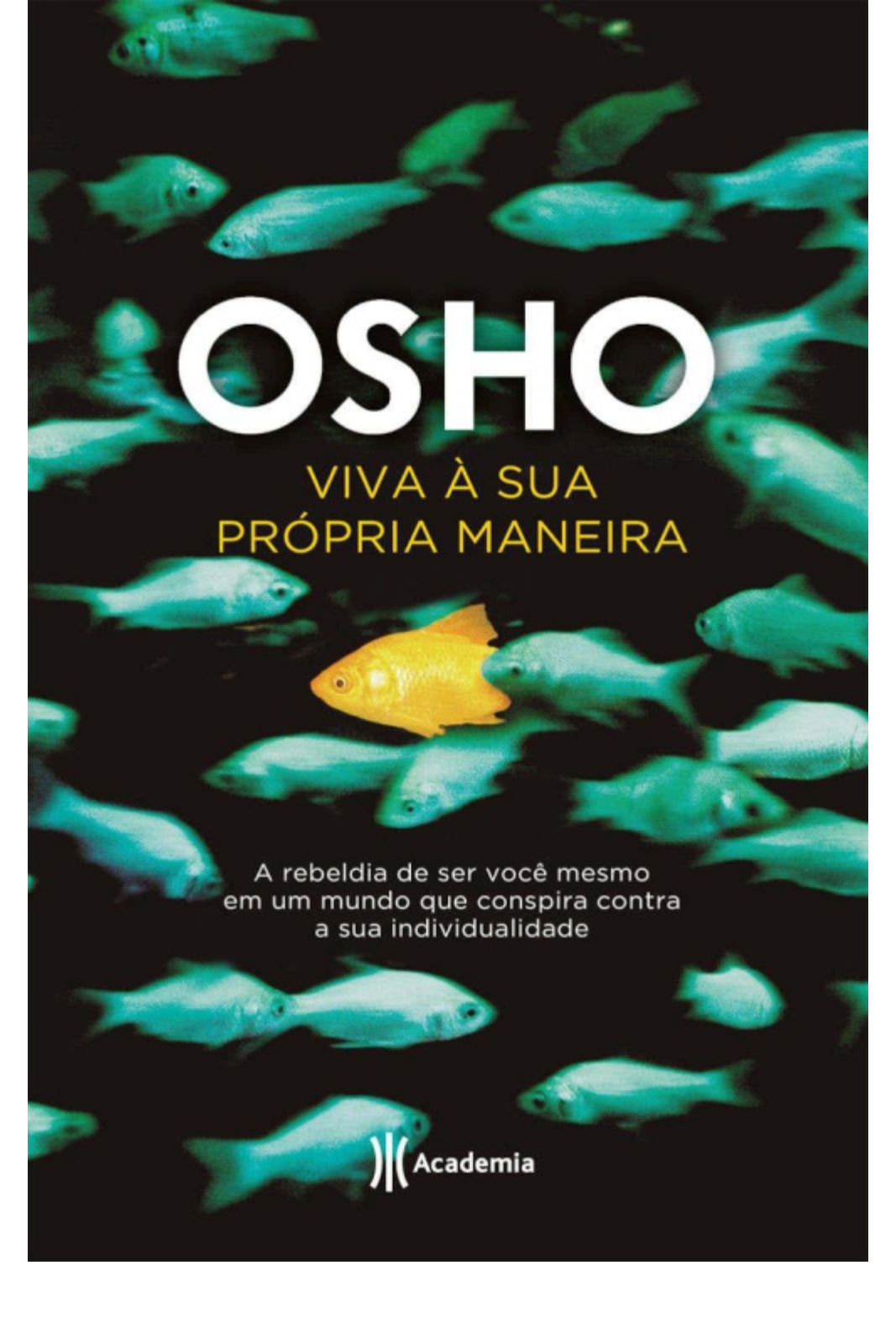




OSHO

VIVA À SUA
PRÓPRIA MANEIRA

A rebeldia de ser você mesmo
em um mundo que conspira contra
a sua individualidade



Academia

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



OSHO

VIVA À SUA
PRÓPRIA MANEIRA

A rebeldia de ser você mesmo
em um mundo que conspira contra
a sua individualidade

)) (Academia

OSHO

VIVA À SUA
PRÓPRIA MANEIRA

OSHO

VIVA À SUA PRÓPRIA MANEIRA

A rebeldia de ser você mesmo em um mundo
que conspira contra a sua individualidade

Tradução
Magda Lopes

))(Academia

Copyright © OSHO International Foundation, Switzerland, 2013

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018

Todos os direitos reservados.

Título original: *Living on Your Own Terms*

O material deste livro foi selecionado de várias palestras de Osho proferidas ao vivo para uma plateia. Todas as suas palestras foram publicadas na íntegra na forma de livros, e também estão disponíveis em gravações de áudio originais. As gravações e o arquivo de textos completos podem ser encontrados na biblioteca on-line OSHO, no endereço www.osho.com.

OSHO é uma marca registrada da OSHO International Foundation, www.osho.com/ trademarks.

Preparação: Luciana Figueiredo

Revisão técnica: Abodha

Revisão: Nana Rodrigues

Diagramação: Abreu's System

Capa: Compañía

Imagem de capa: Image Source/Getty Images

Adaptação para eBook: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Osho, 1931-1990

Viva à sua própria maneira: a rebeldia de ser você mesmo em um mundo que conspira contra a sua individualidade / Osho; tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

ISBN: 978-85-422-1225-9

Título original: Living on you own terms

1. Felicidade 2. Autoconhecimento 3. Liberdade 4. Conduta de vida 5. Individualidade I. Título II. Lopes, Magda

Índice para catálogo sistemático:

1. Felicidade

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar

Edifício Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.bratendimento@editoraplaneta.com.br

Sumário

Introdução

1. Dizendo adeus ao passado
2. Entendimento é liberdade
3. Você nasce com coragem
4. Crie o caminho caminhando
5. Quando todas as vozes estão silentes

Epílogo

Introdução

As qualidades de um rebelde são multidimensionais. A primeira coisa: o rebelde não acredita em nada, exceto em sua própria experiência. Sua verdade é sua única verdade. Nenhum profeta, nenhum messias, nenhum sábio, nenhuma escritura sagrada, nenhuma tradição antiga pode lhe dar a sua verdade. Eles podem falar sobre a verdade, podem fazer muito barulho sobre a verdade, mas saber sobre a verdade não é conhecer a verdade. Uma das acepções da palavra *sobre* é “em volta” – saber sobre a verdade significa ficar girando em torno dela. Mas, girando sempre em torno, você nunca alcança o centro.

O rebelde não tem sistema de crença – teísta ou ateuísta, hindu ou cristão –, ele é um investigador, um buscador. Mas uma coisa muito sutil tem que ser entendida: o rebelde não é um egoísta. O egoísta também não quer pertencer a nenhuma igreja, a nenhuma ideologia, a nenhum sistema de crença, mas sua razão para não pertencer é totalmente diferente daquela do rebelde. Ele não quer pertencer porque pensa demais em si mesmo. Ele é demasiado egoísta; só consegue permanecer sozinho.

O rebelde não é um egoísta, ele é totalmente inocente. Sua ausência de crença não é uma atitude arrogante, mas uma abordagem humilde. Ele está simplesmente dizendo: “A menos que eu encontre a minha própria verdade, todas as verdades emprestadas estão apenas me sobrecarregando; elas não vão me aliviar. Posso me tornar instruído, mas não estarei conhecendo nada com meu próprio ser; não serei uma testemunha ocular de nenhuma experiência”.

O rebelde não pertence a nenhuma Igreja, a nenhuma organização,

porque ele não quer ser um imitador. Ele quer permanecer puro e imaculado, para poder realizar sua busca sem nenhum preconceito, para poder permanecer aberto sem nenhuma ideia preconcebida. Mas sua abordagem do todo é aquela de uma pessoa humilde. Um rebelde respeita a sua própria independência e também respeita a independência de todos os demais. Ele respeita a sua própria divindade e respeita a divindade de todo o universo. Todo o universo é o seu templo – por isso ele deixou os pequenos templos construídos pelo homem. Todo o universo é sua escritura sagrada – por isso ele abandonou todos os textos sagrados escritos pelo homem. Não faz isso por arrogância, mas porque a sua é uma busca humilde. O rebelde é tão inocente quanto uma criança.

A segunda dimensão não será viver no passado, que não existe mais, nem viver no futuro, que ainda não existe, mas viver no presente com tanta prontidão e consciência quanto se puder. Em outras palavras, viver conscientemente o momento. Em geral, vivemos como sonâmbulos, caminhando no sono. O rebelde tenta viver uma vida de consciência. A consciência é a sua religião, a consciência é a sua filosofia, a consciência é o seu modo de vida.

A terceira dimensão é aquela em que o rebelde não está interessado em dominar os outros. Ele não tem ambição de poder, porque essa é a coisa mais feia do mundo. A ambição de poder tem destruído a humanidade e não lhe tem permitido ser mais criativa, ser mais bonita, ser mais saudável, ser mais autêntica. E é essa ambição de poder que, em última análise, conduz a conflitos, competições, invejas e, finalmente, às guerras. A ambição de poder é a base de todas as guerras. Se você observar a história humana... Toda a história humana não é nada além de uma história de guerras, homens matando homens. As razões mudaram, mas a matança continua. Parece que as razões são apenas desculpas; o fato real é que o homem gosta de matar.

Em uma das fábulas de Esopo – e essas são algumas das mais notáveis fábulas do mundo, tão simples e tão importantes – um carneirinho está bebendo a água clara e cristalina de um riacho da montanha. Um grande leão chega e, naturalmente, fica interessado no carneiro – é hora do desjejum, mas ele tem de encontrar uma desculpa. Então, diz ao carneiro: “Você está sujando o riacho. Não sabe que eu sou o rei da selva?”.

O pobre carneiro diz: “Eu sei, mas, Alteza, o riacho não está indo na sua direção. Eu estou abaixo do senhor, e mesmo que fique sujo pelo fato de eu beber da sua água, a água está descendo, não está indo na sua direção. O senhor a está sujando e eu estou bebendo essa água suja. Então, sua lógica não está certa”.

O leão percebeu a mensagem e ficou muito zangado. Ele disse: “Você não tem respeito pelos mais velhos. É muito descarado por estar discutindo comigo”.

O pobre carneiro disse: “Eu não discuti, simplesmente descrevi o fato. O senhor pode ver que o riacho está correndo na minha direção”.

O leão ficou em silêncio por um momento e depois disse: “Agora eu me lembro. Você pertence a uma família muito inculta, muito ignorante. Seu pai me insultou ontem”.

O pobre carneiro disse: “Deve ter sido outra pessoa, porque meu pai está morto há três meses – e o senhor deve saber que ele está dentro da sua barriga. Ele não está mais vivo, o senhor fez dele o seu almoço. Como ele pôde ser desrespeitoso com o senhor? Ele está morto!”.

Aquilo foi demais. O leão deu um salto e agarrou o carneiro, dizendo: “Você não conhece boas maneiras, não conhece etiqueta, não sabe como se comportar”.

O carneiro disse: “O fato simples é que está na hora do seu jejum. O senhor simplesmente me coma; não precisa encontrar nenhuma desculpa”.

Com parábolas assim tão simples Esopo fez milagres. Ele disse muito sobre o homem.

Um rebelde simplesmente vive a sua vida no momento, com consciência, sem desejo de dominar nem enquanto está vivo nem quando está morto. Ele não tem nenhuma ambição de poder. Ele é um cientista da alma – essa é a quarta dimensão. Assim como a ciência usa a dúvida, o ceticismo, a indagação, ele utiliza os mesmos métodos para a sua busca interior. A ciência os utiliza para a realidade objetiva; o rebelde os utiliza para a sua subjetividade. Mas ele não condena a dúvida, não condena o ceticismo, não condena a desobediência, não condena a maneira como o não crente aborda a realidade. Ele penetra no seu próprio ser com uma mente científica.

Sua religião não é supersticiosa – ela é científica. Sua religião não é uma busca por Deus, porque começar com Deus significa que você já

aceitou uma crença e, se você aceitou uma crença, desde o início a sua busca está contaminada.

O rebelde entra em seu mundo interno com os olhos abertos, sem nenhuma ideia do que ele está procurando. Ele é basicamente um agnóstico. Essa palavra tem de ser lembrada porque ela descreve uma de suas qualidades básicas. Há os teístas, que acreditam em Deus; há os ateístas, que não acreditam em Deus; e há os agnósticos, que simplesmente dizem: “Nós não sabemos ainda. Nós iremos buscar, iremos ver. Não podemos dizer nada antes de termos procurado em cada recesso e em cada canto do nosso ser”. Ele começa com: “Eu não sei”. Por isso eu digo que ele é simplesmente como uma criança pequena – inocente.

Dois meninos estavam discutindo sobre fugir de casa. “Mas, se nossos pais nos pegarem, eles vão nos bater”, disse um deles.

“Então”, disse o outro, “nós batemos neles também.”

“Mas não podemos fazer isso”, disse o primeiro menino. “A Bíblia nos ensina a honrar nosso pai e nossa mãe.”

“Certo. Então, você bate no meu pai e eu bato no seu.”

Apenas uma solução inocente e simples, sem dificuldade!

O rebelde vive uma inocência infantil, e a inocência é o fenômeno mais misterioso. Ela abre as portas de todos os segredos da vida.

Só uma pessoa rebelde é realmente revolucionária e realmente religiosa. Ela não cria uma organização, não cria um grupo de seguidores, não cria igrejas.

Mas é possível que os rebeldes possam ser companheiros de viagem: eles podem desfrutar o fato de estarem juntos, dançarem juntos, cantarem juntos, chorarem juntos, sentirem a imensidade da existência e a eternidade da vida juntos. Eles podem se fundir em uma espécie de comunhão sem qualquer renúncia da individualidade de ninguém. Ao contrário, a comunhão dos rebeldes refresca a individualidade de todos, nutre a individualidade de todos, confere dignidade e respeito à individualidade de todos.

1.

Dizendo adeus ao passado

O rebelde simplesmente diz adeus ao passado. Esse é um processo constante; por isso, ser um rebelde significa estar continuamente em rebelião – porque cada momento vai se tornar passado, cada dia vai se tornar passado. Não que o passado já esteja no cemitério; você está se movendo através dele em todo momento. Por isso, o rebelde tem que aprender uma nova arte: a arte de morrer para cada momento que passou, de forma que ele possa viver livremente no novo momento que chegou.

Qual é a verdadeira rebelião? E qual é a diferença entre a reação e a ação do ser humano rebelde?

A primeira coisa a ser entendida é a diferença entre rebelião e revolução.

Revolução é um esforço organizado para mudar a sociedade mediante o uso da força, da violência. O problema é que não se pode mudar a sociedade por meio da violência, pois a violência já é a própria vida corrente da sociedade. Por isso todas as revoluções fracassaram. E não há possibilidade de nenhuma revolução jamais ser bem-sucedida.

A rebelião é individual, não violenta, pacífica. Ela vem do amor. A rebelião não é contra alguma coisa, mas a favor de alguma coisa. A revolução está tão engajada em se colocar contra algo que esquece a razão de toda essa confusão estar acontecendo. É raiva. Mas a raiva não pode criar uma sociedade melhor. A rebelião não está dirigida contra a sociedade, mas orientada para um novo homem, uma nova humanidade.

A revolução está lutando contra o passado.

A rebelião está meditando pelo futuro.

Eu tenho dito que a rebelião vem do amor, do silêncio, do entendimento, da compaixão – todas as qualidades que tornam a pessoa divina. A revolução está baseada em todas as qualidades que tornam o homem novamente um animal. Como a rebelião é individual, não há necessidade de nenhuma luta, de nenhuma briga. A sociedade não vai sequer se incomodar com o fato de um indivíduo ser diferente dos outros. Mesmo meditando, amando, esperando um novo nascer do sol isoladamente, os indivíduos podem criar a possibilidade de uma nova sociedade. Sua própria presença será suficiente para transformar os outros. Seu amor não pode falhar – o amor nunca falha. Seu entendimento, sua inteligência, sua compaixão são obrigados a ser bem-sucedidos.

Mas ninguém tentou a rebelião. A revolução parece ser mais fácil, porque para se ir contra uma sociedade tão grande é necessária uma grande organização. Mas, no momento em que vocês se tornam organizados, tornam-se o mesmo tipo de sociedade. Tornam-se apenas um reflexo daquilo a que estão se opondo. Fiquem diante de um espelho: o reflexo no espelho é o seu reflexo, embora ele seja oposto a vocês. Então, simplesmente ser oposto não significa que vocês são realmente diferentes; os métodos são os mesmos. A antiga sociedade depende da violência, os revolucionários dependem da violência. A antiga sociedade depende de crenças, os revolucionários também dependem da crença. Não faz nenhuma diferença se a sua crença está na Bíblia Sagrada ou em *Das Kapital*.

E é muito importante vocês se lembrarem de uma coisa: se os revolucionários vencerem, eles têm de ser mais violentos que a antiga sociedade, mais perspicazes, mais espertos, mais políticos, mais cruéis; do contrário, não podem vencer. Então, na verdade, em nome da revolução, mais violência está se tornando vitoriosa, mais crueldade está se tornando vitoriosa; mais escravidão, mais submissão é exigida pelo partido revolucionário. Vocês podem ver isso acontecer em todas as revoluções.

A rebelião é um fenômeno espiritual.

Ela não é contra a sociedade como tal; é simplesmente a inteligência que mostra que a sociedade está morta, que esta sociedade é incapaz de dar à luz um novo ser humano, que ela está exausta, que ela está quase à beira do suicídio global. Esta sociedade

precisa de compaixão; não precisa de raiva.

O rebelde só pode fazer uma coisa... Ele não vai organizar, porque, no momento em que organiza, você tem que seguir os mesmos padrões da sociedade à qual está se opondo; tem de seguir a mesma linguagem, os mesmos padrões, estruturas, que a sociedade vem praticando há tanto tempo.

Há um antigo ditado chinês que diz: “Ter um mau amigo não é tão ruim quanto ter um mau inimigo”. Parece estranho, mas há um grande significado nisso: se vocês têm um inimigo, mais cedo ou mais tarde terão de seguir suas táticas e estratégias para lutar com ele. Não há outra maneira. Se quiserem ser vitoriosos, terão que estar bem à frente do seu inimigo, usando os próprios métodos dele. Por isso, eu sempre digo: os amigos podem ser escolhidos sem muita ponderação, mas os inimigos têm de ser escolhidos com grande ponderação, porque eles vão mudar o seu caráter.

O rebelde não tem inimigos. Ele simplesmente tem uma visão de que o velho está acabado. Não é preciso lutar contra ele, ele próprio já está morrendo. Lutar com ele é lhe dar vida. Simplesmente o ignorem. Ele já está em seu leito de morte; irá morrer espontaneamente. Não lhe deem energia lutando contra ele.

O rebelde só pode fazer uma coisa: ele pode se transformar no novo homem, ele pode se tornar sua própria visão. Essa é a única prova de que a sua visão não é um sonho. O rebelde começa a transformar sua visão em uma realidade.

Eu quero que todos vocês sejam rebeldes.

Por isso eu não acredito em organização. Não quero que vocês tenham outra religião, outra ideologia, porque isso será simplesmente uma repetição dos antigos padrões. Vocês podem estar juntos sem quaisquer condições, sem qualquer obrigação, apenas por pura amizade. Nenhuma ideologia os domina, mas apenas puro amor – porque vocês estão no mesmo caminho, descobrindo a si mesmos, descobrindo se a visão de um novo ser humano pode se tornar ou não uma realidade. Vocês podem ajudar uns aos outros, vocês podem apoiar uns aos outros, vocês podem encorajar uns aos outros.

Há momentos em que o encorajamento é necessário, porque mudar – mudar totalmente – não é uma tarefa fácil. Muitas vezes, a mente quer recair em seus antigos padrões, antigos hábitos. Por isso a comuna. A comuna não é uma sociedade alternativa, não é mais uma

organização. É algo totalmente novo. É uma união amorosa de viajantes companheiros que estão todos trabalhando sobre si mesmos. Mas 5 mil pessoas todas trabalhando sobre si mesmas criam uma atmosfera de grande encorajamento – você não está sozinho. E, se 5 mil pessoas estão tentando, há esperança. Você consegue ver pessoas que estão mais à frente do que você, consegue ver pessoas atrás, em todos os degraus da subida. Isso deixa claro que seres humanos exatamente como você estão abrindo o caminho, mudando a si mesmos. Então, seu desafio individual é não ser um covarde e recair em antigos hábitos. Você não pode recair nos antigos hábitos porque 5 mil pessoas o estão observando e elas são muito otimistas em relação a você. Elas depositaram grandes esperanças em você, elas veem que o nascer do sol não está distante.

Sim, está muito escuro agora, mas para encontrar a luz você não precisa voltar. Para encontrar a luz você tem que ir em frente. Quanto mais escura a noite, mais próxima está a manhã, e alguns já alcançaram a manhã. Você consegue enxergar a luz do sol nos olhos dessas pessoas, você consegue enxergar as flores de seus seres florescendo. Você consegue sentir a fragrância que é liberada. Então, é apenas uma questão de um pouco mais de paciência, um pouco mais de coragem.

A rebelião continua sendo individual. Os rebeldes podem viver juntos; eles podem criar uma atmosfera, um meio, um *buddhahfield* onde o despertar se torna mais fácil. Mas eles não são organizados, não estão vinculados a nenhuma crença. Eles são indivíduos livres; por livre escolha eles se juntaram a estes buscadores do nascer do sol.

Você me pergunta: “Qual é a diferença entre a reação e a ação, no que se refere à pessoa rebelde?”. A pessoa rebelde não tem reação, ela é apenas ação. O revolucionário só tem reação, ele não tem nenhuma ação. A diferença é significativa.

Poucos dias atrás recebi uma carta de uma mulher idosa que é presidente da Associação dos Ateístas dos Estados Unidos. Ela deve ser a mais velha ateísta do mundo todo, porque eu conheci um homem na Índia, Gora, que era seguidor dela, e ele próprio era idoso. Ela tem aberto associações para ateístas em muitos países. Em algum programa de televisão ela deve ter me ouvido dizer que não existe Deus, e ficou imensamente feliz. Escreveu uma carta para dizer: “Você é certamente um homem de grande coragem. Embora eu seja muito

velha, gostaria de ver você, me encontrar com você, conversar com você”.

Eu disse à minha secretária para lhe escrever e dizer que ela era bem-vinda, mas que devia entender que eu não era um ateu: “Se ela vier aqui achando que eu sou um ateu porque declarei que não existe Deus, ficará desiludida. É melhor deixar isso claro”.

Para mim, ateísmo é reação, uma reação contra o teísmo. Há pessoas que acreditam em Deus, milhões de pessoas. Algumas pessoas reagem a isso e começam a *desacreditar* em Deus. Esta é uma reação. É possível comprovar isso muito facilmente através de um método simples. Se todos os teístas desaparecerem, se não houver nenhum teísmo no mundo, poderão existir ateístas? Eles eram secundários, eram simplesmente uma reação. Quando não há religiões e ninguém está dizendo que existe Deus, qual é a razão de desacreditar em Deus? Você vai parecer um pouco tolo. Com a morte do teísmo, automaticamente o ateísmo morrerá. Isso significa que o ateísmo era apenas uma sombra, não era em si uma realidade. Uma reação é uma sombra.

Quando eu digo que não existe Deus, não estou dizendo que eu descreito em Deus – mesmo para a descrença, Deus tem de existir. Acreditar ou desacreditar é uma escolha sua, mas Deus é necessário para ambas. Para o teísta ele é necessário, para o ateu ele é necessário. Eu estou simplesmente dizendo que não existe Deus, nunca existiu. Todos os teístas e ateístas estão errados. Aqueles que acreditam estão errados e aqueles que desacreditam estão errados.

Não acho que essa senhora virá. Eu adoraria que ela viesse, porque em toda a sua vida ela não deve ter encontrado um homem que não é nem teísta nem ateu. Porque, se não existe Deus, não há razão de ser uma coisa ou outra. Acho isso simplesmente estúpido: se não existe Deus, então uma pessoa está desperdiçando toda a sua vida estabelecendo associações de ateístas no mundo todo. Isso é puro desperdício da sua própria vida! Se não existe Deus, então por que se importar com isso? Mas, não, isso se tornou toda a vida dela. Mas apenas negar, apenas desacreditar não deixa ninguém mais feliz.

Minha declaração de que não existe Deus é uma ação, não uma reação. Não estou falando contra ninguém; estou simplesmente dando expressão à minha própria experiência. Eu o busquei dentro de mim, e não o encontrei. Em vez disso, encontrei a divindade; encontrei a

consciência eterna. Encontrei a imortalidade, encontrei a luz eterna – mas não Deus.

Não acho que essa mulher jamais pensou em olhar dentro de si. Ela está simplesmente brigando com os teístas. Esses teístas são idiotas; lutando com eles você vai se tornar um idiota. A reação não pode levá-lo mais longe do que aqueles contra os quais você está reagindo.

O revolucionário é reacionário. Ele é contra a sociedade; é contra sua estrutura econômica, é contra seus estilos políticos. Ele é contra tantas coisas... toda a sua vida é negativa. Ela depende do fato de ser contra isto, contra aquilo, contra milhares de coisas. Há tantos não na vida do revolucionário... Mas você não consegue levar uma vida de bênção, de júbilo, partindo de milhares de não.

Um único sim é bem mais poderoso do que mil não. O não é vazio. Ele mostra a sua raiva, mostra a sua violência, mostra a sua destruição, mas não mostra que você tem qualquer coisa criativa com a qual vai contribuir para a vida e a existência.

Ação significa algo não relacionado a alguma coisa, mas oriundo do seu próprio silêncio, da sua própria espontaneidade. O rebelde não conhece a reação, ele conhece a ação. A ação significa sim.

O rebelde cria; ele dá à luz a si mesmo. Torna-se um novo homem, anuncia uma nova era. Ele se abre a todas as possibilidades, permite a si mesmo dimensões desconhecidas. Não é contra ninguém – o rebelde está simplesmente crescendo, assim como uma roseira que está crescendo. Vocês acham que ela está crescendo contra as pedras? Vocês acham que ela está crescendo contra alguém? Ela está crescendo, mas não como uma reação; ela está crescendo porque o crescimento é a sua natureza. Ela está crescendo para florescer, para trazer sua potencialidade à realidade. É um processo de realização.

Ação significa o processo de realização. A reação é simplesmente ódio, raiva, inveja, violência, destruição. Essas não são as qualidades a serem valorizadas. Então, na minha visão, o revolucionário não tem valor, só o rebelde. E, vocês podem ver... Sócrates não é um revolucionário, ele é um rebelde. Gautama Buda não é um revolucionário, é um rebelde. Heráclito não é um revolucionário, é um rebelde. E essas são as maiores alturas que a humanidade já alcançou.

Os revolucionários estão no mesmo terreno que aqueles aos quais eles se opõem. Eles têm de estar no mesmo terreno para lutar com seus oponentes. O rebelde não está lutando contra ninguém. O rebelde

está se libertando para poder crescer, crescer para o seu próprio destino. O rebelde tem uma beleza; o revolucionário é um político, um criminoso social. O rebelde é o único homem santo, ele é sagrado.

Mas, no momento em que você começa a organizar a rebelião, você muda o seu caráter, que se torna revolução. Não é mais a mesma coisa. Por isso eu tenho que insistir repetidas vezes... a tendência a organizar está muito profundamente enraizada, porque existe há milhões de anos. E é preciso coragem para estar só.

Estar só... mas você pode estar junto de pessoas que também estão tentando estar sós. Essa união é apenas uma amizade de dois companheiros de viagem. Não há condições. Isso não faz de você um cristão, um hindu, um budista. Você continua sendo você mesmo, o outro continua sendo ele mesmo ou ela mesma. Este é o único respeito esperado dos *sannyasins*: não destruir a dignidade da outra pessoa. Essa pessoa é tão valiosa na existência quanto você. Não é preciso impor suas ideias a ninguém. Quem é você? Que autoridade você obteve para impor suas ideias aos outros? Você pode compartilhar, pode falar, pode abrir seu coração. E se o outro sente que algo está em sintonia com ele, e escolhe aquilo, é decisão dele, não imposição sua.

Os revolucionários estão tentando impor suas ideias aos outros. Estão fazendo a mesma coisa que as antigas religiões vêm fazendo. Por isso eu categorizo o comunismo como uma das religiões; não há diferença. Não importa que o comunismo não acredite em Deus, porque há religiões mais velhas que não acreditam em Deus: o budismo não acredita em Deus, o jainismo não acredita em Deus. Então, isso não constitui um problema. Uma religião é algo que você tenta impor aos outros. É um esforço para converter as pessoas, é sempre missionária.

Um rebelde nunca é um missionário, ele é sempre um amigo. Ele pode convidá-lo a conhecer seu ser mais íntimo e, se você enxergar algo adequado, útil para si mesmo, que irá nutri-lo, tornar sua busca mais fácil, você pode escolhê-lo. Mas isso surge na sua liberdade – ninguém o está convertendo. É assim que deve ser na comuna. Você não precisa acreditar em qualquer coisa que eu lhe diga. Tem apenas que estar disponível, aberto a ela para poder decidir. A decisão tem de ser sua. E, se for adequada a você, se de repente soar um sino dentro do seu coração, então eu não sou mais responsável por isso: o sino está tocando no *seu* coração. Mas, se não for adequada a você, meu

amor por você permanece o mesmo porque ele não se baseia na sua conversão.

Na verdade, cada indivíduo tem de ser único. Essa é a prerrogativa dos seres humanos: serem únicos. Todas as religiões, todas as ideologias políticas, todos tentaram destruir esse privilégio. Eu quero encorajar seu privilégio. De maneira nenhuma eu devo interferir na sua individualidade. Sua liberdade é absoluta, o seu valor mais alto.

Você pode, por favor, me dizer algo mais sobre a violência como expressão de rebelião?

A violência nunca pode ser uma parte do espírito rebelde pela simples razão de que a violência é todo o passado da humanidade – e o rebelde quer se desconectar do passado. Há milênios a violência tem sido o modo de vida. Direta ou indiretamente, nós temos vivido submetidos à violência. E a violência, reduzida aos seus princípios básicos, é irreverente com relação à vida.

Para mim, a pessoa religiosa, a consciência religiosa, não é nada além de uma profunda reverência pela própria vida – porque não há Deus além da vida, não há paraíso além da consciência. A violência é uma violação tanto da vida quanto da consciência. É destrutiva.

O rebelde é um criador. Toda a sua filosofia é aquela da criatividade. Nós temos vivido há tanto tempo na destruição, e qual foi o resultado disso? Por isso eu tenho feito uma distinção nítida entre o rebelde e o reacionário. E tenho também feito uma distinção entre o rebelde e o revolucionário.

O reacionário é a categoria mais baixa. Ele nunca consegue se desconectar do passado. O passado é a sua orientação. O reacionário reage contra ele. Mesmo que você seja a favor ou contra, o passado permanece sendo a sua referência, o seu contexto.

O revolucionário está numa posição um pouco mais elevada que a do reacionário. Ele não reage apenas, também tem sonhos com o futuro, tem suas utopias. Mas, no que diz respeito à violência, ao longo dos tempos o revolucionário tem achado que os fins certos podem ser atingidos mediante meios errados. Eu refuto esse ponto de vista. Os fins certos só podem ser atingidos mediante os meios certos. Mediante a violência não se consegue atingir uma humanidade pacífica, silente, amorosa. A violência estará nas raízes, e irá

envenenar toda a sua superestrutura.

O rebelde tem de ser necessariamente não violento. A menos que ele seja não violento, não poderá ser o veículo de uma humanidade pacífica, sem guerras, sem classes. Se você planta as sementes da violência, não pode prever e esperar que as flores não sejam afetadas pela violência. Essas flores vão surgir das sementes que você plantou. Assim, cada revolução violenta criou outra sociedade violenta, outra cultura violenta. É deplorável ver que ainda necessitemos de exércitos, que ainda necessitemos de armas nucleares. É indigno ver que necessitamos do policial, do tribunal e da cadeia. Uma humanidade melhor, um ser humano mais consciente, vai se livrar de todo esse absurdo que nos cerca e polui todo o nosso ser.

O rebelde não pode ser indiferente. Ele não pode ser um seletor, não pode escolher algumas coisas do passado e não escolher algumas outras coisas. O passado como um todo tem de ser completamente negado. Só então poderemos nos livrar da barbárie na humanidade – da crueldade, da violência e de um desrespeito profundamente enraizado pela vida e pela existência.

Minha abordagem é a da reverência à vida.

O rebelde estará pronto para morrer, mas não estará pronto para matar. É um orgulho do homem morrer por uma causa; é animalesco matar alguém, por maior que possa ser a causa. Ao matar, você a corrompeu completamente. E, olhando de um ponto de vista prático, o rebelde é um indivíduo contra o mundo todo. Se ele optar por ser violento, será esmagado. O inimigo – o passado – tem poderes muito mais violentos em suas mãos.

O rebelde tem que confiar no amor, tem que confiar na meditação, tem que ter consciência da sua imortalidade – sabendo que o seu corpo permanecerá intocado mesmo que seja crucificado. Aqui eu não estou falando apenas da rebelião política. Estou falando do rebelde individual – um fenômeno espiritual, não uma entidade política. E nenhuma espiritualidade pode aceitar a violência como um meio de atingir um fim.

A violência está simplesmente fora de questão no que se refere à minha rebelião, à minha visão do rebelde. Ele não pode destruir – já destruimos o suficiente. Ele não pode matar – já matamos o suficiente. Chegou o momento de pararmos com este modo de vida totalmente estúpido. Temos que sair desta escuridão e ir para a luz. Mesmo que

isso custe a sua vida, é perfeitamente bom... porque o meu rebelde será basicamente um meditador.

Não estou concebendo o meu rebelde sem meditação – essa é a sua experiência essencial. E, uma vez que você entenda que é imortal, quem está preocupado em ser morto? E se milhões de meditadores estiverem prontos para abrir o peito diante das armas do velho e podre passado, há uma possibilidade: talvez isso possa também provocar uma mudança no coração dessas pessoas que têm essas armas destrutivas em suas mãos.

A rebelião não tem sido experimentada em uma vasta escala. Com o esforço de milhões de pessoas meditando, amando o silêncio e a paz e destruindo todos os tipos de discriminações que criam violência, estaremos criando o espaço, a interrupção, a descontinuidade que pode salvar o homem e a vida neste planeta.

Ouvi você dizer que basta apenas sermos, que não precisamos fazer nada para estar em Deus. Tenho uma sensação premente de que preciso “fazer” algo para me tornar digno, contribuir, dar alguma coisa. E você diz que Deus está dentro de mim – eu percebo que estou procurando dentro de mim algum conceito que recebi de fora. É como olhar para dentro de um poço à noite. Eu vejo reflexos e acho que é o fundo, mas é somente a superfície. Mesmo quando sei que preciso apenas relaxar e esperar em vez de buscar algo, ainda assim estou esperando por meus próprios conceitos daquilo que deve acontecer. Por favor, comente isso.

A primeira coisa – a mais fundamental – a ser entendida é que você já está em Deus. A questão não é estar em Deus, você já está lá. Assim como o peixe está no oceano, você está em Deus. Deus significa simplesmente a existência, o que existe.

Para os antigos hebreus, a palavra *God* (Deus) significa aquilo que é. “G” representa *aquilo*, “O” representa *que* e “D” representa *é*: aquilo que é. A palavra *God* é extremamente importante. Ela não indica uma pessoa, indica apenas uma presença. E a presença está em toda parte! A vida é sinônimo de Deus, o universo é sinônimo de Deus. *Estar* é estar em Deus – não há outra maneira. Respirar é respirar em Deus – não há outra maneira. Dormir é dormir em Deus e acordar é acordar em Deus – não há outra maneira. Você pode escolher dormir, e ainda

assim você está em Deus. Você pode escolher esquecer Deus, e ainda assim você está em Deus. Você pode escolher negar Deus, e ainda assim você está em Deus. Não estar em Deus é a única coisa impossível... a única coisa impossível, eu digo.

Então, não é uma questão de se tornar digno. Mas eu não estou dizendo para você não se tornar digno. Não estou dizendo para você ser preguiçoso, ruim. Não estou dizendo para você se tornar um escapista. Não estou dizendo para não contribuir para a existência. Mas a sua contribuição para a existência não deve ser um meio para atingir Deus. É isso que eu estou dizendo. Sua contribuição para a existência deve ser de gratidão por já estar em Deus. Não deve ser um meio para atingi-lo, porque você já está lá. Deve ser uma inundação de alegria porque você já está lá. Fique bem consciente da distinção.

Compartilhe a sua alegria, o seu êxtase. Torne a vida tão bela quanto for possível. Em agradecimento pelo que a existência escolheu para você, pelo que lhe foi permitido ser, por você ter recebido a vida. O que mais você pode fazer? Se você consegue cantar uma canção, cante-a com toda a sua emoção! Se consegue pintar, pinte, e coloque todo o seu coração na pintura. Se você consegue dançar, perca-se nos movimentos até desaparecer completamente na dança, até que não exista mais nenhum dançarino, e apenas a dança permaneça.

Mas deixe-me lembrá-lo de que esses não são meios de atingir Deus. Esses são apenas seus pobres agradecimentos, sua sincera gratidão. A oração é verdadeira quando surge da gratidão. A oração é falsa quando é apenas um meio para persuadir Deus, para seduzir Deus, para pedir algo – mesmo que você esteja pedindo a própria divindade, também sua oração está repleta de desejo. E a oração fica pesada demais quando está repleta de desejo, não consegue ter asas. Só consegue tatear na escuridão da terra. Não consegue voar alto no céu iluminado pelo sol.

Quando a oração é desprovida de desejos, ela tem asas, pode atingir o derradeiro. E quando a oração é desprovida de peso, quando surge do agradecimento, não desejando nada senão mostrar sua gratidão por tudo o que já foi feito para você...

Você diz: “É suficiente para nós apenas sermos? Mas eu tenho esta sensação premente de que preciso fazer algo para ser digno, contribuir, dar...”.

Não é uma sensação premente, é apenas o que a sociedade

condicionou em vocês. A sociedade tem lhes dito isso continuamente, persistentemente, todos os dias, desde a sua mais tenra infância – na escola, no colégio, na universidade, na igreja, o sacerdote, o político, os pais, o professor. Todos estão juntos em uma única conspiração para lhes dar a ideia de que vocês são indignos da maneira que são. Vocês têm de fazer alguma coisa, têm de mostrar que são dignos, e só assim serão dignos.

Esta é a estratégia da sociedade para explorá-los, esta é a maneira feia de a sociedade transformá-los em escravos – não em criadores, mas em escravos. Mas vocês foram condicionados a maneiras belas e sofisticadas. Belas palavras encobrendo realidades muito feias. A feia realidade é que a sociedade quer usá-los como escravos, a sociedade quer manipulá-los, a sociedade quer controlá-los. E consegue isso de duas formas.

Lá fora está o Estado, o policial, o magistrado; eles impõem as leis, mas as leis nunca podem ser absolutas e o homem sempre consegue maneiras de desafiá-las. Então, a sociedade cria outra salvaguarda: cria uma consciência em vocês, continua os hipnotizando, dizendo repetidamente que vocês têm de ser dignos. E a criança desamparada não tem outra maneira senão obedecer, senão se render. Toda a sua vida está em jogo, a criança não consegue sobreviver sozinha. Ela depende dos pais. Ela tem que observar continuamente o que eles querem, o que apreciam, o que é recompensado por eles. Se é recompensada por eles, então ela sente-se digna, sente-se bem. Se é punida por eles, ela se sente indigna, sente-se mal consigo mesma.

Devagar, muito lentamente, a ideia se assenta, penetra fundo em seu coração, torna-se quase sua segunda natureza, de que apenas ser não é suficiente. As árvores são suficientes, os animais são suficientes, as aves são suficientes – apenas o homem tem esta ideia estúpida de que simplesmente ser não é suficiente. É uma tática muito ardilosa para destruir a liberdade do indivíduo, para destruir o autorrespeito do indivíduo, para criar no indivíduo um profundo sentimento de culpa. Isso certamente penetrou muito fundo – tão fundo que vocês o interpretam mal como sendo uma “sensação premente”. Não é de modo algum uma sensação premente.

Mas lembrem-se de que eu não sou contra ser criativo. Sou totalmente a favor disso. Quero que o meu povo seja criativo – mas por uma razão totalmente diferente, com uma intenção totalmente

diferente, com um motivo totalmente novo. Quero que todos vocês sejam criativos; não quero que fujam para os mosteiros – quero que vivam no mundo e vivam plenamente, e vivam todo o espectro da vida. Usem todo o seu potencial para se expressarem! Floresçam de todas as maneiras possíveis! Porque só assim vocês vão se sentir plenos. Mas isso não deve ser um meio para atingir algo. Tem de ser apenas uma expressão da sua alegria, da sua celebração. Então a qualidade muda.

Quando vocês usam algo como um meio, não estão realmente interessados nele. Por exemplo, se você está pintando um quadro apenas para ser admirado, seu foco está na admiração, não na pintura; seu coração não está ali. Você já está imaginando, sonhando com o modo como será apreciado. E, como sua preocupação constante é o quanto será apreciado, pintará algo que não surgirá de você espontaneamente – pintará algo de que é provável que os outros gostem. Você irá pintar de acordo com eles. Você se tornará um pintor muito pobre. Não permitirá que o seu talento aflore, porque o talento não é facilmente apreciado – lembre-se disso. Quanto mais talentoso você for, quanto mais genuína for a sua inteligência, menor a possibilidade de ser facilmente apreciado. A maior possibilidade é que venha a ser condenado. Por quê? Porque uma pessoa talentosa traz algo novo ao mundo, tão novo que os antigos critérios não se aplicam a ela. E os antigos critérios estão profundamente enraizados na mente humana; não conseguem desaparecer facilmente.

O gênio tem de criar não apenas sua poesia, sua pintura, sua dança, sua música; ele também tem de criar novos critérios pelos quais possa ser julgado. Vincent van Gogh não foi apreciado em sua época – um dos maiores pintores que o mundo já conheceu. Ele viveu na mais absoluta pobreza; seu irmão o sustentava. Mas seu irmão também não era muito favorável à sua pintura, porque ela não estava sendo remunerada – ora, qual a razão de fazer algo que não seja remunerado? Além disso, por causa de suas pinturas, as pessoas costumavam achar que Van Gogh era louco. Ele estava pintando de uma maneira tão nova... de uma maneira como nunca se havia pintado antes. Ele tinha a sua própria visão. Ele era um gênio! Em suas pinturas, as árvores são tão altas que atingem as estrelas; as estrelas estão muito perto e as árvores crescem até muito longe. Então, quem iria apreciar essa pintura?

Qualquer criança poderia dizer: “Isto é bobagem! As estrelas não estão tão perto, e as árvores... quem já viu árvores tão altas, quase atingindo as estrelas?”. Mas Vincent van Gogh costumava dizer: “Quando eu vejo uma árvore, a minha sensação é a de que a terra está tentando alcançar as estrelas, ir além das estrelas, através das estrelas. Estas são as mãos da terra tentando atingir o desconhecido, o transcendental. E eu amo a minha terra, por isso minhas estrelas são pequenas e minhas árvores são grandes. Eu sou parte desta terra; eu também sou uma mão da minha terra. Para mim, as estrelas são pequenas”.

Essa não é uma questão de astronomia, de física, de matemática; é uma visão totalmente diferente. As árvores são vistas como ambições da terra, casos de amor da terra com o céu. Mas quem iria apreciar Van Gogh? Em uma de suas pinturas o sol está pintado de preto. Ora, quem já viu um sol negro? Mas ele costumava dizer que o sol que brilha fora é negro em comparação com o sol que está dentro. É uma comparação. Kabir vai concordar. Kabir diz: “Eu vi o sol interno, então soube que o sol externo é apenas um buraco negro. Quando eu vi a minha vida interior, eu soube que a vida exterior nada mais é que um novo nome para a morte”.

No momento em que o interior é conhecido, as estrelas exteriores começam a desvanecer. Ora, Van Gogh está falando de uma maneira mística – ele é um místico –, mas quem entenderá suas palavras? Vai demorar anos para as pessoas entenderem. Van Gogh viveu e morreu não admirado, desconhecido. Ele permaneceu absolutamente desconhecido por muito tempo.

Vocês ficarão surpresos em saber que atualmente suas pinturas são tão valiosas que nenhuma outra pintura pode competir com elas. Nem as pinturas de Picasso são tão valiosas – milhões e milhões de dólares por um único quadro. Em sua própria época, em sua vida inteira, Van Gogh não conseguiu vender um único quadro. Ele tinha que distribuir seus quadros entre os amigos, ou para o homem que costumava lhe dar uma xícara de chá pela manhã gratuitamente. Esses mesmos quadros custam agora milhões e milhões de dólares. As pessoas descartavam as telas ou aceitavam por delicadeza, porque na opinião delas todas eram lixo. Então, por que colecioná-las?

Vincent van Gogh se suicidou quando estava com apenas 33 anos. Era-lhe impossível viver; ele não conseguia ganhar nem um centavo.

Seu irmão costumava lhe dar dinheiro, mas apenas o suficiente para ele existir, sobreviver. Ele precisava de dinheiro para pintar – para as telas, tintas e pincéis. Então, este era o seu arranjo: ele recebia dinheiro todo domingo para uma semana, e então, toda semana, durante três dias, ele comia e, durante quatro, jejuava, para que o dinheiro fosse economizado para comprar telas, tintas e outras coisas de que precisava.

Para mim, o jejum de Van Gogh é muito mais importante do que todos os jejuns que já foram feitos por seus chamados santos. Este jejum tinha em si algo belo, algo espiritual. Quando seus chamados santos jejuam, isto é um meio; eles estão jejuando para poder alcançar o céu e desfrutar de todas as alegrias celestiais. Mas o jejum de Van Gogh tinha uma qualidade totalmente diferente: era o seu amor por criar.

E por que ele se suicidou? Isso também tem uma enorme significância, não foi um suicídio comum. Na verdade, um homem como Van Gogh não consegue fazer nada de uma maneira comum. Ele cometeu suicídio porque disse: “Tudo o que eu quis pintar, eu pinteí. Agora, apenas existir não tem sentido. Eu dei o que vim para dar, agora posso voltar para a fonte original. Não há mais necessidade de viver no corpo. Eu contribuí”.

Anos e anos se passaram, então pouco a pouco ele passou a ser admirado. Agora é considerado um dos maiores pintores do mundo.

Tem sido assim com todos os gênios: em sua própria época eles foram condenados – condenados pelas massas, condenados pela multidão, condenados pelos sacerdotes, condenados pelos políticos. Eles só foram admirados por muito poucas pessoas – sensíveis, receptivas, inteligentes –, só por muito poucas pessoas que tinham a capacidade de enxergar algo que é novo, desconhecido, que nunca aconteceu antes. Só por muito poucas pessoas que conseguem colocar suas mentes de lado e olhar.

Eu gostaria que vocês fossem criativos, mas não se incomodassem em ser apreciados, não se incomodassem em ser famosos, em fazer um nome por meio da fama. Sempre que a motivação é obter algo em troca da criatividade, você não está mais interessado na criatividade. Você se torna um técnico; não é mais um artista. Você pode pintar e realizar uma pintura perfeita, tecnicamente perfeita, mas ela não terá alma, não será viva, porque você não estará ali. Você estará olhando

em volta esperando que os admiradores cheguem. E sempre pintará com essa intenção, para que eles possam admirar suas pinturas.

Há pessoas que dizem apenas aquilo que as outras querem ouvir. Essas pessoas serão muito famosas, conhecidas, admiradas, respeitadas, mas são medíocres. O gênio fala o que sai do seu coração; ele não está ligando a mínima se alguém vai gostar ou não vai gostar. Ele fala com franqueza, fala diretamente – nunca pensa nos resultados e nas consequências.

Seja criativo nesse sentido e a sua criatividade vai se tornar uma oferta a Deus. Deus lhe deu muitos presentes; algo tem de ser feito, apenas em profundo agradecimento. Porém, lembre-se: sem nenhum motivo, não como um meio, mas como um fim em si. A arte pela arte, a criação pela criação, o amor pelo amor, a oração pela oração. É assim que, lentamente, alguém se torna religioso. A pessoa religiosa vive o momento; ela não se preocupa com o futuro, nem mesmo com o momento seguinte. Quando chegar a hora, o futuro chegará. Ela não se prepara para o futuro. Ela vive este momento, e deste momento nascerá o próximo. E se este momento estiver sendo bonito, se este momento estiver sendo uma bênção, o próximo será, é claro, uma bênção mais profunda, uma graça maior.

Você disse: “Tenho a sensação de que preciso *fazer* algo para me tornar digno...”. A necessidade de fazer pode ser uma sensação premente, porque temos demasiada energia e a energia quer dançar, a energia quer pintar, a energia quer cantar, a energia quer FAZER alguma coisa. Mas esta não pode ser uma sensação premente: “Eu preciso *fazer* para me tornar digno”. Essa é uma sensação que foi colocada dentro de você – como os cientistas colocam eletrodos no cérebro de uma pessoa para poder manipulá-la. Da mesma maneira, a sociedade tem caminhado ao longo dos tempos, e isso cria uma consciência em você: “Faça isto, isto é o certo, aprovado, respeitado. Não faça isso, isso é indigno de você. Você será condenado se fizer isso”. E uma espécie de divisão é criada dentro de você entre o certo e o errado, entre o “deve” e o “não deve”.

O problema é que nenhum “deve” pode jamais ser um fenômeno fixo; o “deve” muda com a vida. Nenhum certo é sempre certo, nenhum errado é sempre errado, e por isso decidir de antemão é perigoso. Eu não ensino esse tipo de consciência a vocês; consciência significa que certo e errado são como coisas, estão definidos: Isto é

uma rosa e aquilo é uma flor de lótus, e isto é uma pedra e aquilo é um diamante – definidos. Definidos para sempre! Mas o certo e o errado não são coisas. Eles mudam. A vida é um fenômeno parecido com um rio. O que é certo hoje pode não ser certo amanhã.

Um mestre zen perguntou ao seu discípulo: “O que é Deus?”.

O discípulo se curvou e permaneceu em silêncio. O mestre o abençoou e disse: “Isto é bom. Estou feliz”.

No dia seguinte, novamente, o mestre perguntou ao discípulo: “O que é Deus?”.

É claro que agora o discípulo havia aprendido; então, curvou-se, numa reverência ainda mais profunda, permaneceu em silêncio, até fechou os olhos. E o mestre deu-lhe uma pancada forte na cabeça e disse: “Você é um estúpido!”. O discípulo ficou confuso. Ele disse: “Mas o que aconteceu? Ontem o senhor estava tão feliz, e a minha reação foi a mesma... até melhor que a de ontem!”.

O mestre disse: “Foi aí que você errou: ontem foi ontem, hoje é hoje. Agora você está simplesmente repetindo uma fórmula pronta. Você não está sendo verdadeiro, não está sendo espontâneo, não está sendo responsável. Agora você aprendeu um truque. Como a mesma resposta pode estar certa hoje? Vinte e quatro horas se passaram e muita água desceu o Ganges!”.

A existência é dinâmica, não é estática – não é um lago estagnado. É um fluxo constante, contínuo. Nenhuma resposta pode jamais ser fixa – e é aí que a sociedade o engana. Ela lhe dá respostas fixas. Uma coisa é boa nas respostas fixas e por isso nos apegamos a elas; elas lhe dão uma espécie de certeza, garantia, segurança. Você pode permanecer certo de que está certo. Mas a vida continua mudando, e o seu “certo” permanece fixo. Então, toda a sua vida se torna uma infelicidade, porque suas respostas nunca são compatíveis com as perguntas. Toda a sua vida se torna um esforço para encaixar tampas quadradas em buracos redondos. E durante toda a sua vida você continua tentando, e isso é muito frustrante. A razão para isso é que você nunca vê que a vida está mudando.

A pessoa realmente consciente muda com a vida. A pessoa realmente consciente não pode se permitir ser consistente. A consistência é parte de uma mente medíocre. Não estou dizendo que vocês devam ser deliberadamente inconsistentes; estou simplesmente declarando um fato, que ser consistente significa ser estúpido, ser

consistente significa permanecer com o passado, estar cego para o presente. Se vocês olharem para o presente, terão que mudar com a vida.

Assim, vocês vão encontrar mil e uma contradições nas declarações de Jesus, e o mesmo acontece com Gautama Buda. E isso sempre tem acontecido com as pessoas iluminadas, porque elas não têm nenhuma resposta pronta. Vocês anseiam pela resposta pronta porque podem recorrer a ela, podem segurá-la firme em suas mãos e podem ter a certeza.

Vocês sofrem de incerteza – e a incerteza é a natureza da vida. A certeza faz parte da morte. Tenham certeza e estarão mortos. Permaneçam fluindo, permaneçam incertos, permaneçam disponíveis às circunstâncias modificadas, e permanecerão cada vez mais vivos.

Estar totalmente vivo significa viver o momento sem nenhuma interferência do passado. Então, você responde ao momento e a resposta vem da consciência em si, e não do que você chama de consciência. Essa consciência é um engano; é um truque social. A sociedade criou essa consciência. E a função do mestre é destruir sua consciência para que a consciência em si seja liberada.

Sua sensação premente não é uma sensação premente. Você foi enganado. Não há necessidade de fazer coisa alguma para ser digno – você já é digno. Se não fosse digno, não estaria aqui. Deus lhe deu a vida, ele criou você – deve ter visto algum valor em você. Se você fosse indigno, Deus não seria um criador muito original; e então também não seria um grande criador! Como ele pode criar uma pessoa indigna?

A sociedade os torna indignos, porque essa é a única maneira de explorá-los: fazer com que se sintam indignos. Então, vocês se esforçarão para se tornarem dignos porque essa é a única maneira de ganharem respeito próprio. E para serem dignos vocês seguem os ditames da sociedade.

A sociedade cria o medo em vocês – medo de ser indigno, medo de ser condenado, medo de ser deixado só, medo de ser ninguém, medo de ser anônimo. E então vocês estão prontos para ceder, para se curvar diante de qualquer tipo de absurdo.

Os pais de Simon ficaram desesperados quando ele foi expulso da escola. Tentaram enviá-lo para todas as escolas da cidade – privadas, públicas, progressistas, academia militar... –, mas ele não tinha interesse. Finalmente,

tentaram uma escola católica. Quando Simon voltou para casa com seu primeiro boletim, seus pais ficaram surpresos em ver um boletim excelente.

“O que aconteceu?”, perguntaram-lhe.

“Bem”, respondeu ele, “quando eu vi aquele pobre sujeito pregado na cruz em toda parte, soube que eles não eram de brincadeira!”

Criar medo... criar quanto medo puder. Essa tem sido a política da sociedade. Os infernos foram criados apenas para aprisionar vocês; os céus foram criados apenas para recompensar aqueles que seguirem os ditames. Tudo isso é imaginário: não existe inferno, não existe céu. Mas essas recompensas e punições são estratégias sutis. E funcionaram até agora, e destruíram toda a dignidade humana.

Isso que você fala não é uma sensação premente, que vem das entranhas. Sua sensação premente e a consciência criada pela sociedade se misturaram. A sensação premente é a de FAZER alguma coisa – sim, essa é uma sensação que vem das entranhas. Quando a energia está presente, a pessoa quer fazer alguma coisa; isso é natural. A energia quer ser expressada. Mas com a motivação de ser digno... essa é a parte da consciência, que está misturada com sua “sensação premente”. Que isto fique bem claro para você.

Vocês têm sido confundidos pela sociedade de todas as maneiras possíveis. Ficaram tão confusos que têm de depender de alguém. Ou vocês procuram o sacerdote – antigamente, vocês costumavam procurar o sacerdote. Na Índia as pessoas ainda vão procurar o sacerdote. No Ocidente, surgiram novos sacerdotes: o psicoterapeuta, o psiquiatra, o psicólogo. E o milagre é que o sacerdote está exatamente na mesma situação que vocês, talvez até mais confuso do que vocês. Ainda assim vocês o procuram para encontrar um bom conselho. Sim, ele repete o bom conselho como um papagaio. Seu psicoterapeuta, seu psiquiatra, seu psicanalista podem estar profundamente ansiosos, mais tensos ainda do que vocês.

A noite passada um dos meus *sannyasins* me perguntou: “Osho, na última vez em que vim aqui você me disse: ‘Olhe para o lado mais iluminado da vida, conte as rosas, ignore os espinhos. Eles estão ali, observe-os, mas não preste muita atenção neles’. Mas meu psicanalista disse: ‘Isso é perigoso, isso vai reprimir suas emoções’. Então, estou confuso... o que fazer?”.

Eu lhe disse: “Espere apenas alguns dias que o seu psicanalista estará aqui...!”. Mas eu não sabia que esse *sannyasin* era ele próprio psicanalista. Mais tarde meu caseiro me disse que aquele homem era psicanalista. Ora, um psicanalista ir a outro psicanalista – para quê? E este outro pode estar indo a outro psicanalista.

O fundador da psicanálise, Sigmund Freud, foi uma das pessoas mais patológicas que vocês possam imaginar – muito supersticioso. Se procurarem sua biografia, vão rir ao ver como tal homem pôde se tornar o fundador da psicanálise. Como esse homem pôde ser digno de confiança, como as pessoas acreditavam que o que ele dizia era verdade.

Um de seus amigos deu-lhe a ideia de que, assim como cada mulher tem um período de 28 dias quando chega sua menstruação, exatamente da mesma maneira cada homem tem um período de 23 dias. Há alguma verdade nisso: não 23 dias, exatamente 28 dias. Agora se tem feito muita pesquisa sobre isso. Por quatro, cinco dias em que a mulher está menstruada, ela fica triste, depressiva, embotada, negativa. Exatamente assim, o homem também entra todos os meses em um estado negativo que dura quatro ou cinco dias. É claro que o período dele não é muito visível, mas existe; é um fato psicológico. Ele deve existir, porque os homens e as mulheres não são muito diferentes.

Assim, a ideia do amigo estava na trilha certa. Sigmund Freud, de repente, teve uma ideia. Deitado em sua cama, ele estava pensando sobre 28 e 23 e repentinamente uma ideia surgiu em sua mente: 28 mais 23 são 51, e ele não conseguiu dormir a noite toda. Na manhã seguinte, tinha a certeza de que iria viver 51 anos – uma enorme “sensação premente”. E começou a falar sobre isso: 28 mais 23 igual a 51 anos, e ele morreria.

O quinquagésimo primeiro ano veio e passou... e ele não morreu. Então, alguma outra coisa tinha de ser descoberta. No dia em que ele estava esperando morrer, seu número de telefone foi mudado e o final do número do telefone era 62. Então, ele disse: “Olhe, outra indicação: agora eu vou morrer com 62 anos”. Esse dia também chegou e passou. Mas pessoas como Sigmund Freud não são fáceis... elas vão encontrar uma coisa ou outra. Ele estava hospedado em um hotel e o número do quarto era 82, então ele disse: “Olhe, outra indicação do alto: aos 82 anos eu vou morrer. Isso é absolutamente certo”. E esse dia também

passou. Ele morreu com 83.

Que pessoa supersticiosa... Ele tinha muito medo da morte, por isso estava tão preocupado com ela. Tinha tanto medo da morte que cinco vezes em sua vida ele desmaiou em público porque alguém começou a falar sobre morte. Ele costumava cair duro no chão. Apenas pela ideia da morte! E essa pessoa patológica, neurótica, tornou-se o fundador da psicanálise.

Ele costumava projetar: o que fosse verdade para ele, ele achava que era verdade para todo ser humano. Esse é o próprio limite do absurdo. Tudo o que ele disse sobre o homem não é sobre o homem, é sobre Sigmund Freud. Sigmund Freud é um indivíduo único; ele não representa todos os seres humanos. Ninguém representa todos os seres humanos, ninguém jamais poderá fazê-lo.

Assim, talvez algumas pessoas sejam ajudadas pela psicanálise – muito poucas pessoas; raramente tenho visto uma pessoa que tenha sido ajudada pela psicanálise –, mas essas são pessoas do mesmo tipo que Sigmund Freud.

Muitas pesquisas foram feitas e descobriu-se que mesmo essas pessoas que são ajudadas não são ajudadas pela psicanálise, mas por outra coisa. Em um experimento, 25 pessoas passaram por sessões de psicanálise durante seis meses, e 25 pessoas ficaram apenas esperando e lhes disseram: “Logo suas sessões de psicanálise vão começar”. Todas elas estavam sofrendo do mesmo tipo de doença, e o resultado foi muito surpreendente. As 25 que passaram pelas sessões de análise foram um pouquinho ajudadas, mas as 25 que se mantiveram aguardando foram muito mais ajudadas. Simplesmente esperar ajudou-as muito mais. Na verdade, esse segredo era conhecido no Oriente e vinha sendo praticado há séculos. Se você leva um caso mental a um mosteiro zen, eles o colocam em isolamento durante três semanas; ninguém fala com você – exatamente o oposto da psicanálise –, ninguém fala com você, ninguém o escuta. Eles simplesmente o mantêm isolado. Alguém entra, em absoluto silêncio, coloca sua comida ali e vai embora. Você tem de conviver com você mesmo durante três semanas... e milagres têm ocorrido no correr dos tempos.

Pelo simples fato de ser colocado ali por três semanas, em isolamento, pouco a pouco o indivíduo se acalma – nenhuma psicanálise, nenhuma terapia, apenas isolamento. Na verdade, ele estava sofrendo demais com as pessoas, pelo estresse de estar o tempo

todo no meio de uma multidão. A psicanálise pode não ser a causa real da ajuda, mas a extensão do tempo – dois anos, três anos, quatro anos – que dura a psicanálise. O processo continua enquanto você puder pagar por ele; depende da pessoa. Se ela tem bastante dinheiro, pode continuar durante toda a sua vida. Na verdade, a psicanálise nunca chega a um término. Não pode chegar, porque a mente é muito criativa. Ela continua inventando cada vez mais bobagens. Ela começa a gostar, devagar, porque quanto mais bobagens ela cria mais feliz se sente o psicoterapeuta. Vendo-o feliz, a mente impõe mais. Quaisquer que sejam as expectativas do psicoterapeuta, o paciente as satisfaz.

Os pacientes são realmente pessoas pacientes, muito gentis, corteses. Eles são boas pessoas! Por isso estão sofrendo; não são pessoas rígidas – não são duras, mas maleáveis. E, porque são maleáveis, sofrem. As pessoas duras não sofrem; as pessoas duras fazem as outras sofrerem. As pessoas maleáveis tornam-se vítimas. Três, quatro anos deitada no sofá, falando bobagens, esperando, esperando, esperando – isso ajuda a pessoa a se desanuviar, ela se torna um pouco mais relaxada. E alguém a está ouvindo muito atentamente, ou pelo menos fingindo que a está ouvindo muito atentamente.

Minha própria observação é que a atenção do psicoterapeuta é de enorme valor. Este é um mundo em que ninguém lhe dá qualquer atenção. Se o marido quer conversar com a esposa, ela diz: “Há tanto trabalho a ser feito na cozinha... e os pratos têm de ser lavados e eu não tenho tempo”. Se a esposa quer conversar com o marido, ele está cansado depois de passar o dia todo no escritório, no trabalho, no trânsito, e quer assistir à TV. Uma pesquisa diz que a média do tempo de comunicação entre marido e mulher nos Estados Unidos é de apenas 33 minutos por dia – e essa é a média. E nesses 33 minutos você pode contar brigas, implicâncias, travesseiros atirados e todo tipo de coisa. Somente 33 minutos de comunicação entre marido e mulher... em 24 horas?

Surgiu uma grande necessidade de que alguém deva escutá-los. Por isso o psicoterapeuta ajuda – ele é um ouvinte profissional. Essa é a única qualidade que ele tem, realmente sua única qualificação. Uma pessoa pode iniciar o negócio – nenhuma outra qualificação é necessária – se sabe apenas uma coisa: como ficar ali do lado sentado, atento, ouvindo. Apenas ouvir atentamente vai ajudar. A pessoa

começa sentindo “Eu tenho algum valor. Alguém...”. E quanto mais pagou, mais isso ajuda, porque a pessoa que está escutando não é um psicoterapeuta comum, não é um qualquer. “É alguém especial, muito famoso, mundialmente conhecido – e está me ouvindo com tanta atenção?” A própria ideia proporciona valor. “Então, eu devo estar dizendo algo imensamente belo.”

A pessoa pode estar apenas tagarelando. É o que na psicotagarelice se chama de “livre associação”: qualquer coisa que lhe venha à mente a pessoa fala. Se essa tagarelice está sendo ouvida tão atentamente, uma grande necessidade está sendo preenchida – a pessoa se sente valiosa, se sente importante, se sente alguém.

Lembrem-se, esta sociedade os confundiu tanto que o homem está quase a ponto de ficar insano. Todo amor desapareceu, toda comunicação desapareceu, toda amizade desapareceu, toda sensibilidade estética desapareceu. As pessoas se tornaram zumbis. Elas falam umas com as outras, mas não conversam, não se conhecem. Esta sociedade é uma sociedade doente, e quando eu digo “esta sociedade” quero dizer todas as sociedades que existem no mundo. Mais ou menos, de uma maneira ou de outra, elas estão doentes. Porque no passado, durante séculos, estivemos criando um modelo do ser humano que está errado. Estamos dando ideais às pessoas e dizendo: “A menos que você satisfaça estes ideais, você nunca será digno”. E esses ideais são impossíveis. Estamos dando às pessoas ideias de serem perfeitas. E, quando a ideia de ser perfeito penetra em um ser, ele se torna um neurótico.

Aceitem suas limitações, aceitem suas imperfeições. É isso que significa ser um ser humano! E se aceitem como são – com alegria, não se sentindo impotentes. Porque a existência os aceita – este é o meu ensinamento básico –, a existência os aceita, então também se aceitem; amem a si próprios. Deixem que surja uma grande onda de autoestima. A partir desse amor vocês vão começar a se tornar criativos; uma pessoa que ama a si mesma está destinada a ser criativa. Não estou dizendo que você vai ficar famoso; não estou dizendo que você se tornará um Picasso, um Ezra Pound ou um Pablo Neruda – você pode se tornar, ou não. Mas isso é irrelevante! O importante é desfrutar da criatividade. O que quer que faça, faça com alegria. Coloque nisso toda a sua inteligência, seja meditativo no que faz.

E você continua: “E você diz que Deus está dentro de mim. Eu percebo que estou buscando dentro de mim algum conceito que recebi de fora”. Esse tipo de Deus você nunca vai encontrar dentro de você. Você tem de abandonar todos os conceitos que recebeu de fora, porque Deus não é uma pessoa. Não existe nenhuma figura de Deus, nenhuma estátua. Deus é uma experiência! Se tem a ideia de um Deus que seus pais e sua sociedade lhe deram, você vai entrar em si mesmo com essa ideia e essa ideia será o impedimento – ela não vai lhe permitir ver o que está ali. E é Deus que está ali. Não são necessários conceitos para ver; os conceitos cegam. Abandone todos os conceitos.

Se você realmente quiser entrar em si mesmo, entre como um agnóstico. Esta palavra é bonita. Você já deve ter ouvido a palavra *gnóstico*; *gnóstico* significa aquele que sabe – *gnose* significa conhecimento. *Agnóstico* significa aquele que não sabe; *agnóstico* significa aquele que só sabe uma coisa: que ele não sabe. Seja um agnóstico – esse é o início da verdadeira religião. Não acredite, não desacredite. Não seja um hindu, não seja um jainista e não seja um cristão; do contrário, irá eternamente tatear no escuro. A menos que você abandone todas as ideologias, todas as filosofias, todas as religiões, todos os sistemas de pensamento, e entre vazio dentro de si, sem nada nas mãos, sem nenhuma ideia... Como você pode ter uma ideia de Deus? Você não o conheceu. Simplesmente vá... com um grande desejo de conhecer, mas sem nenhuma ideia de conhecimento, com intensidade para conhecer, com um amor apaixonado para conhecer o que está lá, mas não leve consigo nenhuma ideia que lhe foi dada por outros. Deixe-as do lado de fora. Essa é a maior barreira para o buscador que está no caminho da verdade.

Deus está lá, mas você não consegue vê-lo porque seus olhos estão cegos pelos conceitos que lhe foram dados. Deus não é um judeu; então, se você tem uma ideia judaica de Deus não irá encontrá-lo. Eu ouvi uma bela história sobre um místico sufi, Farid:

Certa noite ele sonha que, pela graça de Alá, alcançou o paraíso. E todo o paraíso está decorado com milhões de luzes e flores em toda parte – alguma celebração está acontecendo – e uma bela música. Ele pergunta: “O que está acontecendo?”.

Eles dizem: “Hoje é o aniversário de Deus – nós estamos comemorando. Você chegou na hora certa”.

Então, ele fica de pé sob uma árvore para ver o que está

acontecendo, porque uma grande procissão começa a se mover na estrada. Um homem está montado num cavalo. E ele pergunta: “Quem é esse homem?”. E lhe respondem: “Você não o conhece? Ele é Hajrat Maomé”. E milhões e milhões de pessoas estão atrás dele, e ele pergunta: “Quem são essas pessoas?”. “Eles são muçulmanos, seguidores de Maomé.” E depois vem Jesus, e milhões o estão seguindo. E Krishna, em sua carruagem dourada, e milhões também o seguem. E assim por diante... a procissão continua, continua, continua.

Finalmente, chega um homem idoso sobre um velho burro. Ninguém está atrás dele, ele está só. Farid começa a rir, olhando para aquele homem – isso é hilário: ninguém o está seguindo. E por que estava ali, montado em seu burro? Ele pergunta: “Quem é o senhor? Eu vi Maomé, Cristo, Krishna, Mahavira, Buda... quem é o senhor? O senhor parece uma espécie de piada! E ninguém o está seguindo”.

E o velho muito tristemente e diz: “Sim, eu sou Deus. Este é o meu aniversário. Mas algumas pessoas se tornaram muçulmanas, algumas se tornaram cristãs, tornaram-se judias, outras, hindus... não sobrou ninguém para estar comigo”.

Absolutamente chocado, Farid acordou. No dia seguinte, disse aos seus discípulos. “Agora eu não sou mais muçulmano. O sonho foi uma grande revelação. Agora não faço mais parte de nenhuma religião organizada – sou simplesmente eu mesmo. Gostaria de estar com Deus, pelo menos uma pessoa o seguindo.”

Se tiver alguma ideia de Deus, você não conseguirá vê-lo. Sua própria ideia vai se tornar uma barreira. Abandone todas as ideias que você pegou de fora; só então você poderá entrar em si mesmo.

Você disse: “É como olhar para dentro de um poço à noite. Eu vejo reflexos e acho que é o fundo, mas é somente a superfície. Mesmo quando sei que preciso apenas relaxar e esperar em vez de buscar algo...”. Isso é verdade: permaneça com esse *insight*. Se estiver buscando algo, você não será capaz de vê-lo porque a simples ideia de buscar algo significa que você tem uma ideia do que está buscando. Buscar algo é um tipo de cegueira.

A visão só acontece quando você não está buscando nada em particular; você está apenas ali, aberto, disponível. Então, o que quer que seja será revelado. Não procure por Deus se quiser vê-lo. Simplesmente espere – relaxe e espere. Deus é um acontecimento! Se

you estiver em silêncio, aberto, amando o seu próprio ser, consciente, isso vai acontecer. A qualquer momento, quando você estiver na sintonia certa com a existência, vai acontecer.

Deus está aí, você está aí, só é necessária a sintonia certa. E é isso que estou lhe ensinando, a sintonia certa. O abandono de todas as ideologias ajuda a entrar na sintonia certa. E, quando você estiver sintonizado com a existência, então é o êxtase. Você chegou em casa.

Um dos espaços mais belos e relaxantes que eu conheço é o espaço do “sim”, e uma aceitação de mim mesmo e dos outros. Você gostaria de falar sobre o “sim” como parte da rebelião?

A conotação comum de rebelião será mais fácil com o “não” do que com o “sim”; será mais fácil com a desobediência do que com a obediência, será mais fácil com a dúvida do que com a confiança. Mas essa é a conotação comum da palavra. A rebelião da qual estou falando é certamente um “não” ao passado: a tudo o que é supersticioso, a tudo isso que prejudicou a humanidade, a tudo isso que impediu o crescimento da consciência humana, a tudo isso que tornou o mundo um inferno. Mas essa não é a parte básica da rebelião.

A parte fundamental da rebelião é o “sim”. Sim a um novo homem, sim a uma nova mulher, sim a um novo tipo de relacionamento amoroso, sim a um novo mundo sem famílias, sem nações, sem religiões; sim a toda a humanidade como uma família. Sim a um mundo de paz, amor, alegria – que para mim são os componentes básicos da religiosidade. Sim a um mundo repleto de canções, música, dança e criatividade.

A parte do não é muito pequena. A parte do não é apenas como demolir um velho prédio em que é perigoso viver, que pode cair a qualquer momento, que não vai durar muito tempo e é melhor demolir do contrário, ele vai matar pessoas. A parte do não é simplesmente a maneira como o escultor trabalha na pedra, cortando pedaços da rocha – essa é a parte do não.

Mas a parte do sim é a criação de um belo Gautama Buda, ou de um Jesus Cristo. Toda criação necessita de alguma destruição como uma preparação – alguma destruição das ervas daninhas para criar um roseiral. Esse tanto de não é absolutamente essencial, mas ele está a serviço do sim.

Você diz: “Um dos espaços mais belos e relaxantes que eu conheço é o espaço do sim”. Mas você não deve se esquecer de que um sim não pode existir sem um não preparando o caminho para ele. Esta é a dialética da vida: para que alguma coisa seja criada outra coisa tem de ser destruída. Não se consegue criar alguma coisa sem destruir outra.

Ouvi falar sobre uma velha igreja: ela era tão antiga que as pessoas pararam de entrar lá porque o edifício começaria a desmoronar se houvesse um vento forte. A construção era tão frágil que poderia cair a qualquer momento. Até o sacerdote começou a fazer seus sermões fora da igreja, bem distante, em campo aberto.

Finalmente, o conselho de administração se reuniu: algo tinha de ser feito. O problema era que a igreja era muito antiga – era a glória da cidade. Sua cidade era famosa principalmente por causa da velha igreja; talvez fosse a igreja mais antiga do mundo. Não era possível demoli-la e fazer uma nova. Mas também era perigoso deixá-la como estava – ela poderia matar algumas pessoas. Ninguém entrava lá havia anos – nem o sacerdote tinha coragem suficiente para entrar, porque quem saberia em que momento a igreja simplesmente iria desmoronar? Então, algo tinha de ser feito.

O conselho estava num enorme dilema: algo tinha de ser feito, e nada deveria ser feito porque aquela igreja era muito antiga. E o homem tem uma ligação muito profunda com coisas que são antigas. Então, aprovaram uma resolução com quatro cláusulas. A primeira dizia que “Vamos fazer uma igreja nova, mas ela será exatamente igual à antiga. Será feita do mesmo material que a antiga foi feita – nada novo será usado nela; assim ela permanecerá antiga. Será construída no mesmo lugar onde está a velha igreja, porque aquele local havia se tornado sagrado devido à sua antiguidade”.

E a última cláusula em sua resolução foi “Não iremos demolir a antiga igreja até a nova estar pronta”.

Ficaram todos felizes por terem chegado a uma conclusão. Mas quem ia perguntar a esses idiotas: “Como vocês vão fazer isso?”. A antiga não deveria ser demolida até a nova estar pronta, e a nova tinha de ser feita com tudo o que antiga tinha, no mesmo lugar onde a antiga estava, exatamente com a mesma arquitetura da antiga. Nada de novo seria acrescentado a ela: as mesmas portas, as mesmas janelas, os mesmos vidros, os mesmos tijolos – tudo o que seria usado teria que vir da velha igreja. E, finalmente, a velha não deveria ser

tocada até a nova estar pronta. “Quando a nova estiver pronta, então podemos demolir a velha.”

Assim é a mente humana: ela se apega ao velho, ela também quer o novo, e depois tenta fazer alguma concessão – que pelo menos a nova deva ser igual à antiga. Mas algumas coisas são impossíveis; a natureza simplesmente não lhes permitirá.

Primeiramente, você tem que dizer “não”. E tem que aprender a dizer não com um coração amoroso, porque está dizendo não a serviço do sim; esse “não” não é absolutamente uma negativa. O simples fato de ser “não” não significa que tenha de ser negativo. Na linguagem ele é negativo. Mas na verdade ele está a serviço do sim, é um servo do sim. Como pode ser negativo? Aquilo que serve o positivo – prepara o terreno para o positivo, prepara o caminho para o positivo entrar – não pode ser negativo.

Meu rebelde tem um coração repleto de sim, mas seu sim não é impotente. Seu sim é capaz de dizer mil não a serviço do sim. Ele vai destruir tudo o que impeça o novo de nascer. Vai destruir todos os vínculos antigos, todas as correntes antigas, todas as grades antigas – psicológicas, espirituais – a serviço da liberdade, a serviço do amor, a serviço da verdade. Então, o não vai passar por uma transformação, vai se tornar parte de um sim maior. E um sim que não tem, em si, qualquer parte que seja capaz de destruir... nisso, ele permanece impotente porque não consegue criar.

Não há criação possível sem destruição.

Assim, lembre-se de uma coisa: a destruição não deve, em si, ser o objetivo. Do contrário, torna-se feia, passa a ser simplesmente não, do contrário é apenas negativa. Passa a ser contra a vida e contra a existência. Toda destruição deve estar a serviço de alguma criatividade. Assim, não é negativa. Assim, não está a serviço da morte; está a serviço da vida. É afirmativa da vida. E transformar não em sim é toda a arte do rebelde meditativo.

O rebelde comum começa desfrutando a destruição e esquece completamente para que ele está destruindo; a destruição torna-se um objetivo em si. A desobediência torna-se seu ego, sua teimosia, sua atitude incontrolável diante da vida. Eu não quero rebeldes políticos; quero rebeldes espirituais, cujo interesse não seja, absolutamente, a destruição. Eles não destruirão, nem mesmo uma coisa pequena, a menos que isso seja absolutamente necessário para a nova criação,

para o novo mundo.

Paddy colocou 5 dólares no prato de ofertas da sua igreja.

“O que acontece com todo este dinheiro?”, perguntou Paddy ao sacerdote.

“Ele vai para o Senhor”, respondeu o sacerdote.

“Ah, sim”, disse Paddy, tirando seus 5 dólares do prato. “Eu tenho 75 anos de idade. É provável que eu veja o Senhor antes de um jovem como você, e posso levar isso pra ele pessoalmente.”

Essa parece ser uma atitude absolutamente positiva! Qual a razão de dar 5 dólares a um jovem sacerdote quando você vai se encontrar com o Senhor antes dele? Retire seus 5 dólares – é melhor dá-los pessoalmente em vez de através de um mediador que vai pegar sua comissão. E quem sabe se algum dia esse dinheiro vai chegar mesmo às mãos do Senhor? Não há garantia nenhuma disso.

Você tem de se lembrar de não levar nada muito a sério, mas permanecer alegre, não-sério; porque, quanto mais alegre e não-sério você for, mais claro será o seu entendimento.

Um homem sério para de entender; ele já assumiu uma atitude determinada, estabelecida, imutável; tornou-se preconceituoso.

Seu sim não deve ser um preconceito, do contrário não será um sim no sentido no qual estou falando. Meu sim implica um não dentro dele. Minha criatividade implica destruição dentro dela, porque, sem o não, o sim se torna impotente. O não tem algumas qualidades que o sim não tem. Só não deixe o não se tornar seu mestre e seu chefe.

O sim permanece sendo o seu valor mais elevado, e o não se torna um servo – assim não há um problema com o não. O não tem uma beleza própria. Quando ele é apenas uma sombra do sim, é imensamente belo. E, se uma pessoa não consegue dizer não, o seu sim não tem nenhum significado.

Assim, eu lhes ensino o “sim” como o valor supremo, o fim, e o “não” tem que ser o seu meio. Então, você está usando todo o processo dialético da vida. Está usando os opostos para um único propósito. Você está transformando diametralmente opostos numa unidade complementar, orgânica.

2.

Entendimento é liberdade

Toda sociedade cuida de tornar sua mente cada vez mais forte para que a mente vença se houver qualquer conflito entre o coração e a mente. Mas cada vitória da mente sobre o coração é uma infelicidade. É uma vitória dos outros sobre a sua natureza, sobre o seu ser – sobre você. E eles cultivaram a sua mente para servir aos seus propósitos.

Os padres, as freiras e os familiares que moldaram a minha vida envelheceram e secaram. A maioria está morta. Parece inútil eu me rebelar contra essas pessoas idosas e indefesas. Não sou o sacerdote e as doutrinas. Sinto que me rebelar contra qualquer coisa fora de mim é um desperdício de tempo e simplesmente não é o fundamental. Isso torna a situação muito mais frustrante e confusa. Parece que o self deve se rebelar contra o self. Eu aceito que não é o self essencial – a face original – que tem a ver com a rebelião. É o self treinado, o subterfúgio. Mas esse é o único self que eu tenho ou conheço contra o qual posso me rebelar. Como o subterfúgio se rebela contra o subterfúgio?

A rebelião à qual estou me referindo não deve ser feita contra ninguém. Não é na verdade uma rebelião, mas apenas um entendimento. Você não deve lutar contra os padres, as freiras e os familiares distantes. E também não deve lutar contra os padres, as freiras e os familiares próximos. Porque, distantes ou próximos, não importa: eles estão separados de você. O distante está separado e o próximo também está separado. O próximo é apenas o reflexo do distante.

Você está perfeitamente certo em dizer “Parece inútil eu me rebelar contra essas pessoas idosas e indefesas”. Não estou lhe dizendo para se

rebelar contra essas pessoas idosas e indefesas. E também não estou lhe dizendo para se rebelar contra tudo o que elas colocaram dentro de você. Se você se rebelar contra sua própria mente isso será uma reação, não uma rebelião. Observe a diferença. Uma reação é produto da raiva; uma reação é violenta. Em uma reação, você se torna cego de raiva. Em uma reação você começa a se mover para o outro extremo.

Por exemplo, se seus pais estiveram lhe ensinando a ser limpo, tomar banho todos os dias e coisas desse tipo, e se você foi ensinado desde pequeno que a limpeza está próxima de Deus, e um dia começa a se rebelar, o que vai fazer? Vai parar de tomar banho. Vai começar a viver na sujeira. As pessoas fazem isso. Elas foram ensinadas que a limpeza está próxima de Deus; agora estão achando que a sujeira está próxima de Deus, que a imundície está próxima de Deus. As pessoas se moveram de um extremo a outro. Isso não é rebelião. Isso é raiva, isso é cólera, isso é vingança.

E, enquanto você está reagindo aos seus pais e às suas chamadas ideias de limpeza, você ainda está ligado à mesma ideia. Isso ainda o está assombrando, ainda tem poder sobre você, ainda é dominante, ainda é decisivo. Ainda decide a sua vida, embora você tenha se tornado o oposto disso; mas decide. Você não pode tomar um banho tranquilamente; você se lembra de seus pais que costumavam obrigá-lo a tomar banho todos os dias. Agora você não toma mais banho.

Quem o está dominando? Ainda seus pais. O que eles lhe fizeram você ainda não conseguiu desfazer. Isso é reação, não é rebelião.

Então, o que é rebelião? Rebelião é puro entendimento. Você simplesmente entende qual é a situação. Então, não está mais neuroticamente obcecado com limpeza. Chega! Você não se torna sujo. A limpeza tem sua própria beleza. Mas não se deve ficar obcecado por ela, porque a obsessão é uma doença.

Por exemplo, uma pessoa que está continuamente lavando as mãos o dia todo é neurótica. Lavar as mãos não é ruim, mas lavar as mãos o dia todo é loucura. Mas, se em vez de lavar suas mãos o dia todo você passa a não lavá-las, deixa de lavá-las para sempre, mais uma vez você está capturado em outro tipo de loucura, o tipo oposto.

O homem de entendimento lava suas mãos quando é necessário. Quando não é necessário, ele não fica obcecado com isso. Ele é simplesmente natural, espontâneo com respeito a isso. Ele vive de

maneira inteligente e pronto.

Não há muita diferença entre a obsessão e a inteligência se você não as observar muito detalhadamente. Se você cruza com uma cobra na estrada e salta, naturalmente salta por medo. Mas esse medo é inteligência. Se você não for inteligente, se for estúpido, não vai saltar para longe do caminho da cobra e vai desnecessariamente convidar o perigo a entrar na sua vida. A pessoa inteligente vai saltar imediatamente – a cobra está ali. Isso decorre do medo, e esse medo é inteligente, positivo, vital. Mas esse medo pode se tornar obsessivo. Por exemplo, você não consegue se sentar dentro de casa. Ela pode cair, afinal. E é sabido que as casas podem cair, isso é verdade. Às vezes elas caem; você não está absolutamente errado. Você pode argumentar que “se outras casas caíram, por que não esta?”. Agora, se você tem medo de viver sob qualquer teto porque ele pode cair, isso é obsessão. Agora isso está se tornando não inteligente.

É bom você estar atento ao fato de comer alimentos limpos. Mas eu conheço um homem, um grande poeta... Certa vez ele viajou comigo. Sua esposa me falou: “Agora você vai ver como é difícil viver com este homem”. Perguntei: “Qual é o problema?”. Ela respondeu: “Você vai ver por si mesmo”. Ele não bebia nenhum chá nem água em lugar algum. Foi muito difícil, porque ele dizia: “Quem sabe se há germes no chá ou na água?”. Ele não comia em qualquer restaurante. Foi um problema. Nós tínhamos que fazer uma viagem de trem de 36 horas, e ele ficaria faminto e sedento, mas não beberia água.

Tentei convencê-lo de todas as maneiras. Ele disse: “Não. Quem sabe se há germes ali? É melhor passar fome durante 36 horas e não comer. Não vou morrer; não se preocupe”. Mas eu conseguia ver que o homem estava se torturando. Era verão, fazia muito calor e ele estava sedento. Tentei em cada estação – trouxe soda, trouxe Coca-Cola e tudo o mais. Ele dizia: “Esqueça tudo isso. Não consigo tomar nada, a menos que eu tenha absoluta certeza. Qual é a segurança? Qual é a garantia?”.

E ele não estava absolutamente errado, isso é verdade. Vocês conhecem a Índia e sabem como são as estações indianas e os restaurantes indianos. Vocês sabem! Ele está certo, mas agora está levando a lógica longe demais.

Eu lhe disse: “Assim você deve parar de respirar também!”. Ele perguntou: “Por quê?”. Respondi: “Quem sabe qual é a garantia? Pare

de respirar! Ou beba esta água ou pare de respirar!”. Então, ele caiu em si, porque eu estava realmente zangado. “Por que você continua respirando? Quem sabe se não há germes. Há germes em toda parte.”

Ele bebeu uma xícara de chá, mas a maneira como ele bebeu! Seu rosto... Não consigo me esquecer. Isso já faz dez anos, mas não consigo esquecer o seu rosto, era como se eu o estivesse matando! Eu era um assassino e ele estava sendo coagido por mim.

Na estação seguinte, ele desceu e disse: “Não posso viajar com você; vou voltar para casa”. Eu perguntei: “Qual é o problema?”. Ele respondeu: “Você ficou tão furioso que parecia que ia começar a me bater ou algo assim. E você disse ‘Não respire mais’. Como eu posso parar de respirar?”. Eu disse: “Só estava argumentando com você, porque, se você consegue respirar, por que não beber a água? A água indiana é igual ao ar indiano. Não fique preocupado”.

Ele se recusou a viajar comigo. Eu tive que viajar sozinho. Ele voltou para casa, e desde então não o vi mais. Uma pessoa pode se tornar obsessiva com qualquer coisa. Qualquer coisa que possa ser inteligente dentro de limites pode se tornar neurótica se você esticá-la muito. Reação é o movimento para o outro extremo.

A rebelião é um entendimento muito profundo, um entendimento profundo de determinado fenômeno. E a rebelião sempre o coloca no meio, ela lhe dá equilíbrio.

Você não deve brigar com ninguém, nem com as freiras nem com os padres nem com os familiares, distantes ou próximos. Você não deve brigar com ninguém, porque em uma briga você não vai saber quando parar. Em uma briga a pessoa perde a consciência, começa a se mover para o extremo. Você pode observar isso.

Por exemplo, reunido com seus amigos, despreziosamente você diz: “Aquele filme que fui ver ontem não valia a pena ser visto”. Você pode ter mencionado isso apenas incidentalmente, mas alguém o rebate: “Você está errado. Eu também vi o filme. É um dos filmes mais belos jamais feitos”. Agora você foi provocado, desafiado; você se torna argumentativo. Então, diz: “É uma droga, não vale nada!”. E começa a criticá-lo. Se o outro também insiste, você se torna cada vez mais furioso e começa a dizer coisas que nunca sequer pensou. E mais tarde, se olhar para trás e enxergar todo o fenômeno que aconteceu, vai ficar surpreso em perceber que a declaração, quando você mencionou que não valia a pena ver o filme, foi leve; mas você se

moveu para o extremo quando terminou a discussão. Você usou tudo o que era possível, todas as palavras desagradáveis que conhece. Você podia condenar de qualquer maneira; usou todas as suas habilidades de condenação. Não estava pronto para fazer isso no início; se ninguém tivesse se oposto a você, você poderia ter esquecido aquilo tudo. Poderia jamais ter feito aquelas afirmações tão fortes.

Isso acontece: quando você começa a brigar, tende a se mover para o extremo.

Não estou lhe ensinando a lutar com seus condicionamentos. Entenda-os. Torne-se mais inteligente a respeito deles. Veja como eles o dominam, como influenciam o seu comportamento, como moldaram a sua personalidade, como continuam afetando você, como furtivamente o continuam afetando. Apenas observe! Medite sobre isso. E um dia, quando você vir a atuação dos seus condicionamentos, de repente um equilíbrio será atingido. Em seu próprio entendimento, você estará livre.

Entendimento é liberdade, e a essa liberdade eu chamo de rebelião.

O verdadeiro rebelde não é um lutador, ele é um homem de entendimento. Ele simplesmente cresce em inteligência, não em raiva, não em fúria. Você não pode se transformar tendo raiva do seu passado. Senão, o passado vai continuar a dominá-lo; senão, o passado vai continuar no centro do seu ser, o passado vai continuar sendo o seu foco. Você vai continuar focado, ligado ao passado. Você pode passar para o extremo oposto, mas ainda assim continuará ligado ao passado.

Cuidado com isso! Esse não é o comportamento de um meditador; esse não é o comportamento de um *sannyasin*. *Sannyas* é rebelião – rebelião através do entendimento. Entenda isso.

Você passa ao lado de uma igreja e lhe surge um profundo desejo de entrar e rezar. Ou você passa ao lado de um templo e inconscientemente se curva para a divindade do local. Apenas observe. Por que está fazendo essas coisas? Não estou lhe dizendo para brigar. Estou lhe dizendo para observar. Por que você se inclina diante do templo? Porque lhe foi ensinado que esse templo é o templo certo, que a divindade desse templo é a imagem real de Deus. Você sabe disso? Ou isso apenas lhe foi dito e você está seguindo isso? Observe.

Vendo isso, que você está apenas repetindo um programa que lhe

foi ensinado, que está apenas repetindo uma gravação em sua cabeça, que está agindo automaticamente, como um robô, você vai parar de se curvar. Não que você tenha de fazer qualquer esforço, você simplesmente vai esquecer tudo a respeito daquilo. Isso vai desaparecer, sem deixar nenhum vestígio em você.

Na reação o vestígio está presente. Na rebelião não há vestígio; ela é a absoluta liberdade.

E você também pergunta: “Quem vai brigar com quem?”. Essa pergunta só surge se você tiver que entrar numa briga. Porque, se não houver uma briga, a pergunta não surge.

Você tem de ser apenas uma testemunha. E o testemunho é a sua face original. Aquilo que testemunha é a sua consciência real. O que é testemunhado é o condicionamento. Aquele que testemunha é a fonte divina do seu ser.

Antes de mais nada, por que as pessoas se desviaram do seu ser original?

O homem nasce com uma potencialidade desconhecida, incognoscível. Sua face original não está disponível quando ele entra no mundo. Ele tem de encontrá-la. Será uma descoberta, e nisso está toda a beleza. Essa é a diferença entre um ser e uma coisa.

Uma coisa não tem potencial, ela é o que é. Uma mesa é uma mesa, uma cadeira é uma cadeira. A cadeira não vai se tornar nenhuma outra coisa, ela não tem potencialidade; ela só tem realidade. Ela não é uma semente de alguma coisa. O homem não é uma coisa. Isso traz todos os problemas e todas as alegrias, todos os desafios, todas as perturbações.

A criança chega vazia, sem nada escrito nela, sem nenhuma indicação sequer do que ela vai ser. Todas as dimensões estão abertas.

Esta é a primeira coisa básica a ser entendida: que uma criança não é uma coisa, uma criança é um ser. Não está pronto ainda, mas vai estar. Ela está num processo, e não há possibilidade de prever onde ela vai terminar; o que ela será no resultado final das suas experiências de vida, angústias, ansiedades, êxtases; o que vai resultar no fim, finalmente. A soma final de toda a sua vida não está disponível no início.

A criança não traz um mapa com ela. Todos os astrólogos estiveram

enganando você, os quiromantes estiveram enganando você, e eles puderam enganá-lo porque houve uma chance de fazê-lo. Os pais estão preocupados com o que o filho vai ser. A sua preocupação vem do amor, e por isso eles podem ser explorados por todos os tipos de vigaristas. Esses vigaristas podem prever: “Ele vai ser isso, ou aquilo”. Mas eles não causam muito dano; simplesmente exploram um pouquinho. Suas previsões nunca se confirmam.

O maior problema vem do sacerdote, do político, dos pedagogos. O político não está interessado em qual é o potencial real da criança. Ele está interessado em que a criança se torne uma parte da sua jornada de poder. Ele tem um investimento em cada criança, porque cada criança é um potencial amigo ou inimigo. É bom começar a angariar votos o mais cedo possível. Então, antes de a criança iniciar seu próprio caminho, ela é desviada para um caminho que vai satisfazer o desejo do político, mas vai matar a semente da própria criança.

O sacerdote está interessado – ele tem um investimento. O papa será um papa mais importante se houver mais católicos no mundo. Se os católicos desaparecerem, de que servirá o papa? Quem cuidará dele? Cada criança que nasce tem algum poder que pode ser explorado pelos políticos e pelos sacerdotes.

Logo a criança vai se tornar um cidadão do mundo. Ela deve ser apropriada. Deve se tornar um católico se nasceu de pais católicos ou, se afortunadamente se tratar de um órfão, então Madre Teresa poderá cuidar dela e irá convertê-la em um católico. Eles ficam imensamente felizes: quanto mais órfãos houver no mundo, mais Madres Teresas poderão ganhar prêmios Nobel – mais órfãos significam mais católicos. Quanto mais pessoas pobres existirem no mundo... mais facilmente elas serão convertidas ao cristianismo.

Jesus disse que o homem não pode viver só de pão. Isso é verdade quando se trata de um homem autêntico, mas não é verdade quando se trata das massas. No que se refere às massas, eu lhes digo que o homem vive de pão, e só de pão. E há apenas massas – onde está o homem autêntico? Esses políticos, esses sacerdotes, esses pedagogos não deixam ninguém consigo mesmo para que possa se tornar autêntico, para que consiga obter sua face original, para que encontre a si mesmo.

Em toda parte há pessoas com interesse em cada criança. E a criança é simplesmente uma tábula rasa, nada está escrito nela. É uma

grande tentação escrever nela. Os pais, é claro, gostariam de escrever sua religião, sua classe, sua filosofia, sua política, porque a criança deve representá-los. A criança deve carregar sua herança. Se eles têm sido hindus há séculos, a criança deve ser hindu, carregando a herança do hinduísmo para as gerações futuras. Eles não estão interessados no próprio potencial da criança – ninguém está interessado nisso –, estão interessados no seu próprio investimento, e é claro que todos estão investindo.

Os pais estão investindo muito na criança – gerando-a, criando-a, educando-a –, e tudo é condicional. Dito ou não dito, não importa. Um dia dirão: “Nós fizemos tanto por você, agora é a hora em que você deve estar consciente do que fizemos e nos retribuir”. Porque foi assim que eles foram criados por seus pais – geração após geração, o mesmo processo. O professor está interessado em que o estudante o represente. O professor religioso está interessado em que o discípulo seja um modelo dos seus ensinamentos.

O que quero lembrar é que todos estão interessados na criança por algum motivo, no qual a criança não está de modo algum interessada. Mas a criança é indefesa, não pode lutar com todas essas pessoas. Elas são poderosas. A criança depende delas. Se essas pessoas quiserem que a criança seja determinada coisa, ela tem de se tornar essa coisa. Fica absolutamente claro para a criança que, se ela se voltar contra os pais e se comportar mal, ela os estará traindo. Essas ideias são incutidas pelos pais, pelos sacerdotes, pelos professores. A criança se sente culpada. Uma afirmação do seu próprio eu se transforma em culpa, e toda pretensão de agradar pais, sacerdotes religiosos, educadores, políticos – que é apenas uma pretensão – é muito recompensada. Desde cedo a criança começa a aprender política; a ter uma base hipócrita. Seja autêntico e você será punido. Ora, a criança tem uma aritmética simples e não podemos condená-la por isso.

Na minha infância – porque a partir daí eu posso falar com vocês com mais autoridade; eu não conheço a sua infância, conheço apenas a minha infância – isso foi uma questão cotidiana. Eu era continuamente solicitado a ser sincero. E eu disse ao meu pai: “Sempre que você me diz para ser sincero, você deve se lembrar de uma coisa, que a verdade tem que ser recompensada; do contrário você estará me obrigando a não ser sincero. Eu faço com vontade”.

Descobri muito facilmente que a verdade não compensa; você é

punido. As mentiras compensam; você é recompensado. Essa era uma questão muito decisiva, de grande importância. Então, deixei claro para meus pais que isso tinha de ser entendido: “Se vocês querem que eu seja sincero, então a verdade tem de ser recompensada, e não em uma vida futura, mas aqui e agora, porque estou sendo sincero aqui e agora. E se a verdade não for recompensada, se eu for punido por dizer a verdade, então vocês estarão me obrigando a mentir. Que isso fique claramente entendido; assim não haverá problema para mim. Serei sempre sincero”.

Não acho que toda criança tenta entender isso e fazer um contrato claro com os pais. Mas isso se tornou um contrato com meu pai. Fosse qual fosse a verdade, se fosse contra ele, sua moralidade, sua família, sua sociedade, seu respeito, não importava; o que importava era que eu fosse sincero. E para isso eu precisava de uma recompensa imediata. “Do contrário, da próxima vez você saiba que eu vou dizer o que você quiser ouvir. Mas, lembre-se, isso será uma mentira.”

No dia em que eu disse isso ao meu pai pela primeira vez, ele me respondeu: “Deixe-me pensar sobre isso, porque você parece estar sendo ardiloso. Está me colocando em uma sutil armadilha. Você faz alguma travessura e está sendo sincero, e eu terei de recompensá-lo por sua travessura!”.

Eu argumentei: “Cabe a você decidir se quer que eu seja sincero ou não. De todo modo eu vou fazer o que eu quiser fazer. A travessura acontecerá de qualquer maneira. Ela aconteceu, só depois surge a questão de ser sincero ou não. Então, por que colocar a travessura nisso? Ela já aconteceu. Agora nada pode ser feito a respeito disso. Você não pode desfazê-la. O que pode ser feito é que você pode me obrigar a mentir, e eu posso mentir. Posso mentir com tal desfaçatez que você achará que estou sendo absolutamente sincero. Eu vou aprender. Se essa for a maneira, então que seja, mas, lembre-se, você foi responsável por me desviar da verdade, porque estive recompensando mentiras e punindo a verdade. Pode pensar a respeito. Não estou com pressa. Você está me interpelando”.

O que aconteceu foi que havia uma família de brâmanes, brâmanes muito ortodoxos, vivendo a dois ou três quarteirões de distância da minha família. Os brâmanes cortam todo o seu cabelo e só deixam uma parte pequena no sétimo chakra da cabeça sem cortar, para que essa parte continue crescendo. Eles continuam amarrando e mantendo

essa parte dentro do seu gorro ou dentro do seu turbante. E o que eu fiz? Cortei o cabelo do pai. No verão, na Índia, as pessoas dormem fora de casa, na rua. Elas colocam lá suas camas, seus catres. Toda a cidade dorme nas ruas à noite, porque dentro de casa é muito quente.

Então, esse brâmane estava dormindo... e não foi minha culpa! Ele tinha um *choti* enorme (chama-se *choti* esse cacho de cabelo). Eu nunca o tinha visto porque ele estava sempre escondido dentro do seu turbante. Enquanto ele estava dormindo, o *choti* ficou pendurado e encostando no chão da rua. Visto do catre, o *choti* era tão comprido que eu fiquei tentado, não consegui resistir. Corri até minha casa, peguei a tesoura, cortei-o inteiro, peguei-o e levei para o meu quarto.

Pela manhã o brâmane deve ter descoberto que seu *choti* havia desaparecido. Ele não conseguiu acreditar, porque toda a sua pureza estava nele, toda a sua religião estava nele – toda a sua espiritualidade estava destruída. Mas todos na vizinhança sabiam que, se havia acontecido algo errado... eles primeiro corriam até mim. E ele veio imediatamente. Eu estava sentado do lado de fora, sabendo muito bem que ele iria me procurar de manhã. Ele olhou para mim. Eu também olhei para ele. Ele me perguntou: “O que você está olhando?”.

Eu respondi: “O que você está olhando? A mesma coisa”.

Ele repetiu: “A mesma coisa?”.

Eu disse: “Sim. A mesma coisa. Diga você o que é”.

Ele perguntou: “Onde está seu pai? Não quero falar nada com você”.

Ele entrou. Trouxe meu pai para fora e meu pai me perguntou: “Você fez alguma coisa a este homem?”.

Eu respondi: “Eu não fiz nada a esse homem, mas cortei um *choti*, que certamente não pode pertencer a esse homem, porque o que ele estava fazendo quando eu o estava cortando? Ele podia ter impedido”.

O homem disse: “Eu estava dormindo”.

Eu perguntei: “Se eu tivesse cortado o seu dedo enquanto você estivesse dormindo você continuaria dormindo?”.

Ele respondeu: “Como eu poderia continuar dormindo se alguém estivesse cortando o meu dedo?”.

Eu disse: “Isso certamente mostra que cabelos são mortos. Você pode cortá-los, mas a pessoa não fica machucada, não sai sangue algum. Então, por que todo esse barulho? Uma coisa morta estava pendurada ali. E eu achei que você estava carregando

desnecessariamente essa coisa morta dentro do seu turbante durante toda a sua vida. Por que não aliviá-lo dessa carga? Ela está no meu quarto. E com meu pai eu tenho o contrato de ser sincero”.

Então, eu trouxe o *choti* e disse: “Se você está tão interessado nele, pode levá-lo de volta. Se ele é a sua espiritualidade, o seu bramanismo, você pode dar um nó nele e colocá-lo dentro do seu turbante. Ele está morto mesmo... Estava morto quando estava ligado a você, estava morto quando eu o separei de você. Você pode guardá-lo dentro do seu turbante”.

E, na frente daquele homem, perguntei ao meu pai: “E a minha recompensa?”.

O homem disse: “Que recompensa ele está pedindo?”.

Meu pai respondeu: “Este é o problema. Ontem ele me propôs um contrato em que, se ele falasse a verdade... e, sinceramente, ele está não só falando a verdade, está até dando provas disso. Ele contou a história toda. E até tem uma lógica por trás dela, que isso era uma coisa morta. Então, por que se incomodar com uma coisa morta? E ele não está escondendo nada”.

Ele me recompensou com 5 rúpias. Naquela época, naquela pequena aldeia, 5 rúpias eram uma grande recompensa. O homem ficou furioso com meu pai. Ele disse: “Você vai estragar essa criança. Devia bater nele em vez de lhe dar 5 rúpias. Agora ele vai cortar os *chotis* de outras pessoas. Se ele receber 5 rúpias por *choti*, todos os brâmanes da cidade estarão acabados, porque todos eles estão dormindo fora de casa à noite. E quando alguém está dormindo não consegue ficar segurando o seu *choti* na mão. O que você está fazendo? Isso vai abrir um precedente”.

Meu pai disse: “Mas este é o meu contrato com ele. Se você quiser castigá-lo, é problema seu; eu não vou interferir. Não o estou recompensando pela sua travessura, estou recompensando-o por sua sinceridade. E durante toda a minha vida eu continuarei recompensando-o por sua sinceridade. No que diz respeito à travessura, você está livre para fazer qualquer coisa com ele”.

Aquele homem falou para o meu pai: “Você está me criando mais problema. Se eu fizer algo a este menino, você acha que as coisas vão parar aí? Sou um homem de família: tenho minha esposa, meus filhos, minha casa. Amanhã minha casa será incendiada”. Ele estava muito irado, e continuou: “Especialmente agora isso é um problema, porque

amanhã eu vou realizar uma cerimônia na aldeia aqui ao lado e as pessoas vão me ver sem meu *choti*...”.

Eu disse: “Você não precisa se preocupar, eu estou lhe devolvendo o seu *choti*. Você também pode me recompensar com algo por eu devolver o seu *choti*. É só você nunca tirar o seu turbante na outra aldeia. Mesmo à noite, mantenha o seu turbante. Pronto. Este não é um grande problema, será só por uma noite. E, à noite, quem vai procurar o seu *choti*? Todos estarão dormindo. Ele disse: “Não me dê conselhos. Minha vontade era bater em você, mas pensei melhor, porque isso irá criar uma cadeia de coisas”.

Eu disse: “Essa cadeia já foi criada. Você veio aqui reclamar, não está me recompensando por ser totalmente honesto e sincero em admitir que não consegui resistir à minha tentação. E eu não fiz mal algum a ninguém. Não houve nenhuma violência, nenhuma gota de sangue pingou do seu *choti*. Apenas por reclamar com o meu pai você já criou uma cadeia de reações.

Ele disse ao meu pai: “Olhe...!”.

Meu pai disse: “Isso não é problema meu”.

E eu disse ao meu pai: “É isso que todo o bramanismo ensina: a cadeia de reações”.

Meu pai disse: “Guarde sua filosofia para você. E pare de ir a essas palestras dos sadhus, dos monges e dos mahatmas, porque, o que quer que seja que você capte lá, de alguma maneira você dá um jeito de chegar a essas conclusões estranhas”.

Eu disse: “Mas é isso que estou dizendo, e isso não é estranho. É esta exatamente a teoria do carma: você realiza uma ação, segue-se uma reação. Ele realizou uma ação se queixando de mim, agora virá uma reação”.

E a reação veio, porque ele me disse que estava indo a outra aldeia... Ele estava muito furioso comigo, mas, quando uma pessoa está furiosa, está furiosa – e ele estava na verdade completamente enlouquecido. Então, ficou furioso com sua esposa, com seus filhos... Eu observei tudo, e de alguma maneira ele conseguiu juntar suas coisas e partiu em uma carroça puxada por um cavalo. No momento em que saiu, eu disse à sua esposa: “Você entende para onde ele está indo? Está indo embora para sempre. E você não sabe! Ele foi à minha casa para dizer isso ao meu pai, que está indo embora para sempre e nunca vai voltar”.

A esposa de repente começou a chorar e gritar: “Detenham-no!”. Outras pessoas correram e pararam a carroça dele.

Ele disse: “Por que vocês estão me parando? Eu tenho que pegar o trem!”.

Eles disseram: “Não hoje. Sua esposa está chorando e batendo no próprio peito. Ela vai morrer!”.

Ele disse: “Mas isso é estranho. Por que ela bateria em si mesma, e por que estaria chorando?”. Mas as pessoas não permitiram que ele fosse e começaram a tirar sua sacola e sua mala da carroça.

O homem que estava conduzindo a carroça disse: “Eu não vou levá-lo. Se esta é a situação, que você está deixando sua esposa e filhos pequenos para sempre, não vou colaborar com tal atitude”.

O brâmane disse: “Eu não estou indo embora, eu vou voltar, mas não tenho tempo para convencê-lo disso. Vou perder o trem, a estação fica a 3 quilômetros daqui”.

Mas ninguém o estava ouvindo, e eu estava provocando as pessoas: “Detenham-no, do contrário sua esposa, seus filhos... vocês terão que cuidar deles, do contrário quem irá alimentá-los?”.

Eles o levaram de volta com suas malas, e é claro que ele estava furioso e atirou sua sacola na esposa. Ela perguntou: “O que nós fizemos? Por que você...?”. E eu estava ali fora no meio da multidão.

Ele disse: “Ninguém fez nada. Aquele menino me disse que haveria uma reação. A razão é que três dias atrás, no templo, eu estava ensinando a filosofia da ação e da reação e esse menino estava lá presente. Agora ele está me ensinando”. Então ele me disse: “Perdoe-me e eu jamais direi uma única palavra sobre esta ação e reação. E você pode cortar o *choti* de qualquer pessoa que quiser, que eu não vou me queixar. Você pode cortar minha cabeça e eu não vou me queixar. Porque eu quero parar completamente essa cadeia. Agora meu trem já partiu!”.

Então, todos perguntavam: “Qual é o problema? Nós não entendemos. Quem cortou o seu *choti*?”.

Eu disse: “Olhe! É impossível parar a cadeia. Estas pessoas estão perguntando: ‘O *choti* de quem? Quem o cortou? Onde está o *choti*?’. É só olhar dentro do turbante dele, na sua cabeça!”. E um homem que era considerado um lutador na cidade se aproximou e tirou o turbante dele e o *choti* caiu.

Meu pai também estava lá e viu aquilo. Quando estávamos

voltando para casa, ele me disse: “Vou recompensá-lo, mas não abuse do nosso contrato”.

Eu disse: “Não vou fazer isso. Este não é um contrato entre mim e você. Meu contrato é que eu sempre lhe falarei a verdade, e você irá me recompensar por isso”. E ele permaneceu consistente. Qualquer coisa que eu fizesse, ainda que houvesse reprovação em seus olhos, ele continuamente me recompensava. Mas é difícil encontrar um pai como esse. Um pai tem de obrigatoriamente impor seus ideais ao seu filho.

Meu pai foi condenado por toda a minha cidade: “Você está estragando essa criança”.

Ele dizia: “Se esse for o destino dele, ser estragado, que ele seja estragado. Eu não serei responsável por interferir no seu destino; ele jamais será capaz de dizer: ‘Meu pai me estragou’. E se ele estiver feliz por ter sido estragado, então o que há de errado em ser estragado? Em qualquer lugar e o que quer que seja que aconteça na sua vida, eu não quero interferir. Meu pai interferiu na minha vida, e eu sei que teria sido uma pessoa diferente se ele não tivesse interferido. E eu sei que ele está certo, que todo pai transforma o filho em um hipócrita, porque eu fui transformado em um hipócrita. Quando eu quero rir, fico sério. Quando eu quero ser sério, tenho que rir. Pelo menos deixe uma pessoa rir no momento que ela quiser rir. E a deixe ser séria quando ela quiser ser séria”.

Ele continuou: “Eu tenho onze filhos, mas penso em mim mesmo como tendo apenas dez”. E ele sempre achou que tinha apenas dez. Ele nunca me contou entre seus filhos porque disse: “Eu lhe dei total liberdade para ser ele mesmo. Por que ele deveria carregar qualquer imagem minha?”.

Em uma sociedade melhor... e, quando eu digo em uma sociedade melhor, estou me referindo a uma sociedade que entende a integridade de cada pessoa, respeita até o ser de uma criança pequena, e não se impõe a ela. Mas essa sociedade parece estar distante, muito distante, porque todas as pessoas têm seus interesses e não conseguem parar suas trajetórias; elas têm que usar e explorar as pessoas.

Alguém se torna presidente; você nunca pensou que ele se tornaria presidente às suas custas, que algo em você foi morto para que esse homem se tornasse o presidente do país. Se todos tivessem podido permanecer singulares, originais, seria impossível para as pessoas que são presidentes e primeiros-ministros, que estão governando o mundo

todo e que vêm destruindo o mundo há milhares de anos e o continuam destruindo, continuarem a fazer isso.

Com indivíduos haveria tipos de sociedades totalmente diferentes: haveria comunas, não sociedades. Não haveria nações, porque não haveria necessidade delas.

Qual é a necessidade das nações? Toda a Terra é uma só. Só nos mapas se continua traçando linhas, e nessas linhas vocês continuam lutando e matando e assassinando. Esse é um jogo tão estúpido que, a menos que toda a humanidade esteja louca, é impossível pensar que ele possa prosseguir.

Qual é a necessidade das nações? Qual é a necessidade de passaportes, vistos e fronteiras? Toda esta Terra pertence a nós; onde quer que alguém queira estar, ele tem o direito de estar. O Sol não é propriedade de ninguém. A Terra não é propriedade de ninguém. A Lua não é propriedade de ninguém; o vento, as nuvens, a chuva – nada é propriedade de ninguém. Por que são traçadas essas linhas?

Você pode entender isso facilmente... logo verá linhas na Lua. No momento elas não existem, mas logo você verá uma zona russa, uma zona americana, uma zona chinesa. Ninguém vive lá, ninguém jamais viverá lá. Parece não haver possibilidade de vida crescendo na Lua. A Lua é um planeta morto – lá não existe uma única gota de água. Sim, é possível ficar lá durante algumas horas com todas as suas máscaras de gás e cilindros de oxigênio e tudo o mais, mas essa não é a maneira como as pessoas podem viver lá. Mas eles já puseram lá suas bandeiras... Não há ninguém para ver a bandeira, não há ninguém para saudar a bandeira – nem mesmo um pássaro para às vezes defecar na bandeira! A primeira coisa que os americanos fizeram foi colocar um mastro e nele colocar a bandeira. Que idiotice! E para quem? Mas outros tolos virão. Eles irão a Marte, irão a outros planetas e farão as mesmas coisas em todos os lugares.

Não há necessidade de nações – exceto porque os políticos precisam das nações, porque sem as nações não haverá políticos; exceto porque os generais necessitam das nações, porque sem nações não haverá guerras; exceto porque as fábricas que produzem armas ficarão inoperantes. O que acontecerá com suas fábricas de armas nucleares e toda a energia nelas envolvida? Porque se não houver nações não será necessário criar armas nucleares. Para quem?

A solução mais simples para salvar a humanidade é tirar do mapa

todas as linhas – e só dos mapas, porque na Terra não há linhas. Se removermos dos mapas simplesmente todas as linhas, não teremos a terceira guerra mundial e as pessoas não precisarão de tantos exércitos em todo o mundo.

Milhões de pessoas não estão fazendo nada exceto virar para a esquerda, virar para a direita... Se alguém estiver observando de cima, ficará surpreso. Por que as pessoas vão para a direita, depois para a esquerda, depois viram, depois marcham, depois voltam, se dispersam? Todos os dias milhões de pessoas em toda a Terra? Quem estiver observando isso certamente achará que algo está errado. Alguma porca e algum parafuso malucos precisam ser ajustados.

Estas nações só podem existir se a sua personalidade for falsa. Estas igrejas e religiões só podem existir se vocês não tiverem sua face original, porque uma pessoa que tem sua própria face original, que coisas ela tem a resolver que necessita ir até o papa? Para quê? Não há razão de ela procurar algum mentor religioso, algum templo ou alguma sinagoga. E por que ela deveria se tornar um muçulmano, um cristão ou um hindu? Por quê?

Com sua face original você vai se sentir tão satisfeito, tão imensamente preenchido e à vontade que não precisará buscar nada; você já terá encontrado.

Mas essas pessoas não vão lhe permitir encontrá-lo. Elas vão distraí-lo, simplesmente porque elas têm algumas jornadas, elas têm algumas ideias próprias, e você tem de se sacrificar por suas ideias. Os políticos vão sacrificá-lo por sua política. As religiões vão sacrificá-lo por seu tipo de política. Ninguém está interessado na criança, e a razão disso é clara: a criança tem de ser moldada em determinado padrão que se ajuste a uma sociedade, a uma nação, a uma ideologia particular.

Na Rússia, desde cedo se ensina o comunismo às crianças. Elas têm que conhecer os nomes de Karl Marx, Friedrich Engels, Lênin; eles eram seus deuses. Nos países não comunistas é a mesma coisa, só os nomes diferem. Todos são sacrificados às mesmas estúpidas ideologias, teologias, políticas, religiões. Por isso, as pessoas ficam confusas.

Mas a criança permite que isso aconteça pela simples razão de ela não poder saber quem vai se tornar. Naturalmente, ela depende de seus pais, dos mais velhos – aqueles que sabem mais. E não tem consciência de que eles não sabem nada melhor; eles estão no mesmo

barco, tão ignorantes quanto a criança. A única diferença é que a criança também é inocente. Eles são espertos, mas ignorantes, e justamente devido à sua esperteza continuam escondendo a sua ignorância em um conhecimento emprestado.

Meu avô costumava me levar a algum mahatma, a algum santo, e costumava me dizer: “Se você não for comigo eu não vou, porque então isso será muito tolo. Você torna aquilo vivo”. E eu simplesmente levantava questões muito simples. O que uma criança pode fazer?

Um monge hindu, Swami Vidyananda, costumava vir à minha cidade em toda estação chuvosa. Durante quatro meses ele dava palestras lá – ele era um professor conhecido. No primeiro dia, fui com meu avô e fiquei ali, de pé; por causa do meu avô, ninguém podia me tirar dali ou mandar que eu me sentasse. Todos o conheciam, ele era um homem perigoso nessas questões. Se alguém dissesse: “Menino, sente-se, você não entende essas coisas importantes”, meu avô diria: “Mas eu também não entendo e tenho 70 anos de idade. Então, fique quieto e entenda!”. E ele me dizia: “Pergunte”.

Era claro que eles não poderiam me expulsar dali, não poderiam me deter, e então eu apenas perguntei a Vidyananda: “Há uma coisa que eu quero saber sobre o que estão dizendo: isso foi emprestado ou experimentado? Lembrem-se de que estão sentados no templo de Deus”. Era um Rama Mandir, o melhor lugar na cidade, o templo mais precioso da cidade com uma bela entrada de mármore – então, todos os melhores discursos eram proferidos ali. Eu lhe disse: “Olhe para a estátua de Rama; e lembre-se de que está em um lugar sagrado e lembre-se da sua túnica, que você é um monge. Não macule sua túnica e não desonre o seu Deus; diga apenas a verdade: alguma coisa que esteja dizendo foi vivenciada? Você conhece Deus? Você viu Deus da maneira como está me vendo? Você falou com Deus da maneira como está falando comigo? Ou você simplesmente aprendeu com os livros?”. Houve um grande silêncio. O homem hesitou.

Eu disse: “Sua hesitação diz tudo. É melhor você dizer a verdade, porque, se você viu Deus, por que deveria hesitar? Você sente um pouco de medo – eu posso ver a transpiração em sua testa –, e internamente você sente frio”.

O homem disse: “Eu nunca pensei nisso. Mas, sendo um *sannyasin* e estando no templo de Deus, não posso falar mentiras. Eu não tenho a experiência. Estou dizendo o que ouvi, li e estudei”.

Então, eu lhe disse: “Saia daí! Saia deste lugar imediatamente. E então encontre uma pessoa que tenha tido ela própria a vivência e traga-a para cá. Você está colocando bobagens que tomou emprestadas na cabeça dessas pobres pessoas, e dando-lhes a ideia de que elas também sabem... porque eu conheço estes tolos, eles todos são da minha própria aldeia, e eles falam como se eles soubessem”.

E disse às pessoas: “Escutem o seu guru!”. Ele era quase o guru da cidade inteira, porque fazia anos – ele devia ter 60 nessa época – que ele vivia visitando a cidade por quatro meses, todos os anos. Mas essa foi a última vez. Depois, nunca mais se ouviu falar dele nessa cidade.

Quando eu estava viajando pela Índia, procurei saber sobre o que aconteceu com Vidyananda, se ele morreu ou ainda estava vivo; o que aconteceu? Finalmente, o encontrei em um lugar que eu jamais esperaria, perto de Madras, em Adyar. Adyar é a sede do movimento teosófico. Eu dei algumas palestras em Madras, e meu anfitrião quis visitar Adyar. Adyar é bonito. Os teosofistas fizeram realmente um bom trabalho. Eles construíram um belo lugar, mas está agora totalmente deserto, ninguém vai lá. Eles construíram belas casas, chalés, um lindo jardim – toda uma colônia.

Adyar talvez tenha a maior árvore *bodhi*. Quando o movimento teosófico estava vivo, eles costumavam fazer suas convenções debaixo dessa árvore *bodhi*; milhares de pessoas conseguiam se sentar sob sua sombra. E Adyar talvez tenha uma das mais preciosas bibliotecas do mundo. Os teosofistas coletaram manuscritos da China, do Tibete, de Ladakh, da Mongólia, da Coreia – lugares estranhos, línguas estranhas – e têm muitas bibliotecas secretas de antigos escritos. Eu descobri que aquele homem estava na biblioteca; ele estava trabalhando como bibliotecário, mas não era mais monge.

Eu lhe perguntei: “O que aconteceu?!”.

Ele disse: “Naquele dia você mudou toda a minha vida. Depois daquilo eu não consegui falar com a mesma autoridade que falava antes; perdi minha coragem. Eu tentei, mas todas as vezes surgia em mim a pergunta que eu não sei responder: então por que estou falando para estas pessoas? Talvez isso não seja certo, talvez seja certo... quem sabe? Estou cometendo um pecado, porque estas pessoas vão começar a pensar que elas sabem. Naquele dia, na nossa cidade...”. Ele não conseguiu me reconhecer. Eu tive que lembrá-lo porque na última vez que ele havia me visto eu era uma criança. Consegui

reconhecê-lo; embora ele estivesse então com quase 90 anos, não havia mudado tanto... Sim, a pessoa envelhece, mas não ocorre nenhuma mudança básica. Ele estava mais velho, mais frágil, mas, de certa forma, mais jovem, mais vivo.

Eu lhe disse: “Você está trinta anos mais velho agora, mas eu posso ver que seus olhos estão mais jovens, mais vivos”.

Ele disse: “Sim, porque eu deixei aquela vida falsa. Agora sou simplesmente o que sou. Não sei... estou buscando, mas não sei se será possível saber nesta vida porque muita coisa foi perdida”.

Eu disse: “Nunca seja pessimista. Isso pode acontecer qualquer dia, pode acontecer hoje. Se não está acontecendo isso significa que em algum lugar você ainda está carregando algo emprestado. Posso lhe fazer ainda, após trinta anos, outra pergunta?”.

Ele disse: “Eu lhe serei muito grato, porque aquela primeira pergunta me prestou um grande serviço. Ela me fez abandonar minha vida monástica, minha vida de mahatma, meus seguidores – tudo”.

Eu perguntei: “Por que você começou a trabalhar na biblioteca como bibliotecário? Porque este é também o mesmo tipo de negócio. Agora sua busca está em escritos antigos encontrados no Tibete, encontrados em Ladakh, encontrados no Nepal. Você ainda não está buscando dentro de si mesmo. Primeiro você estava buscando a verdade nos livros impressos; agora está buscando por ela diretamente nos antigos escritos, achando que essas pessoas devem ter tido o conhecimento. Mas você está de novo cometendo a mesma tolice. Os livros impressos também não têm o conhecimento. Vêm sendo impressas bíblias após bíblias – milhões de bíblias – e as gráficas continuam sendo apenas gráficas; isso sequer torna alguém um cristão. Você pensa nos manuscritos que conseguirá encontrar? Essas pessoas estavam apenas trabalhando como escribas. Estavam simplesmente copiando, e eram pagas para isso. Elas não eram conhecedoras, eram copiadoras e estavam realizando um método primitivo de impressão. Naquela época a imprensa não era possível, e por isso as pessoas costumavam escrever, copiando um manuscrito e criando outro manuscrito, e deste mais outro, e elas os vendiam. Você acha que essas pessoas tinham o conhecimento?”.

Ele disse: “Mais uma vez você está certo. Estou há vinte anos nesta biblioteca subterrânea, usando todos os tipos de métodos e ideologias – estranhos, muito impressionantes, muito lógicos –, mas certamente

estou fazendo a mesma coisa; não estou buscando. Agora você não vai me encontrar em lugar nenhum”.

Ele deixou o seu trabalho naquele mesmo dia. Enquanto eu ainda estava em Adyar, ele partiu. Quando voltei após andar por ali... é um lugar grande e antigamente era uma comuna pulsante; quando Annie Besant era viva, milhares de pessoas viviam ali. Quando voltei ao escritório central e perguntei por Vidyananda, eles disseram: “Ele foi embora. O que você lhe disse? Porque depois que você o encontrou na biblioteca ele entrou no escritório e disse: ‘Estou partindo, e partindo para sempre. Terminei com os livros. Embora eu seja velho demais... Mas talvez alguns dias sejam suficientes, ou pelo menos antes de eu morrer possa começar direito. Talvez na próxima vida eu consiga completar minha busca, mas pelo menos eu devo começar’”.

Ninguém está perguntando: “O que você sabe, este é o seu conhecimento?”. Se não for o seu conhecimento, ponha-o de lado; ele não tem valor. “O que você está fazendo é a sua aspiração? Você realmente sente um sino tocando em seu coração?” Se não sente, então não desperdice mais nenhum momento.

As pessoas continuam fazendo coisas que outras pessoas as obrigaram a fazer – e elas vão continuar a obrigá-las. É muito improvável que os pais parem de obrigar seus filhos a serem apenas imagens da sua própria ideia, que os professores parem de obrigá-los a aceitar qualquer coisa que eles “saibam”, como se realmente soubessem. Eles continuam fingindo que sabem.

Meu diretor no curso colegial era matemático. Eu não era aluno de matemática, mas costumava ir ao seu gabinete sempre que o via ali sozinho para conversar com ele sobre matemática avançada – porque agora a matemática mais antiga não é mais aplicável à física, à biologia, à química, à bioquímica. Os matemáticos estão indo além disso. Então, ele me disse: “Por que você não começa a assistir às minhas aulas?”.

Eu disse: “Eu não preciso, porque não sou aluno de matemática, mas sempre que estiver livre e você tiver uma aula eu adoraria assistir a ela, se me permitir. Mas então não se sinta incomodado por mim, porque não estarei ali morto, estarei bem vivo”.

Ele disse: “O que quer dizer com estar ‘vivo’?”.

Eu respondi: “Exatamente o que isto significa: estar vivo. É só você me dar uma chance e verá”.

Eu estava sempre interessado em muitas coisas, tentando descobrir se elas eram realmente baseadas no conhecimento ou eram apenas hipotéticas – porque se fossem hipotéticas então não eram realmente verdadeiras; eram apenas pragmáticas, úteis, convenientes. Por exemplo, a geometria euclidiana – essa era a matéria que ele estava ensinando quando me permitiu assistir à sua aula pela primeira vez. Ora, as definições de Euclides... até uma criança pode ver que elas estão erradas. Euclides disse: “Uma linha tem comprimento, mas não tem largura”. Ora, sem largura, como pode existir uma linha? É tão simples, não é necessário ser matemático. Eu não sou matemático, e não era absolutamente nada naquela época. E lhe perguntei: “O que você está dizendo é algo estúpido, que a linha tem comprimento, mas não tem largura. Ela tem largura. Trace uma linha no quadro sem largura, apenas com comprimento, e então aceitarei a sua hipótese”.

Ele disse: “Agora eu sei o que você quer dizer com estar vivo. Eu fiz pós-graduação em matemática e essa pergunta nunca veio à minha mente. Euclides disse isso; toda escola, todo colégio, toda universidade ensina isso; então eu nunca pensei... mas talvez você esteja certo”.

Eu disse: “Ela é mensurável. Com o giz você traça uma linha no quadro-negro, e continua dizendo que ela não tem largura. E ‘o ponto’, diz Euclides, ‘não tem comprimento nem largura’. Então, como ele pode existir? Ele pode ter um comprimento muito, muito pequeno, e uma largura muito, muito pequena, mas isso não significa que não tenha nenhuma. Você só precisa de uma lente de aumento. Espere só que vou correndo até o laboratório de química buscar uma lente de aumento e vou lhe mostrar”.

Ele disse: “Não precisa ir, eu consigo entender. Mas, então, o que vou ensinar? Euclides está acabado, porque essas são definições básicas”.

Eu disse: “Essas são hipóteses. A única coisa que você tem de aceitar é que essas hipóteses são práticas, mas não são verdadeiras”.

Assim, você tem que descobrir, com relação a qualquer conhecimento seu, se é apenas hipotético, útil na vida, ou se realmente é uma verdade que você conhece, que você sentiu, que você experimentou. Se for apenas uma hipótese, coloque-a de lado e sentirá um grande alívio. Todas as hipóteses, todo conhecimento emprestado que se juntou ali e que você está carregando... você está arrastando uma carga montanhosa, está sendo esmagado debaixo dela...

simplesmente livre-se dela.

Seja ignorante; aceite que: “Eu sou ignorante”. E a partir desse ponto pode iniciar a busca.

Toda criança acaba sobrecarregada. Espero que algum dia não seja mais assim. Na verdade, não há necessidade disso, porque, quando você está ensinando Euclides, pode ensinar muito simplesmente que isso não é uma verdade, é apenas uma hipótese. Com essa hipótese torna-se mais fácil entender o triângulo, o círculo e todo o resto. Mas lembre-se de que na base há uma hipótese, e que todo o palácio é hipotético.

Do mesmo modo, seu Deus é uma hipótese, e toda a pirâmide da teologia é baseada em nada além de uma hipótese. Se você começar a olhar para as coisas, não será necessária uma grande inteligência, será necessária apenas a simples inocência para ver.

Esse diretor me chamou ao seu gabinete e disse: “Você não deve ir de novo às minhas aulas porque agora será difícil para mim lidar com as crianças. Elas me viram como um ignorante. Até agora eu era uma autoridade, você destruiu isso”. Mas de certa maneira ele era um homem sincero. Ele continuou: “Eu consigo entendê-lo, mas não faça isso com nenhum outro professor, porque eles podem não entendê-lo. E agora eu sei por que há tantas queixas de você, que você perturba as aulas. Mas isso não foi uma perturbação. Você abriu meus olhos, e agora jamais poderei ser o mesmo. Mas o que me perturba é o fato de eu nunca ter pensado nisso, eu simplesmente aceitei”.

Esse é o ponto que eu quero que vocês observem. Vocês aceitaram tudo até agora; vocês aceitaram o que lhes disseram. Vocês têm de começar a questionar, a duvidar. Não temam as autoridades – não há autoridade, Krishna ou Cristo, Maomé ou Mahavira –, ninguém é uma autoridade. E, se eles são uma autoridade, então são autoridades para si mesmos, não para você.

Você só será uma autoridade para si mesmo se algum dia conhecer a verdade da sua própria face original. E então você também não será uma autoridade para outra pessoa. Ninguém pode ser uma autoridade para ninguém mais. Toda essa ideia de autoridade tem que desaparecer do mundo.

Sim, as pessoas podem compartilhar sua experiência, mas isso não é autoridade.

Eu não quero lhes impor nada, nem uma única palavra nem um

único conceito. Todo o meu esforço é para, de alguma maneira, torná-los alertas e cautelosos com relação a todas as autoridades. E no momento em que virem que há alguma autoridade perambulando em torno de vocês, expulsem-na.

Acabem com tudo o que lhes foi dado, imposto, e a face original vai começar a se mostrar. Você nunca sabe, você nunca sequer imagina qual será sua face original, qual será seu verdadeiro ser. Só saberá quando conhecer, quando estiver face a face consigo mesmo, quando não houver nenhum tipo de entrave e você estiver totalmente sozinho.

Nessa solidão floresceram todos os seres que floresceram.

Não muitos floresceram. Só de vez em quando... É uma tragédia estranha que milhões de pessoas nasçam e apenas de vez em quando uma pessoa floresça. Por isso eu digo que não há jardineiro, nenhum Deus olhando em volta, observando, cuidando; do contrário haveria milhões de árvores e só uma árvore vindo a florescer!? A primavera vem e vai e só uma floresce; milhões de árvores simplesmente permanecem áridas, improdutivas? Que tipo de jardineiro está cuidando do jardim?

Isso é prova suficiente de que não há jardineiro, não existe esse Deus; mas isso não significa que você deva se tornar pessimista. Na verdade, isso lhe dá uma nova dimensão – que você tem de ser seu próprio jardineiro. É bom que não haja esse Deus, porque você pode ser seu próprio jardineiro. Mas toda a responsabilidade é sua; você não pode culpar ninguém.

Estou removendo Deus para que vocês não possam responsabilizar o pobre velho. Ele já tem sido responsabilizado por tudo: Ele criou o mundo, Ele criou isso, Ele criou aquilo... eu tiro toda essa responsabilidade Dele – Ele não existe.

Vocês o criaram apenas para lançar sua responsabilidade sobre Ele. Assumam de volta a sua responsabilidade.

Aceitem sua solidão.

Aceitem sua ignorância.

Aceitem sua responsabilidade, e então vejam o milagre acontecendo.

Um dia, de repente, você vai se ver sob uma luz totalmente nova, como nunca se viu antes. Nesse dia você realmente nasceu. Antes disso foi apenas um processo de pré-nascimento.

Há razões por que as pessoas se desviaram da sua originalidade. Primeiramente, vocês não sabem qual é a sua originalidade. Segundo, há pessoas que estão apressadas para impor alguma ideia própria a vocês, porque, uma vez que a ideia é imposta, vocês estão psicologicamente escravizados. Um cristão não consegue encontrar a verdade, um hindu não consegue encontrar a verdade, porque o cristianismo é uma prisão, o hinduísmo é uma prisão. Alguém está sobrecarregado pelo Alcorão e outro alguém está sobrecarregado pela Torá.

Então, não é uma questão do que tem de ser jogado fora, seja o que for... Por isso, comigo um judeu, um cristão, um hindu, um muçulmano, um jaina, um budista, um parse, um sikh... qualquer um pode encontrar algo ressoando nele porque o que estou dizendo é aplicável a todos. Se vocês estão sobrecarregados pela Bíblia ou pelo Alcorão, não faz diferença. Não estou interessado em que vocês se livrem da Bíblia; estou interessado em que se livrem de todo tipo de lixo que estão carregando. E eu chamo isso de lixo porque lhes tem sido dado por outros; não é de vocês.

Lembre-se: só aquilo que você experienciou é seu.

O que você sabe – só aquilo você sabe.

Deixe que seja muito pouco, não fique preocupado; as sementes são muito pequenas, mas uma semente tem potencialidade. Não é uma coisa, é um ser que está pronto para irromper – ele só precisa da oportunidade.

E esta é para mim a função do mestre: criar a oportunidade – não lhe dar conhecimento, não lhe dar disciplina, não lhe dar uma doutrina ou um dogma, mas criar uma oportunidade para que todas essas coisas devagar, lentamente, desapareçam. Elas não estão aderidas a vocês, vocês as estão segurando firme.

Então, quando eu digo que elas desaparecem, quero dizer que devagar, lentamente, vocês abrem o punho. É claro que leva um tempo, porque durante muito tempo você achou que estava retendo algo precioso. E, mesmo que você me entenda, repetidas vezes lhe vem a ideia de que talvez, se largar isso, possa perder algo precioso. Mas não há nada de precioso ali.

Lembre-se de um critério: qualquer coisa preciosa é apenas aquilo que você conhece, e não há como perder aquilo que conhece. Qualquer coisa que possa ser perdida e à qual você tem de se apegar

não pode ser preciosa, porque pode ser perdida. Isso mostra que ela não é sua experiência.

Então, temos de aceitar que a sociedade por um tempo vai continuar da maneira como tem continuado, mas podemos encontrar pessoas inteligentes e tirá-las da sociedade.

É isso que eu quero dizer com o *sannyas*.

As pessoas não conseguem entender isso porque acham que estou tentando criar determinada religião, dando-lhes certa vestimenta, certa identidade. Não, não estou criando nenhuma religião. Esta vestimenta* que estou lhes dando é simplesmente para que vocês comecem a ter um distanciamento da maioria, de modo que a multidão os empurre para fora e não lhes permita se inserirem. Do contrário, vocês gostariam de estar no meio dela. Quem quer estar fora da multidão? Lá é tão aconchegante, tão excitante. Eu lhes dou esta vestimenta simplesmente como uma estratégia, um artifício para as pessoas evitarem vocês; onde quer que vocês vão, as pessoas se distanciam. Essa é a única maneira de salvá-las: vocês não podem se misturar com a maioria. Do contrário seria mais fácil para mim e mais fácil para meus *sannyasins*, se eu não os fizesse ter uma aparência diferente das outras pessoas. Muito mais pessoas viriam para cá mais facilmente. Mas eu não estou interessado em muito mais pessoas. Não sou um político, não sou um papa; o que eu tenho a ver com “muitas” pessoas?

Estou interessado apenas naqueles poucos escolhidos – inteligentes, corajosos, capazes de sair no frio e deixar o aconchego da maioria e do ajuntamento. No início, isso parece frio; logo o seu corpo tem seu próprio sistema de criar calor. Seu ser logo começa a criar seu próprio aroma.

Assim, temos que ir atraindo pessoas da multidão, e continuar destruindo o que quer que a multidão lhes tenha dado – porque quando você atrai uma pessoa para fora da multidão essa pessoa traz a multidão em sua mente. Você pode facilmente atrair a pessoa para fora da multidão – isso não é difícil –, mas a pessoa traz a multidão na sua mente. E a segunda parte do trabalho é mais difícil: tirar a multidão da sua mente.

As duas coisas têm de ser feitas: atrair a pessoa que está na multidão, e depois afastar a multidão da pessoa, para que ela simplesmente seja deixada só.

E para mim nada é melhor do que ser deixado totalmente só, em meu ser puro e essencial.

*Durante toda a minha vida eu tentei me modificar, mas parece
que nada jamais muda – eu continuo o mesmo.
Será que não há nenhuma esperança para mim?*

Em primeiro lugar, por que você quer se modificar?

Você é bonito como é – por que não consegue se aceitar? E o milagre é que, quando você se aceita, a mudança acontece. Ela não pode acontecer por seu próprio esforço, porque quem irá mudá-lo? A mesma mente está tentando se modificar? A mente violenta está tentando ser não violenta? Como isso vai acontecer? Mesmo sendo não violenta, a violência permanecerá.

A mente zangada está tentando não ficar zangada? Você pode dar um jeito, pode cultivar uma rigidez em torno de si. Você pode reprimir a raiva, mas a mente é a mesma – a raiva está ali. Você está sentado em cima dela; está sentado sobre um vulcão. A mente estúpida tentando ser inteligente? No próprio esforço, a estupidez vai se tornar cada vez mais enraizada...

Então, qual é a saída? A saída é a aceitação – a aceitação é uma chave mágica. Aceite-se como você é! E nessa aceitação surge a inteligência. Por que surge a inteligência nessa aceitação? Porque, quando você se aceita, não está mais dividido; a divisão desaparece. A divisão está entre você e o *dever*, entre você e o *que é conveniente*. É aí que está enraizado todo o segredo da esquizofrenia: “Eu sou *isto* e tenho que ser *aquilo*”.

Agora há apenas duas coisas a fazer: ou a pessoa fica louca se tornando *aquilo*... e isso será exatamente como um cão tentando pegar seu próprio rabo, ou como você tentando puxar-se para cima com as cordas do sapato. Você pode saltitar, pular um pouco, mas isso não será suficiente. É isso que as pessoas assim chamadas de religiosas estão fazendo: pulando, saltando pelos cordões dos próprios sapatos. Por um momento elas ficam um pouco mais elevadas que a terra, mas logo caem de volta, e ruidosamente.

Essa não é a maneira certa. A divisão vai se tornar mais profunda ainda. Quanto mais você tentar, mais irá falhar e, quanto mais falhar, mais vai perder sua autoconfiança, seu autorrespeito – em drogas, no

álcool, nisso e naquilo, na política do poder, no dinheiro, no mercado. As pessoas inventaram mil e uma maneiras de fugir de si mesmas. E elas têm de inventá-las porque criaram uma ideia feia de si mesmas. Dizer-lhes “Conheça a si mesmo!” significa chocá-las. Elas não querem se conhecer.

Então, pessoas como Sócrates continuam dizendo: “Conheça a si mesmo”; ninguém ouve, ninguém escuta. Ninguém quer se conhecer, porque vocês já decidiram que são seres desagradáveis, que são doentes, que são feios, anormais, que todos os tipos de pus e de feridas estão dentro de vocês. Quem quer ir lá? É melhor não olhar para esses ferimentos; esquecer tudo a respeito deles.

E, se vocês tentarem mudar, o que vão fazer? Vão cortar este ramo, aquele ramo. E o problema está nas raízes, não nos ramos. Se você cortar uma árvore, ela vai ficar mais grossa. Ela terá uma folhagem melhor; mais folhas vão crescer, porque a árvore vai enfrentar o desafio. Você quer destruir a árvore? Você corta uma folha: três folhas surgirão – essa é a resposta da árvore. Corte um ramo: três ramos irão substituí-lo. A árvore não pode ser tão facilmente destruída. Ela tem de sobreviver. E você pode continuar cortando as folhas e os ramos – nada vai acontecer. No fundo você vai continuar o mesmo, porque as raízes permanecem intactas.

O japonês foi durante um longo tempo cliente do restaurante grego porque tinha descoberto que eles faziam um arroz frito especialmente saboroso. Toda noite ele ia lá e pedia “*aloz frito*”.

Isso sempre fazia com que o dono do restaurante grego quase rolasse no chão de tanto rir. Às vezes, ele estava acompanhado por dois ou três amigos que ficavam próximo apenas para ouvir o cliente japonês pedir seu “*aloz frito*”.

Finalmente, o orgulho do cliente ficou tão ferido que ele resolveu ter algumas aulas de pronúncia para conseguir falar “*arroz frito*” corretamente.

Na vez seguinte em que ele foi ao restaurante, disse, muito claramente: “*Arroz frito, por favor*”.

Incapaz de acreditar em seus ouvidos, o dono do restaurante grego disse: “Senhor, o senhor pode repetir isso?”.

O japonês replicou: “Você ouviu o que eu disse, seu *glego* idiota!”.

Essa não é a maneira de mudar. Você pode mudar uma letra do

alfabeto, mas no fundo continua a ser japonês. Isso vai se expressar de alguma forma. Ou você enlouquece ou se torna hipócrita. Sua sociedade, sua sociedade louca, só lhe deixa duas alternativas: ou você enlouquece tentando melhorar a si mesmo puxando a si mesmo pelos cordões de seus sapatos; ou, se for um pouco mais inteligente, sendo hipócrita. Finja e diga uma coisa, e faça exatamente o oposto – mantenha uma porta dos fundos em sua vida. Na porta da frente tenha uma linda fachada – pintada com o *dever*, o ideal, o conveniente – e viva a partir da porta dos fundos, viva realmente, naturalmente, a partir da porta dos fundos.

Mas isso também cria uma cisão: você nunca poderá se sentir à vontade. Você estará constantemente mentindo, e será diversas vezes apanhado. Como você pode fingir? Você não pode ser bem-sucedido em suas pretensões porque seus vizinhos também estão fingindo; assim, todos sabem que todos estão fazendo o mesmo. Todos têm porta dos fundos, e sabem que você também deve tê-la.

Por isso, quando vocês ouvem algo errado sobre alguma outra pessoa, vocês imediatamente acreditam, nem pedem provas. Sempre que escutam algo bom sobre outra pessoa, vocês querem provas. Se alguém diz: “Esse santo é falso, ele não é realmente um santo. Na verdade, ele é um assassino, um depravado, ganancioso, violento”, você imediatamente acredita nisso! E se alguém diz: “Esse homem é realmente um santo”, surge em você uma suspeita. Você diz: “Eu vou ver. Teremos que examinar bem isso, terei que investigar”.

Vocês conhecem as pessoas, e sabem como elas são: como podem acreditar tão facilmente que as pessoas podem ser boas? Você sabem que a sua bondade é falsa, isso lhes dá a ideia de que a bondade de todo mundo é falsa. Toda esta sociedade consiste em hipócritas.

Por favor, pare de melhorar a si mesmo, pare de mudar a si mesmo. Como você vai mudar, e para quê? E quem vai decidir o que você deve ser? Se você permitir que outra pessoa decida quem você deve ser, será uma imposição de fora. O padre, o político, eles estão tentando impor a vocês alguns ideais. E por causa desses ideais vocês não podem ser naturais, não podem ser simples; têm que carregar pesos pesados nas costas. E vocês serão sempre não naturais, arbitrários, artificiais. Você não pode imitar ninguém!

O famoso livro de Tomás de Kempis é *Imitação de Cristo* – mas eu jamais me deparei com um título mais falso e mais feio. Imitação de

Cristo? E o livro é extremamente respeitado; é um dos mais respeitados tratados cristãos. Mas a ideia geral é errônea. Se você imitar Cristo, será apenas uma imitação – jamais será um Cristo. E ser um imitador significa ser um hipócrita. Como você pode imitar Cristo? Ele era um homem totalmente diferente. Ele nunca imitou ninguém. Se ele houvesse imitado, teria sido amado e respeitado pelos judeus; e se houvesse imitado Moisés ou Abraão, não teria sido crucificado. Ele nunca imitou ninguém! Simplesmente se afirmou como ele era; ele se respeitou como Deus o havia feito, sem nenhuma imitação. Ele foi um homem original, não uma cópia carbono.

Agora, Tomás de Kempis será uma cópia carbono; ele pode ter algum sucesso, mas assim mesmo terá sido uma cópia carbono – e uma cópia carbono é algo feio. Seja o original. Quando se pode ser o original, por que ser uma cópia carbono? Não imite Buda, não imite Jesus, não me imite – nunca imite ninguém! Aprenda de toda parte, mas nunca imite. Seja você mesmo. Você tem que ser apenas você mesmo. E não há como conhecer quem você é antecipadamente. Como você irá decidir quem você é, a menos que vá para dentro e veja quem você é?

Então, a primeira coisa não é o esforço para mudar – a primeira coisa é o esforço de se familiarizar com seu próprio eu. Quem está residindo dentro de você? Olhe para este convidado que veio até você. Seu corpo é um hospedeiro... algum estranho está residindo em seu corpo, algum estranho vindo de longe penetrou em seu corpo. Esse é você! Apenas olhe, observe, medite, tome consciência. Abandone todos os esforços de se modificar. Coloque toda a sua energia em conhecer a si mesmo, e desse conhecimento virá o crescimento. E esse crescimento vai lhe trazer a sua face original. Você tem de ser apenas você mesmo. Você tem de ser apenas aquele que você já é.

Estou consciente da minha necessidade de aprovação e aceitação por parte dos outros. Não quero ser direcionado por essa necessidade. Como resolver isso?

Tem-se que ver a tolice disso tudo. Não é uma questão de resolver. Tem-se que ver o ridículo disso; então isso desaparece. Nada é resolvido – as doenças não são “resolvidas”, elas desaparecem. Tentem ver a loucura disso.

Vou lhes contar alguns casos curiosos.

Uma mulher, que acabou de se mudar para uma espaçosa mansão, encontra a mulher que ela sabia viver em um chalé nos limites da sua propriedade.

“Seja bem-vinda à nossa pequena comunidade”, saudou a moradora do chalé.

A nova residente, empertigando-se com arrogância, replicou: “Por favor, não se dirija a mim. Eu nunca falo com um inferior”.

“Oh”, respondeu docemente a moradora do chalé, “e onde no mundo você encontrou um?”

Todo mundo é egoísta. É difícil ver que você está no mesmo barco. Você pode ver todos os outros no mesmo barco. Apenas veja – que todo mundo, em profunda ignorância, permanece egoísta, continua pensando em termos do ego. Ninguém está no mundo para satisfazer o seu ego, o de você; todos estão tentando satisfazer o próprio. Quem tem tempo para satisfazer o seu ego? E, se às vezes alguém satisfaz o seu ego, deve estar o satisfazendo como um meio de satisfazer o próprio.

Basicamente, todo mundo está interessado em si mesmo. Assim como você está interessado em si mesmo, os outros estão interessados neles mesmos. Tenha consciência disso.

Todo mundo está tentando competir e, nessa competição, nessa corrida egóica, ambiciosa, vai-se destruindo tudo o que é belo. Destrói-se uma vida bela que poderia ter florescido e se tornado um pináculo de existência – como Buda, como Jesus, como Krishna. Mas todo mundo está pedindo aos outros, mendigando: “Aprove-me! Diga algo que me proporcione um bom sentimento sobre mim mesmo”. Dessa forma, a bajulação funciona. Assim, qualquer um pode enganar você simplesmente bajulando-o.

E as pessoas vão fazendo coisas que nunca quiseram fazer, mas continuam fazendo, porque é a única maneira de obter a aprovação dos outros. Todo mundo é desviado do seu destino, porque os outros estão olhando, e eles têm uma ideia fixa sobre como aprová-lo.

Isto aconteceu:

A recém-casada retornou à sua pequena cidade após o casamento apressado. “Imagino que a minha fuga amorosa tenha sido um comentário de nove dias por aqui”, disse ela ao único policial da cidade.

“Teria sido”, respondeu ele, “só que o cachorro dos Smith enlouqueceu na mesma noite.”

As pessoas continuam desperdiçando o seu tempo, a sua vida e a sua energia. Isso não é necessário! Na verdade, da maneira como você é, você é perfeito. Nada tem de ser adicionado a você. Deus nunca cria ninguém imperfeito. Como ele poderia criar alguém imperfeito?

Vocês devem ter ouvido pessoas religiosas ensinando-lhes que Deus criou o mundo. Elas continuam a lhes ensinar que vocês foram criados por Deus à sua própria imagem. Mas ainda assim elas prosseguem ensinando-lhes: “Tornem-se perfeitos!”. Isso é um total absurdo. Deus os criou à sua própria imagem, e vocês ainda necessitam de perfeição! Então Deus deve ser imperfeito. Como uma imperfeição pode vir de Deus? A criação leva a sua assinatura. Vocês também levam a sua assinatura e emitem essa súplica! Alguém está pedindo dinheiro, alguém está pedindo pão, alguém está pedindo aprovação. São todos pedintes.

Não peça. Pedindo você vai perder muita coisa que já está disponível para você. Olhe em vez de pedir. Olhe dentro de você, e o imperador dos imperadores está ali. Comece a desfrutar disso, comece a viver isso!

Isto aconteceu:

O famoso atleta do colégio havia acabado de voltar da Olimpíada com o peito repleto de medalhas quando caiu doente. No hospital, o médico tirou sua temperatura, balançou a cabeça de maneira suspeita e disse: “Você está com mais de 40 graus de febre”.

“É mesmo?”, disse o atleta fracamente. Então, de repente interessado, perguntou: “Ei, doutor, qual é o recorde mundial?”.

Livrem-se de toda essa bobagem! Vocês já foram aprovados; do contrário, nem poderiam estar aqui. Deus os aceitou, os criou. Se Van Gogh pinta, qualquer quadro que ele crie já foi aprovado – do contrário, antes de qualquer coisa ele não o teria criado. Se Picasso pinta algo, no próprio quadro a pintura é aprovada. O pintor colocou seu coração na sua obra. Penetrem fundo dentro do seu próprio ser – Deus colocou ali todos os tesouros de que vocês necessitam. Ele os aprovou, os aceitou. Ele está feliz por vocês existirem!

Mas vocês não olham dentro de si. Vocês estão pedindo aos outros,

como mendigos, “Aprove-me!” – e eles também são mendigos como vocês. Mendigos pedindo a mendigos. Mesmo que eles o aprove um pouco, vão esperar que você também os aprove. Será uma barganha. E pense nisto: eles não têm nada a lhe dar se eles próprios estão pedindo, e o que você pode lhes dar se você mesmo está pedindo? Ficando um pouco mais alerta, você pode parar de mendigar. E com isso a ambição acaba, o ego desaparece. Você começa a viver.

Dance enquanto está vivo. Respire com felicidade enquanto está vivo. Cante enquanto está vivo. Ame, medite, enquanto está vivo. E, quando você muda, o foco da sua consciência muda do exterior para o interior, e você se sente enormemente feliz e abençoado. Só o fato de sentir “Eu existo” é uma tal bênção que nada mais é necessário. “Eu existo!”: toda dança, todo canto, todas as bênçãos estão aí incluídos. “Eu existo!”: Deus está incluído nisso.

Não transforme seu Deus em um mendigo. Seja um Deus! Reconheça a sua divindade e então nada mais será necessário. Temos simplesmente que aceitar, temos que começar a viver. Vivam como deuses: essa é a minha mensagem para vocês. Não estou dizendo para se tornarem deuses, estou dizendo que vocês são deuses; comecem a viver! Vocês são. Portanto reconheçam isso! Vocês são. Lembrem-se disso! Vocês são. Simplesmente tornem-se conscientes disso.

Não há nada a ser alcançado. A vida não é um empreendimento, é um dom. Ela já foi dada. O que você está esperando? A porta está aberta, e o anfitrião já o convidou. Entre!

Sempre que tenho um período em que me sinto infeliz na vida, chego a um ponto em que simplesmente rio de mim mesmo, sinto o retorno da liberdade, e vejo que tudo o que fiz foi parar de me amar. Este insight em si talvez não seja particularmente profundo, mas, no momento em que ele acontece, sempre fico espantado ao ver com que facilidade, e por quanto tempo eu me disponho a renunciar à minha própria autoestima. Isso está nas raízes do sofrimento da maioria das pessoas, ou é apenas uma experiência minha?

Não é apenas uma experiência sua. Está na raiz do sofrimento da maioria das pessoas, mas não com o significado que você está dando a ela.

Não é porque vocês pararam de amar a si mesmos que caem na infelicidade. É que criaram um *eu* que não existe. Então, às vezes esse *eu* irreal sofre ao amar os outros, porque vindo da irrealidade o amor não é possível. E isso não é unilateral: são duas realidades tentando amar uma à outra... mais cedo ou mais tarde esse arranjo vai fracassar. Quando esse arranjo fracassa, vocês caem sobre si mesmos – não há outro lugar para ir. Então pensam: “Eu esqueci de me amar”.

De certa maneira esse é um alívio pequeno: pelo menos, em vez de duas irrealidades, você agora tem apenas uma. Mas o que você fará amando a si mesmo, e por quanto tempo conseguirá se manter amando a si mesmo? É irreal; não vai lhe permitir enxergar isso durante um longo tempo porque é perigoso: se você enxergar isso durante um longo tempo, esse assim chamado *eu* desaparecerá, e essa será uma *real* liberdade da infelicidade.

O amor vai permanecer não direcionado a alguém ou a si mesmo. O amor vai permanecer não direcionado porque não há ninguém a quem dirigi-lo, e quando o amor está ali, não direcionado, há uma grande felicidade.

Mas esse *eu* irreal não vai lhe permitir muito tempo. Logo você vai tornar a se apaixonar por outra pessoa, porque o eu irreal necessita do apoio de outras irrealidades. Então, as pessoas se apaixonam e se apaixonam, e se apaixonam e se apaixonam. E esse fenômeno é estranho, porque dezenas de vezes as pessoas se apaixonam e ainda assim não enxergam o ponto. Elas são infelizes quando estão apaixonadas por outra pessoa; elas são infelizes quando estão sozinhas e não estão apaixonadas – apenas um pouco aliviadas no momento.

Na Índia, quando alguém morre, as pessoas carregam o falecido em uma espécie de maca sobre os ombros. Mas, no caminho, elas vão trocando de ombro – do ombro direito sobre o qual colocaram a maca, após alguns minutos, elas mudam para o esquerdo. Sentem um alívio quando colocam a maca do ombro esquerdo para o direito. Nada mudou, o peso está ali sobre elas, mas o ombro esquerdo sente uma espécie de alívio. É momentâneo, porque logo o ombro direito vai começar a doer e elas terão novamente que trocar de ombro.

É isso que sua vida é. Vocês continuam mudando a pessoa, pensando que talvez esta mulher, este homem, lhes trará o paraíso pelo qual estiveram sempre ansiando. Mas todos trazem o inferno – sem falhar!

E ninguém deve ser condenado por isso, porque estão fazendo exatamente o mesmo que você está fazendo: estão carregando um *eu* irreal do qual nada pode crescer. Ele não pode florescer, está vazio – enfeitado, mas vazio e oco por dentro. Então, quando vocês veem alguém de longe, ele ou ela é atraente. À medida que vão chegando mais perto, a atração diminui. Quando se encontram, não há um encontro, mas um confronto. E de repente você acha a outra pessoa vazia e se sente enganado, traído, porque a outra pessoa não tem nada do que havia sido prometido.

E é igual a situação do outro em relação a você. Todas as promessas falham e vocês se tornam uma carga um para o outro, uma infelicidade um para o outro, uma tristeza um para o outro, destrutivos um para o outro. Vocês se separam. Por um breve tempo há um alívio, mas sua irreabilidade interna não consegue deixá-los neste estado por muito tempo; logo vocês vão estar em busca de outra mulher, de outro homem, e vão cair na mesma armadilha. Só as faces são diferentes; a realidade interna é a mesma: vazia.

Se você realmente quer se livrar da infelicidade e do sofrimento terá que entender: você não é esse *eu*. Então, não haverá apenas um pequeno alívio, mas um tremendo alívio. E se você não têm esse *eu*, a necessidade do outro desaparece. Era a necessidade de o *eu* irreal continuar sendo nutrido pelo outro. Você não precisa do outro.

E ouça atentamente: quando você não precisa do outro, você consegue amar. E esse amor não vai trazer infelicidade. Indo além das necessidades, exigências, desejos, o amor se torna um compartilhamento muito suave, um grande entendimento. Quando você entender a si mesmo, nesse dia você entenderá toda a humanidade. Então, ninguém pode fazê-lo infeliz. Você sabem que eles estão sofrendo de um *eu* irreal, e estão lançando a sua infelicidade sobre alguém que está próximo.

Seu amor vai torná-lo capaz de ajudar a pessoa que você ama a se livrar do *eu*.

Eu conheço apenas um presente... O amor só pode lhe dar uma coisa: aquilo que você não é, que o seu *eu* é apenas imaginário. Essa realização entre duas pessoas de repente as torna uma só, porque dois nada não podem ser dois. Duas algumas coisas serão duas, mas dois nada não podem ser dois: dois nada começam a se fundir e a se mesclar. Eles estão prestes a se tornar um.

Por exemplo, se estamos sentados aqui... se todos são um ego, então há muitas pessoas que podem ser contadas. Mas há momentos, eu posso ver – talvez muitas vezes vocês também o vejam –, em que há um absoluto silêncio. Então, vocês não conseguem contar quantas pessoas estão aqui. Há apenas uma consciência, um silêncio, um nada, uma ausência de *eu*. E só nesse estado duas pessoas podem viver em eterna alegria, um grupo pode viver em imensa beleza. Toda a humanidade pode viver em grande bênção.

Mas tente ver o *eu* e vocês não irá encontrá-lo.

Não encontrá-lo é de grande importância. Eu lhes contei muitas vezes a história de Bodhidharma e do seu encontro com o imperador chinês Wu – um encontro muito estranho, muito frutífero. O imperador Wu talvez fosse naquela época o maior imperador do mundo; ele governava toda a China, a Mongólia, a Coreia, toda a Ásia, exceto a Índia.

Ele ficou convencido da verdade dos ensinamentos de Gautama Buda, mas as pessoas que trouxeram a mensagem de Buda eram estudiosos, nenhuma delas era um místico. Então, veio a notícia de que Bodhidharma estava chegando, e houve uma grande excitação por todo lugar. Como o imperador Wu havia sido influenciado por Gautama Buda, isso fez todo o seu império ser influenciado pelo mesmo ensinamento. E agora um verdadeiro místico, um buda, estava chegando – foi uma grande alegria!

O imperador Wu nunca havia ido até as fronteiras onde Índia e China se encontravam para receber alguém. Ele recebeu Bodhidharma com grande respeito e perguntou: “Estive perguntando a todos os monges e estudiosos que chegavam, mas ninguém foi de ajuda... Eu tentei tudo. Mas, como se livrar deste *eu*?”. E o buda disse: “A menos que você se torne um *não-eu*, sua infelicidade não poderá terminar”.

Ele foi sincero. Bodhidharma olhou dentro dos olhos dele e disse: “Eu vou ficar no templo do lado do rio, próximo da montanha. Amanhã de manhã, exatamente às 4 horas, venha até lá e eu vou acabar com este *eu* para sempre. Mas, lembre-se, você não pode trazer nenhuma arma com você, nenhum guarda; você tem de vir sozinho”.

Wu ficou um pouco preocupado, o homem era estranho! “Como ele poderá destruir o meu *eu* tão rapidamente?” “Isso demora”, os estudiosos lhe disseram, “vidas e vidas de meditação; e então o *eu* desaparece”. “Esse homem é estranho! E ele quer que eu venha até ele

na escuridão, às 4 horas da manhã, sozinho, sem sequer uma espada, nenhum guarda, nenhuma companhia. Esse homem parece ser estranho... ele poderá fazer alguma coisa. E o que ele quer dizer com o fato de matar o *eu* para sempre? Ele pode me matar, mas como ele matará o *eu*?”

Durante a noite toda ele não conseguiu dormir. Seus pensamentos mudaram repetidas vezes – ir ou não ir? Mas havia algo nos olhos do homem, e havia algo em sua voz, e havia uma aura de autoridade quando ele disse: “Venha às 4 horas em ponto, e vou acabar com este *eu* para sempre! Você não precisará ficar preocupado com ele”.

O que ele disse parecia absurdo, mas a maneira como o disse, e a maneira como ele olhava era tão dominante: o homem sabe o que está dizendo. Finalmente, Wu decidiu ir: “No máximo ele pode me matar, o que mais? E eu tentei tudo. Não consigo atingir esse não-*eu*, e sem atingir esse não-*eu* não haverá fim para esta infelicidade”.

Ele bateu na porta do templo e Bodhidharma disse: “Eu sabia que você viria; e sei também que durante toda a noite você ficou mudando sua decisão. Mas isso não importa. Você veio. Agora, sente-se na posição de lótus, feche os olhos e eu vou sentar na sua frente. No momento em que você encontrar, dentro de si, o seu *eu*, pegue-o para que eu possa matá-lo. Só o segure bem firme e me diga que o pegou, e eu o matarei e isso estará acabado. É uma questão de minutos”.

Wu estava um pouco amedrontado. Bodhidharma parecia um louco. Ele é pintado como um louco; ele não era daquela forma, mas as pinturas são simbólicas. Essa é a impressão que ele deve ter deixado nas pessoas. Não era a sua face real, mas essa devia ser a face de que as pessoas se lembravam. Ele estava sentado com seu grande bastão na frente de Wu, e lhe disse: “Não perca um segundo. No momento em que o pegar – procure-o lá dentro em cada canto –, abra seus olhos e então me diga que o pegou, e eu vou acabar com ele”.

Então, houve silêncio. Uma hora se passou, duas horas se passaram e o sol estava nascendo, e Wu era um homem diferente. Naquelas duas horas ele olhou dentro de si, em cada canto. Ele tinha que olhar. Aquele homem estava sentado logo ali; podia golpeá-lo na cabeça com seu bastão. Podia-se esperar qualquer coisa, o que quer que fosse! Ele não era um homem de etiqueta, de boas maneiras; não era parte da corte de Wu, e por isso Wu teve de olhar atentamente, intensamente. E, à medida que olhava, foi ficando relaxado. O *eu* não estava em

parte alguma. Na busca por ele, todos os pensamentos desapareceram. A busca foi tão intensa que toda a sua energia ficou envolvida naquilo; não restou nada para pensar, para desejar, isto ou aquilo.

Quando o sol estava nascendo, Bodhidharma viu a face de Wu; ele não era o mesmo homem – tal o silêncio, tal a profundidade. Ele havia desaparecido. Bodhidharma o sacudiu e lhe disse: “Abra os olhos, ele não está aí. Não preciso matá-lo. Não sou um homem violento, eu não mato nada! Mas esse *eu* não existe. Como você nunca olhou para ele, ele continuou existindo. É na sua não busca por ele, na sua não consciência, que ele existe. Agora ele se foi”.

Duas horas se passaram e Wu estava imensamente satisfeito. Ele jamais havia experimentado tal doçura, tal frescor, tal renovação, tal beleza. E ele não estava ali.

Bodhidharma havia cumprido a sua promessa. O imperador Wu se curvou, tocou seus pés e disse: “Por favor, perdoe-me ter pensado que você é louco, pensado que você não conhece as boas maneiras, pensado que você é estranho, pensado que você pode ser perigoso. Nunca vi um homem mais misericordioso do que você... Estou totalmente preenchido. Agora não há dúvidas em mim”.

O imperador Wu disse que, quando morresse, em seu túmulo, no memorial, a declaração de Bodhidharma deveria ser gravada em ouro para as pessoas dos próximos séculos virem a conhecê-la... “Houve um homem que parecia louco, mas que era capaz de realizar milagres. Sem fazer nada, ele me ajudou a ser um *não-eu*. E desde então tudo mudou. Tudo está igual, mas eu não sou o mesmo, e a vida se tornou apenas uma pura canção do silêncio.”

3.

Você nasce com coragem

Transigência simplesmente significa que você está em um campo incerto. Em vez de ficar fazendo concessões para obter algo, encontre a base, as raízes, a individualidade. Encontre uma sinceridade de sentimentos, o suporte do seu coração.

Então, quaisquer que sejam as consequências, elas não importam. Aquele que sabe sabe perfeitamente bem que nenhum dano é possível. É possível matá-lo, mas não é possível lhe fazer nenhum mal. E aquele que não sabe está sempre tremendo de medo, sempre preocupado. Nessa preocupação e nesse tremor, nessa angústia, ele continua se fazendo concessões a todo mundo – apenas para estar em segurança, para não ser ferido. Mas o que você está tentando salvar? Você não tem nada a salvar.

Eu me sinto dividido em duas partes: metade caminhando para o desconhecido e a outra metade, para tudo o que é familiar ao meu passado. Quando eu me aproximo de me desfazer daquilo que acredito ser meu, entro em pânico – embora eu anseie ir para o local do desconhecido sobre o qual você fala. Por favor, dê-me coragem para dar o próximo passo.

A questão real não é de coragem; a questão real é que você não entende que o conhecido está morto, e o desconhecido é a vida.

Apegar-se ao conhecido é apegar-se a um cadáver. Não é necessária coragem para abandonar o apego; na verdade, é necessária coragem para continuar se apegando a um cadáver! Você tem apenas que ver... o que aquilo que lhe é familiar, que você viveu, lhe deu? O que você alcançou com isso? Você ainda não está vazio? Não há um imenso descontentamento, uma profunda frustração e ausência de significado?

De algum modo você continua administrando, escondendo a verdade e criando mentiras para permanecer engajado, envolvido.

Esta é a questão: ver com clareza que tudo o que você conhece pertence ao passado, já se foi. É parte de um cemitério. Você quer estar em um túmulo ou quer estar vivo? E essa não é apenas a questão hoje; será a mesma questão amanhã e depois de amanhã. Será a mesma questão até seu último suspiro.

O que quer que você saiba, acumule – informação, conhecimento, experiência –, no momento em que você os tenha explorado, você terminou com eles. Agora, carregar essas palavras vazias, essa carga morta, está esmagando a sua vida, sobrecarregando a sua vida, impedindo-o de se transformar no ser vivo, exultante – que está esperando por você a cada momento.

O homem de entendimento morre a cada momento para o passado e renasce novamente para o futuro. Seu presente é sempre uma transformação, um renascimento, uma ressurreição. Não é absolutamente uma questão de coragem – essa é a primeira coisa a ser entendida. É uma questão de clareza, de ter clareza sobre o que é o quê.

Em segundo lugar, quando se trata realmente de uma questão de coragem, ninguém pode dá-la a você. A coragem não é algo que possa ser oferecido como um presente. É algo com o qual você nasce, você apenas não lhe permitiu crescer, não lhe permitiu se afirmar, porque toda a sociedade é contra ela. A sociedade não quer leões; ela quer uma multidão de ovelhas. Então, é fácil escravizar as pessoas, explorar as pessoas, fazer o que se queira fazer com elas. Elas não têm uma alma; são quase robôs. Você ordena e elas obedecerão. Não são indivíduos livres.

Nenhuma sociedade quer que você seja corajoso. Toda sociedade quer que você seja covarde, mas ninguém lhe diz isso tão sinceramente; em vez disso, encontraram palavras bonitas. Eles não vão dizer: “Sejam covardes”, porque isso vai parecer ofensivo às pessoas e elas vão começar a pensar: “Por que eu devo ser covarde?”. E um covarde não é uma pessoa respeitável. Não, eles dizem: “Sejam cautelosos. Pensem duas vezes antes de agir. Lembrem-se da sua tradição, sua religião tem milhares de anos; ela tem sabedoria. Vocês são recém-chegados, não podem se permitir desacreditar nelas. Não há comparação. Vocês simplesmente chegaram e a sua religião já estava

ali há 10 mil anos, acumulando cada vez mais experiência, conhecimento. É um fenômeno himalaio. Vocês são um pequeno seixo. Não podem lutar contra a tradição – isso é lutar contra vocês mesmos, é autodestrutivo. Vocês só podem se submeter à tradição – isso é sábio, inteligente. Estando com a maioria, vocês estão protegidos, estão seguros, estão garantidos de que não vão se desviar”.

Uma coisa simples lhes será dita de muitas maneiras: sejam covardes. É compensador ser covarde; é perigoso ser corajoso porque isso vai levá-lo a entrar em conflito com todos os investimentos de interesse. E você é um pequeno ser humano; não pode lutar contra o mundo inteiro.

Meu avô costumava me dizer: “Tudo o que você diz está certo. Eu sou velho, mas consigo entender que você está dizendo algo verdadeiro. Mas eu lhe sugiro não dizer isso a ninguém, porque vai lhe trazer problemas. Você não pode ser contra o mundo inteiro. Você pode ter a verdade, mas a verdade não conta; o que conta é a maioria. Alguém pode estar simplesmente mentindo” – e todas as religiões vêm fazendo isso, mentindo sobre Deus, mentindo sobre o céu, mentindo sobre o inferno, mentindo sobre mil e uma coisas – “mas a maioria está com elas. Suas mentiras são apoiadas pela imensa humanidade e sua longa tradição. Você não é ninguém”.

Eu tinha uma relação muito amistosa com o meu avô. Ele costumava me levar aos santos que visitavam a cidade. Ele gostava muito dos meus argumentos com os chamados santos, criando uma situação absolutamente embaraçosa para um santo, porque ele era incapaz de me responder. Mas, voltando da visita, ele me dizia: “Lembre-se, isso é bom como um jogo, mas não faça disso a sua vida; do contrário estará sozinho contra o mundo todo. E você não pode ganhar lutando contra o mundo todo”.

A última coisa que ele disse foi parecida. Antes de morrer, pediu que eu me aproximasse e me disse: “Lembre-se, não lute contra o mundo. Você não pode ganhar”.

Eu disse: “Agora você está morrendo. Você esteve ao lado do mundo – o que ganhou com isso? Qual é a sua vitória? Não posso lhe prometer o que está me pedindo. Quero que fique absolutamente claro para você que, custe o que custar... eu posso perder a luta, mas será a minha luta, e eu ficarei imensamente satisfeito porque eu estava do lado da verdade. Não importa se eu ganhar ou perder – isso é

irrelevante, a derrota ou a vitória. O importante é que, se você sente que algo está certo, lute”.

Essa coragem existe em todos. Não é uma qualidade a ser praticada; é algo que faz parte da sua vida, sua própria respiração. Só que a sociedade criou tantas barreiras contra o seu crescimento natural que você começou a pensar: “De onde obter coragem? De onde obter inteligência? De onde obter a verdade?”.

Você não tem de ir a lugar algum. Você contém, na forma de semente, tudo o que quer ser. Compreendendo isso e enxergando o outro lado... Qual é o ganho das pessoas que vivem segundo a maioria? Elas perdem tudo. Na verdade, elas afinal não vivem; apenas morrem. Desde o seu nascimento, elas começam a morrer, e continuam morrendo até o último suspiro. Toda a sua vida é uma longa série de mortes. Apenas olhe toda a maioria das pessoas. Você pode estar com elas, mas o seu destino será o mesmo que o delas.

É muito simples se você souber enxergar: a única maneira de viver a vida é viver por sua própria conta. É um fenômeno individual, é uma independência, é liberdade. É um constante descarregar de tudo o que está morto, de modo que a vida possa continuar crescendo e não ser esmagada sob o peso do morto.

Renunciar ao mundo e à sociedade é parte de um espírito rebelde?

Todo o passado do homem é repleto de pessoas que renunciaram ao mundo e à sociedade. A renúncia tornou-se parte de quase todas as religiões, um princípio básico.

O rebelde está renunciando ao passado. Ele não vai repetir o passado; ele está trazendo algo novo ao mundo. Aqueles que escaparam do mundo e da sociedade são escapistas. Eles realmente renunciaram às responsabilidades, mas sem entender que, no momento em que você renuncia às responsabilidades, também renuncia à liberdade. Estas são as complexidades da vida: a liberdade e as responsabilidades partem juntas ou permanecem juntas.

Quanto mais uma pessoa é amante da liberdade, mais ela estará pronta para aceitar responsabilidades. Mas, fora do mundo, fora da sociedade, não há possibilidade de qualquer responsabilidade. E tem de ser lembrado que, tudo o que aprendemos, aprendemos através da

responsabilidade.

O passado destruiu a beleza da palavra *responsabilidade*. Ele a transformou em quase equivalente a *dever*; e na verdade não é assim. Um dever é algo feito relutantemente, como parte da sua escravidão espiritual. Um dever para com seus idosos, um dever para com seu marido, um dever para com seus filhos – essas não são responsabilidades. Entender a palavra *responsabilidade* é muito importante. Vocês têm de dividi-la em duas: *resposta* e *habilidade*.

Você pode agir de duas maneiras: uma é reação, outra é resposta. A reação vem de seus condicionamentos passados; é mecânica. A resposta vem da sua presença, percepção, consciência; não é mecânica. E a habilidade para responder é um dos maiores princípios do crescimento. Você não está seguindo nenhuma ordem, nenhum mandamento, está simplesmente seguindo a sua consciência. Você está funcionando como um espelho, refletindo a situação e respondendo a ela – não a partir da sua memória, das experiências passadas de situações similares; não repetindo suas reações, mas agindo de maneira atual, nova, neste exato momento. A situação não é velha, nem tampouco sua resposta – ambas são novas. Essa habilidade é uma das qualidades do rebelde.

Renunciando ao mundo, fugindo para a floresta e para as montanhas, vocês estão simplesmente fugindo de uma situação de aprendizagem. Em uma caverna no Himalaia vocês não terão nenhuma responsabilidade, mas lembrem-se, sem responsabilidade vocês não podem crescer; sua consciência vai permanecer paralisada. Para crescer é necessário encarar, encontrar, aceitar os desafios das responsabilidades.

Os escapistas são covardes, eles não são rebeldes – embora isso é que se tenha pensado até agora, que eles são espíritos rebeldes. Eles não são, são simplesmente covardes. Eles não conseguem enfrentar a vida. Conheciam suas fraquezas, suas fragilidades, e acharam que era melhor fugir; porque não teriam nunca de enfrentar sua fraqueza e sua fragilidade, não viriam a conhecer nenhum desafio. Mas, sem desafios, como você vai crescer?

Não, o rebelde não pode renunciar ao mundo e à sociedade, mas ele certamente renuncia a muitas outras coisas. Ele renuncia à chamada moralidade que lhe é imposta pela sociedade; renuncia aos chamados valores impostos pela sociedade; ele renuncia ao

conhecimento dado pela sociedade. Ele não renuncia à sociedade como tal, mas renuncia a tudo o que a sociedade lhe deu. Essa é a verdadeira renúncia.

O rebelde vive na sociedade, brigando, lutando. Permanecer na multidão sem ser obediente à multidão, mas ser obediente à sua própria consciência, é uma enorme oportunidade para o crescimento. Isso faz vir à tona o melhor da pessoa; proporciona-lhe uma dignidade.

Um rebelde é um lutador, um guerreiro. Mas como se pode ser um guerreiro em uma caverna no Himalaia? Com quem se vai lutar? O rebelde permanece na sociedade, mas não é mais parte da sociedade – essa é a sua renúncia e essa é a sua rebeldia. Ele não é teimoso, ele não é inflexível, ele não é egoísta. Ele não sai lutando às cegas.

Se acha que algo está certo, ele obedece, mas obedece à sua própria sensação do que é correto, e não a uma ordem dada por outras pessoas. E, se ele vê que aquilo não é certo, ele desobedece, seja qual for o custo da sua desobediência. Ele pode aceitar uma crucificação, mas não aceitará nenhuma escravidão espiritual.

A situação do rebelde é tremendamente excitante: a todo momento ele é confrontado com problemas, porque a sociedade tem um modo fixo, um padrão fixo, ideais fixos. E o rebelde não pode concordar com esses ideais fixos – ele tem de seguir sua própria voz, ainda que pequena. Se seu coração está dizendo não, não há maneira, não há poder que o force a dizer sim. Você pode matá-lo, mas não pode destruir seu espírito rebelde.

Sua renúncia é bem maior que a renúncia de Gautama Buda, Mahavira e milhões de outros – estes simplesmente renunciaram à sociedade, fugiram para a floresta, para as montanhas. É uma maneira mais fácil, mas muito perigosa, porque ela vai contra o seu crescimento. O rebelde renuncia à sociedade e ainda permanece nela, lutando de momento a momento. Dessa maneira ele não só cresce, mas também permite que a sociedade aprenda que há muitas coisas que não estão certas, mas têm sido consideradas certas. Há muitas coisas que são imorais, mas têm sido consideradas morais; há muitas coisas que têm sido consideradas muito sábias, mas elas são realmente o contrário.

Por exemplo, todas as sociedades do mundo têm enaltecido a virgindade nas mulheres. É um ideal universalmente aceito que a

mulher deva permanecer virgem até o casamento. Há uma barreira de pele pequena e fina na vagina de uma mulher, e, se a mulher faz amor com alguém, essa pequena barreira impede que o espermatozoide vá até o óvulo.

A primeira coisa que o homem está interessado em saber é sobre essa pequena barreira, se ela está intacta ou não. Se não estiver intacta, então a garota não é virgem. Às vezes, montando um cavalo, subindo em uma árvore ou em um acidente, essa pequena barreira pode ser rompida, pode ter orifícios, embora a garota seja virgem. Na Idade Média seria impossível conseguir um marido para ela e, por isso, havia médicos que costumavam fazer uma barreira de pele artificial e fixá-la para que a mulher parecesse virgem, fosse ela virgem ou não. A estupidez não tem limites.

Na verdade, a virgindade não deve ser parte de uma sociedade verdadeiramente compreensiva. A virgindade significa que a mulher permanece inconsciente do que vai enfrentar após o casamento. Uma sociedade mais compassiva vai permitir aos rapazes e às moças conhecerem o sexo antes que se casem, para saberem exatamente para onde estão indo, se querem ou não se casar. Deve ser permitido a uma mulher conhecer quantas pessoas seja possível antes do casamento, e o mesmo se aplica ao homem – porque, antes de decidir sobre um parceiro certo, a única maneira de saber isso é ter experiências com muitos parceiros, com diferentes tipos de pessoas.

Mas a ignorância tem sido proposta em nome da virgindade, em nome da moralidade.

A ignorância não pode ser de modo algum apoiada. Se no mundo as pessoas casadas são tão infelizes, uma das principais razões é que não lhes foi permitido conhecer muitas mulheres, muitos homens, antes do casamento; do contrário teriam escolhido com mais entendimento a pessoa certa que se ajustaria harmoniosamente com elas.

Astrólogos são consultados – como se as estrelas estivessem preocupadas com quem vai se casar com quem, como se as estrelas estivessem interessadas em alguém! Quiromantes são consultadas, como se houvesse linhas em sua mão que pudessem dar indicações de um parceiro certo. Mapas astrais são consultados... todas essas coisas são absolutamente irrelevantes. A data de nascimento de um homem e a data de nascimento de uma mulher não têm nenhuma relação com a vida que eles vão viver. Mas essas têm sido racionalizações. O homem

estava tentando se consolar dizendo a si mesmo que fez o possível para encontrar a parceira certa.

Só há uma maneira de encontrar o parceiro certo: ou seja, permitir aos rapazes e às moças se relacionarem sexualmente com o máximo de parceiros possível, para que saibam as diferenças entre as mulheres e as diferenças entre os homens. Então eles poderão vir a saber de quem eles são opostos polares, a quem eles são apenas indiferentes, com quem eles estão apaixonadamente em harmonia. Exceto essa, não há nenhuma outra maneira de se encontrar o parceiro certo.

Uma pessoa de espírito rebelde terá que ter consciência de cada ideal, ainda que antigo, e terá que responder de acordo com a consciência e o entendimento – e não de acordo com o condicionamento da sociedade. Essa é a verdadeira renúncia.

Lao-Tsé, um autêntico rebelde – mais autêntico do que Gautama Buda e Mahavira, porque permaneceu no mundo e lutou no mundo –, viveu segundo a sua própria luz, lutando, não fugindo. Ele se tornou tão sábio que o imperador o convidou para ser seu primeiro-ministro. Ele simplesmente recusou. Ele disse: “Não vai funcionar porque é improvável que nós cheguemos às mesmas conclusões sobre as coisas. O senhor vive segundo os ideais que seus antepassados lhe incutiram; eu vivo segundo a minha própria consciência”. Mas o imperador foi insistente; ele não conseguia enxergar que houvesse algum problema.

Em seu primeiro dia na corte, um ladrão foi levado até ele; havia sido preso em flagrante, roubando o homem mais rico da capital – e confessou que estava roubando. Lao-Tsé o condenou a seis meses de cadeia tanto o homem rico quanto o ladrão. O homem rico disse: “O quê? Eu fui roubado, eu sou a vítima e estou sendo punido? Você é louco ou o quê? Não há precedente na história de que um homem cujo dinheiro foi roubado deva ser punido”.

Lao-Tsé disse: “Na verdade, você deveria passar um tempo mais longo na cadeia do que o ladrão – estou sendo muito complacente – porque você recolheu todo o dinheiro da cidade. Você acha que dinheiro cai do céu? Quem tornou essas pessoas tão pobres a ponto de se tornarem ladras? Você é o responsável. E este será meu julgamento em todo caso de furto; as duas pessoas irão para a cadeia. Seu crime é bem mais profundo, o crime dele é nada. Ele é pobre e você é responsável por isso. E, se ele estivesse roubando um pouquinho do dinheiro dos seus tesouros, não seria um crime. Esse dinheiro pertence

a muitas das pessoas pobres às quais você roubou. Você continuou se tornando cada vez mais rico e muito mais pessoas foram se tornando cada vez mais pobres”.

O homem rico pensou: “Este homem parece ser louco, totalmente louco”. E disse: “Eu quero uma oportunidade de ver o imperador”. Ele era tão rico que até o imperador costumava lhe pedir dinheiro emprestado. Ele contou ao imperador o que tinha acontecido e disse: “Se você não afastar este homem da corte estará atrás das grades do mesmo modo que eu. Porque, afinal, de onde você conseguiu todos os seus tesouros? Se eu sou um criminoso, você é um criminoso muito maior”.

O imperador viu a lógica da situação. Falou a Lao-Tsé: “Talvez você esteja certo de que será uma dificuldade para nós chegarmos às mesmas conclusões. Você está liberado dos seus serviços”.

Esse homem foi um rebelde; ele viveu na sociedade, lutou na sociedade. Uma mente rebelde só consegue pensar da maneira como ele pensava. Ele não estava reagindo – do contrário haveria precedentes e livros de direito. Ele não estava buscando nos livros de direito e nos precedentes; ele estava buscando dentro do seu próprio *eu*, observando a situação. Por que há tantas pessoas pobres? Quem é responsável por isso? Certamente aqueles que se tornaram ricos demais são os verdadeiros criminosos.

Um rebelde vai renunciar aos ideais, à moral, às religiões, às filosofias, aos rituais e às superstições da sociedade, mas não à própria sociedade. Ele não é um covarde, é um guerreiro. Ele tem de lutar dessa maneira e tem de abrir caminhos para outros rebeldes seguirem.

No que se refere ao mundo... e o mundo e a sociedade não são a mesma coisa. No passado, as chamadas pessoas religiosas renunciavam à sociedade e ao mundo. O rebelde irá lutar contra a sociedade, renunciar aos ideais dessa sociedade, e irá amar o mundo – porque o mundo, a existência, é a nossa própria fonte de vida. Renunciar a ele é ser contrário à vida. Mas todas as religiões têm sido contrárias à vida, negativas da vida.

O rebelde deve ser afirmativo da vida. Ele trará todos esses valores que tornam o mundo mais belo, mais atrativo, que tornam o mundo mais rico. Este é o nosso mundo – nós somos parte dele, ele é parte de nós –, como podemos renunciar a ele? Para onde podemos ir se renunciarmos a ele? O mundo está tanto na caverna do Himalaia

quanto está aqui no mercado.

O mundo tem que ser nutrido porque ele está nos nutrindo. O mundo tem de ser respeitado porque é a nossa verdadeira fonte de vida. Toda a seiva que flui em nós, todas as alegrias e celebrações que nos acontecem vêm da própria existência. Em vez de fugirmos do mundo, devemos mergulhar mais fundo dentro dele; devemos enviar nossas raízes para as fontes mais profundas de vida, amor e riso. Devemos dançar e celebrar.

Sua celebração vai colocá-lo mais próximo da existência, porque a existência está em constante celebração. Sua alegria, seu júbilo, seu silêncio, trarão os silêncios das estrelas e do céu; sua paz com a existência abrirá as portas de todos os mistérios que ela contém. Não há outra maneira de se tornar iluminado.

O mundo não tem de ser condenado, ele tem de ser respeitado. O rebelde vai honrar a existência; ele vai ter uma imensa reverência pela vida em qualquer forma que ela exista – aos homens, às mulheres, às árvores, às montanhas, às estrelas. Em qualquer forma que exista vida, o rebelde fará uma profunda reverência. Essa será sua gratidão, essa será sua oração, essa será sua religião, essa será sua revolução.

Ser um rebelde é o início de um tipo de vida totalmente novo, um estilo de vida totalmente novo, é o início de uma nova humanidade, de um novo homem.

Eu gostaria que o mundo todo fosse rebelde, porque só nessa rebeldia vamos florescer em todo o nosso potencial, vamos liberar nossas fragrâncias. Não seremos indivíduos reprimidos, como o homem continuou sendo durante séculos... o animal mais reprimido. Até as aves são mais livres, bem mais naturais, bem mais em sintonia com a natureza. Quando o sol nasce, ele não bate em cada árvore: “Acorde, a noite acabou!”. Ele não vai até cada ninho de pássaros: “Comecem a cantar, é hora de cantar!”. Não, assim que o sol nasce, as flores começam a se abrir por sua própria conta. E as aves começam a cantar – não por uma ordem vinda de cima, mas por uma intrínseca inevitabilidade, uma alegria, uma felicidade.

Eu fui professor em uma faculdade de sânscrito. Como não havia alojamentos para professores e eu estava só, eles organizaram as coisas para que eu ficasse no alojamento dos alunos. Era uma faculdade de sânscrito seguindo a velha maneira tradicional: toda manhã cada aluno tinha que levantar às 4 horas, tomar uma ducha

fria e formar fileiras de cinco para rezar.

Durante muitos anos eu já costumava acordar por minha própria conta no escuro de cada manhã... e eles sequer tinham conhecimento de que eu havia chegado como professor, porque eu ainda não havia começado a ensinar.

Foi um erro por parte do governo me enviar para aquele colégio, porque eu não tinha qualificações para ensinar sânscrito. Demorou seis meses para o governo corrigir o seu erro. A burocracia se move lentamente, assim como a luz se move rápido. Esses são dois opostos polares: luz e burocracia.

Então, eu não tinha função lá e os alunos não tinham ideia de que eu era um professor... e, em vez de rezar, eles todos insultavam Deus, insultavam o diretor, insultavam todo o ritual. Naquele frio do inverno tomar uma ducha fria... era absolutamente obrigatório. Percebi toda a situação. Eu pensei: “Isto é estranho... em vez de estarem em oração, eles estão fazendo justamente o oposto. Talvez esses seis anos neste colégio sejam suficientes para eles: nunca mais rezarão durante toda a vida. Jamais vão acordar cedo, nunca mais. Esses seis anos de tortura serão experiência suficiente”.

Eu disse ao diretor: “Não está certo tornar a oração obrigatória. A oração não pode se tornar obrigatória; o amor não pode se tornar obrigatório”.

Ele disse: “Não, não é uma questão de obrigatoriedade. Mesmo que eu revogue a ordem de que ela é obrigatória, eles continuarão a rezar”.

Eu disse: “Experimente revogá-la”.

Ele revogou a ordem. Exceto eu, ninguém acordou às 4 horas. Eu bati na porta do diretor às 4 horas. Ele próprio estava dormindo – ele sempre dormia, ele próprio nunca participava da oração. Eu disse: “Agora venha ver; nem um único aluno dos quinhentos que há aqui acordou, e nem um único aluno está rezando”.

Os pássaros não cantam por obrigação. Este cuco não está cantando por causa de alguma ordem presidencial, por causa de uma emergência – ele está simplesmente se regozijando com o sol, com as árvores.

A existência está em constante celebração. As flores não abriram suas pétalas por causa de alguma ordem – não é um dever. É uma resposta, uma resposta ao sol, um respeito, uma oração, uma gratidão.

Um rebelde vive naturalmente, responde naturalmente, fica em casa, à vontade com a existência. Ele é um ser existencial. Isso define o rebelde corretamente: o ser existencial. A existência é o seu templo, a existência é sua escritura sagrada, a existência é toda a sua filosofia. Ele não é um existencialista, ele é existencial; ele é a sua experiência.

Ele se sente à vontade com as árvores, com os rios, com as montanhas. Ele não renuncia, ele não tem condenação; só tem uma grande honra em seu coração, e gratidão. Para mim, essa gratidão é a única oração.

O que deu errado? Por que as pessoas enfrentam tudo o que é novo com relutância e medo, em vez de alegria entusiástica?

O novo não surge de dentro de você, ele vem de fora. Não é parte de você. Todo o seu passado está em jogo. O novo é descontínuo com você, daí o medo. Você viveu de uma maneira, pensou de uma maneira, criou uma vida confortável a partir de suas crenças. Então, algo novo bate à sua porta e, agora, todo o seu padrão passado vai ser perturbado. Se você permitir que o novo entre, o passado nunca será o mesmo novamente, o novo irá transformá-lo.

É arriscado. Com o novo você nunca sabe onde vão terminar. O velho é conhecido, familiar. Você conviveu com ele por muito tempo, já está acostumado com ele. O novo é estranho. Pode ser o amigo, pode ser o inimigo, quem vai saber? E não há como saber. A única maneira de saber é permitir a sua entrada; daí a apreensão, o medo.

E você não pode permanecer rejeitando-o tampouco, porque o velho ainda não lhe deu o que você está buscando. O velho foi promissor, mas as promessas não foram cumpridas. O velho é familiar, mas é miserável. O novo talvez venha a ser desconfortável, mas há uma possibilidade: pode lhe trazer felicidade. Então, você não pode rejeitá-lo e não consegue aceitá-lo, por isso hesita, treme, uma grande angústia surge dentro de você. Isso é natural, não há nada de errado. É assim que sempre foi, é assim que sempre será.

Tente entender o aparecimento do novo. Todo mundo quer se tornar novo, porque ninguém está satisfeito com o velho. Ninguém nunca estará satisfeito com o velho porque, seja ele o que for, você já o conheceu. Uma vez conhecido, torna-se repetitivo; uma vez conhecido, torna-se tedioso, monótono. Você quer se livrar dele. Quer

explorar, quer se aventurar, quer se tornar novo. Mas quando o novo bate à porta você recua, se retrai, se esconde no velho. Este é o dilema.

Como nos tornamos novos? Todos queremos ser novos. É necessária coragem, e não uma coragem comum; é necessária uma coragem extraordinária. E o mundo está repleto de covardes, por isso as pessoas pararam de crescer. Como vocês podem crescer se são covardes? A cada nova oportunidade vocês recuam, fecham os olhos. Como podem crescer? Como podem ser? Vocês só fingem ser.

E, como vocês não podem crescer, têm de encontrar crescimentos substitutos. Você não pode crescer, mas seu saldo bancário pode crescer, esse é um substituto. Para isso não é necessária coragem, esse crescimento está perfeitamente ajustado com sua covardia. Seu saldo bancário continua crescendo e você começa a pensar que você está crescendo. Você se torna mais respeitável. Seu nome e sua fama continuam crescendo. E você acha que está crescendo? Você está simplesmente se enganando. Seu nome não é você, sua fama também não é você. Seu saldo bancário não é o seu ser. Mas se você pensa sobre o ser, começa a ficar abalado, porque, se você quiser crescer, então tem de abandonar toda a covardia.

Como nos tornamos novos? Não nos tornamos novos de nós mesmos. O novo vem do além, digamos que de Deus. O novo vem da existência. A mente é sempre velha. A mente nunca é nova, ela é a acumulação do passado. O novo vem do além; é um presente de Deus. Ele vem do além e é do além.

O desconhecido e o incognoscível, o além, ingressa em você. Ele ingressa em você porque você nunca está impermeável e separado; você não é uma ilha. Pode ter esquecido do além, mas o além não esqueceu você. A criança pode ter esquecido a mãe, mas a mãe não a esqueceu. A parte pode ter começado a pensar: “Sou separado”, mas o todo sabe que você não está separado. O todo penetrou em você, ainda está em contato com você. Por isso o novo continua chegando, embora você não seja receptivo. Chega toda manhã, chega toda noite. Chega de mil e uma maneiras. Se você tiver olhos para ver, o verá chegando continuamente até você.

Deus continua se derramando sobre vocês, mas vocês estão fechados em seu passado. Estão quase em uma espécie de túmulo. Tornaram-se insensíveis. Por causa da sua covardia, perderam a

sensibilidade. Ser sensível significa que o novo será sentido – e a excitação do novo, e a paixão pelo novo e a aventura irão surgir e você começará a se mover rumo ao desconhecido, sem saber para onde está indo.

A mente acha que isso é loucura. A mente acha que não é racional abandonar o velho. Mas Deus é sempre o novo. Por isso não podemos usar o tempo presente ou o tempo futuro para Deus. Não podemos dizer: “Deus era”, não podemos dizer: “Deus será”. Só podemos usar o presente: “Deus é”. Ele é sempre novo, virgem. E ele tem ingresso em você.

Lembre-se, qualquer coisa nova que aconteça em sua vida é uma mensagem de Deus. Se você o rejeita, você é irreligioso. O homem precisa apenas relaxar um pouco mais para aceitar o novo; abrir-se um pouco mais para deixar o novo entrar. Abra caminho para Deus penetrar em você.

Esse é todo o significado da oração ou da meditação – você se abre, você diz sim, você diz: “Entre”. Você diz: “Estive esperando, esperando, e sou agradecido por você ter vindo”. Sempre receba o novo com grande alegria. Mesmo que às vezes o novo o conduza a alguma inconveniência, ainda assim vale a pena. Mesmo que às vezes o novo o conduza a algum poço, ainda assim vale a pena, porque só através dos erros as pessoas aprendem, e só passando por dificuldades elas crescem. O novo trará dificuldades certamente. Por isso vocês escolhem o velho, que não traz nenhuma dificuldade. É um consolo, é um abrigo.

Somente o novo, profunda e totalmente aceito, pode transformá-lo. Você não pode trazer o novo para sua vida; o novo chega. Você pode aceitá-lo ou rejeitá-lo. Se o rejeita, você permanece uma pedra, fechada e morta. Se o recebe, você se torna uma flor, começa a se abrir... e nessa abertura está a celebração.

Somente a entrada do novo pode transformá-lo; não há outra forma de transformação. Lembre-se de que isso não tem nada a ver com você e com seus esforços. Mas não fazer nada não é parar de agir; é agir sem determinação, direção ou impulso do seu passado. A busca do novo não pode ser uma busca comum, porque é a busca do novo. Como você pode buscá-lo? Você não o conhece, nunca se deparou com ele. A busca pelo novo tem que ser uma exploração em aberto. Não se sabe. Tem-se que começar em um estado de não conhecimento, e tem-

se que se mover inocentemente como uma criança, excitado diante das possibilidades – e as possibilidades são infinitas.

Você não pode fazer nada para criar o novo, porque o que quer que faça pertencerá ao velho, virá do passado. Mas isso não significa que você tenha que parar de agir. Significa agir sem determinação, direção ou impulso do seu passado – e isso é agir meditativamente. Aja espontaneamente. Deixe o momento ser decisivo.

Não imponha sua decisão, porque a decisão virá do passado e irá destruir o novo. Aja no momento, como uma criança. Entregue-se completamente ao momento – e você encontrará a cada dia novas aberturas, uma nova luz, um novo *insight*. E esses novos *insights* irão modificando você. Um dia, de repente, você verá que cada momento é novo. O velho não subsiste mais, o velho não paira mais em torno de você como uma nuvem. Você é como uma gota de orvalho, fresca e jovem.

Lembre-se, um buda vive um momento de cada vez. É como se uma onda se elevasse no oceano, uma onda majestosa. Com grande alegria e dança ela aparece, com esperança e sonhos de tocar as estrelas. Então, por um momento ela atua e depois desaparece. Ela virá de novo, haverá outro dia. Ela de novo dançará e de novo desaparecerá. Assim é Deus: ele vem, desaparece, vem de novo, desaparece. Assim é a consciência de um buda. A cada momento ela chega, age, responde e vai embora. Novamente, ela chega e vai embora. Ela é atômica.

Entre dois momentos há uma lacuna; nessa lacuna, o buda desaparece. Eu lhes digo uma palavra, depois desapareço. Depois digo outra e estou aqui, e depois desapareço novamente. Eu respondo a vocês e depois não estou mais aqui. A resposta está de novo aqui, mas eu não estou mais. Esses intervalos, esses vazios mantêm a pessoa totalmente nova, porque só a morte pode mantê-la absolutamente viva.

Você morre uma vez, após setenta anos. Naturalmente você acumula o lixo de setenta anos. Um buda morre a cada momento – nenhum lixo é acumulado, nada é acumulado, nada é jamais possuído. Por isso Buda disse outro dia que possuir marcas é ser uma fraude, porque a posse faz parte do passado. Não possuir marcas é ser um buda.

Simplesmente pense nisso – cada momento surgindo, assim como uma respiração. Você inspira, você expira. Você inspira de novo e

expira de novo. Cada inspiração é vida e cada expiração é morte. Você nasce a cada inspiração e morre a cada expiração. Deixe que cada momento seja um nascimento e uma morte. Então, você será novo.

Mas esse novo não tem nada a ver com o seu passado, com sua vontade, sua direção, seu impulso. É agir espontaneamente. Não é uma reação, mas uma resposta. Tudo o que é feito do passado é velho; de forma que dele não se pode obter nada novo. Enxergar isso é estar quite com o velho, com o passado e consigo mesmo. Isso é tudo o que podemos fazer. Mas isso é tudo. Encerrando o velho, o novo pode surgir e pode não surgir. Não importa. O desejo do novo é um desejo velho. Então fique totalmente aberto. Até mesmo pedir o novo é um desejo velho.

Um buda sequer pede o novo. Não há desejo de nada, que “isso deve ser assim”. Se houver desejo, você se imporá sobre ele. Olhe para a vida sem desejos. Olhe para a vida sem quaisquer condições. Olhe para a vida como ela é – *yatha bhutam* – e você estará continuamente renovado, rejuvenescido.

Esse é o real significado da ressurreição. Se você entender isso, estará livre da memória, da memória psicológica. A memória é uma coisa morta. A memória não é a verdade e nunca poderá ser, porque a verdade é sempre viva, a verdade é vida. A memória é a persistência daquilo que não existe mais. É viver em um mundo de fantasmas, mas ele nos contém, é a nossa prisão. Na verdade, somos nós. A memória cria o nó, o complexo chamado “eu”, o ego. E naturalmente essa falsa entidade chamada “eu” está continuamente com medo da morte. Por isso você tem medo do novo.

Este “eu” é medroso, não é realmente você. O ser não tem medo, mas o ego tem medo, porque o ego tem muito medo de morrer. Ele é artificial, é arbitrário, é montado. Ele pode desmoronar a qualquer momento. E quando o novo entra há medo. O ego tem medo, ele pode desmoronar. De algum modo ele tem conseguido se manter unido, se manter em uma peça, e agora chega algo novo – isso causará um abalo. Por isso você não aceita o novo com alegria. O ego não consegue aceitar sua própria morte com alegria – como ele pode aceitar sua própria morte com alegria?

A menos que você tenha entendido que você não é o ego, não será capaz de receber o novo. Uma vez que tiver visto que o ego é a sua memória passada e nada mais, que você não é a sua memória, que a

memória é simplesmente como um biocomputador, ou seja, uma máquina, um mecanismo, um utilitário... – mas você está além dela... Você é consciência, não memória. A memória é um conteúdo na consciência; você é a própria consciência.

Por exemplo, você vê alguém andando na estrada. Você se lembra do seu rosto, mas não consegue se lembrar do nome. Se você é a memória, devEria se lembrar também do nome. Mas você diz: “Eu reconheço o rosto, mas não me lembro do nome”. Então, começa a buscar na sua memória, entra na memória, olha para este lado, para aquele lado, e de repente o nome surge e você diz: “Sim, este é o seu nome”. A memória é o seu registro. Você é aquele que está procurando o registro, você não é a memória. E acontece muitas vezes você ficar tenso demais procurando se lembrar de algo que acaba ficando mais difícil de lembrar devido à própria tensão. A pressão sobre o seu ser não permite que a memória libere a informação para você. Você tenta repetidamente se lembrar do nome de alguém e o nome não surge, embora você diga que ele está na ponta da língua. Você sabe que sabe, mas ainda assim o nome não surge.

Isso é estranho. Se você é a memória, então, quem o está impedindo e como o nome não surge? E quem é este que diz: “Eu sei, mas ainda assim o nome não está surgindo”? E você faz um grande esforço, e quanto mais tenta mais difícil fica. Então, saturado com a coisa toda, você sai no jardim para dar uma volta e, de repente, olhando para a roseira, surge o nome, ele vem à tona.

Você não é sua memória. Você é consciência, memória é conteúdo. Mas a memória é toda a energia de vida do ego. A memória, evidentemente, é velha, e tem medo do novo. O novo pode ser perturbador, o novo pode ser tal, que pode não ser digerível. O novo pode trazer algum problema. Você terá de mudar e mudar de novo e de novo. Terá de se reajustar. Isso parece árduo.

Para ser novo, a pessoa precisa deixar de se identificar com o ego. Uma vez não mais identificado com o ego, você não se importa se está morto ou vivo. Na verdade, sabe que, quer o ego viva quer morra, ele já está morto. Ele é um mecanismo. Use-o, mas não se deixe ser usado por ele. O ego está continuamente com medo da morte porque é arbitrário. Daí o medo. O medo não surge do ser, não pode surgir do ser, porque o ser é vida. Como a vida pode temer a morte? A vida não conhece nada que se relacione à morte.

Essa questão surge do caráter arbitrário, do artificial, que de alguma forma reúnem o falso, o pseudo. E, no entanto, essa morte é apenas um relaxamento, simplesmente a morte que torna um homem vivo. Morrer no ego é nascer para a existência, para Deus.

O novo é uma mensagem de Deus, o novo é uma mensagem da existência. É um evangelho. Escutem o novo, acompanhem o novo. Eu sei que vocês têm medo. Apesar do medo, acompanhe o novo e a sua vida vai se tornar cada vez mais rica e você conseguirá um dia liberar seu esplendor aprisionado.

Às vezes, depois de uma experiência de meditação eu me sinto extremamente bem e brilhante, mas então tenho medo de ser novamente influenciado pelas pessoas e recair na minha velha mente. Você pode falar algo sobre as energias e as experiências, e como podemos nos mover entre os dois conceitos sem sermos influenciados por outras pessoas que não têm essa energia tão boa?

A coisa mais básica a ser lembrada é que, quando você estiver se sentindo bem, em êxtase, não comece a pensar que esse vai ser o seu estado permanente. Viva o momento com alegria, o mais alegremente possível, sabendo perfeitamente bem que isso veio e passará – assim como a brisa entra em sua casa, com toda a sua fragrância e frescor, e sai pela outra porta.

Essa é a coisa mais fundamental. Se você começar a pensar em tornar permanentes seus momentos de êxtase, já começou a destruí-los. Quando eles chegarem, fique grato; quando eles se forem, agradeça a existência. Permaneça aberto. Vai acontecer muitas vezes, não seja crítico, não seja seletivo. Permaneça sem fazer escolhas.

Sim, haverá momentos em que você irá se sentir infeliz. E daí? Há pessoas que são infelizes e nunca conheceram um único momento de êxtase; você é afortunado. Mesmo em sua infelicidade, lembre-se de que isso não será permanente, também vai passar; portanto, não se deixe perturbar. Permaneça relaxado. Assim como o dia e a noite, há momentos de alegria e há momentos de tristeza. Aceite esses momentos como parte da dualidade da natureza, exatamente como são as coisas.

Vocês é simplesmente um observador: nem fica feliz nem fica

infeliz. A felicidade vem e vai, a infelicidade vem e vai. Uma coisa sempre permanece, sempre e sempre – o observador, aquele que testemunha. Devagar, lentamente, fique cada vez mais centrado no observador. Dias virão e noites virão... vidas virão e mortes virão... o sucesso virá e o fracasso virá. Mas, se você estiver centrado no observador – porque essa é a única realidade em você –, tudo é um fenômeno passageiro.

Apenas por um momento, tente sentir o que estou dizendo. Seja apenas um observador. Não se apegue a nenhum momento porque ele é belo, e não empurre nenhum momento porque ele é triste. Pare de fazer isso. Isso você vem fazendo há muitas vidas. Você não foi bem-sucedido ainda e jamais será bem-sucedido nisso. A única maneira de se distanciar, de permanecer além, é encontrar um lugar de onde possa observar todos esses fenômenos mutáveis sem se identificar com eles.

Vou lhes contar uma antiga história sufi...

Um rei pediu a seus sábios da corte: “Estou fazendo um anel muito bonito para mim. Tenho um dos melhores diamantes possíveis. Quero manter oculta dentro do anel alguma mensagem que possa me ser útil em um momento de total desespero. Tem de ser muito pequena para poder ser escondida debaixo do diamante do anel”.

Todos eles eram homens sábios, todos eram grandes estudiosos; eles poderiam ter escrito grandes tratados. Mas dar-lhe uma mensagem de não mais que duas ou três palavras que o ajudariam em momentos de total desespero... Eles pensaram, procuraram em seus livros, mas não conseguiram encontrar nada.

O rei tinha um velho criado que era quase como seu pai – havia sido criado de seu pai. A mãe do rei havia morrido cedo e esse criado havia cuidado dele, e por isso não era tratado como criado. O rei tinha imenso respeito por ele. O velho disse: “Eu não sou um homem sábio, versado, erudito; mas sei qual deve ser a mensagem. Porque só existe uma mensagem. E essas pessoas não podem dá-la ao senhor; ela só pode ser dada por um místico, por um homem que tenha chegado à plenitude. Na minha longa vida no palácio eu cruzei com todos os tipos de pessoas, e uma vez com um místico. Ele também tinha sido um convidado de seu pai e eu fui designado para servi-lo. Quando ele estava partindo, como um gesto de agradecimento por todos os meus serviços, me deu esta mensagem”. E o velho a escreveu em um

pequeno pedaço de papel. Dobrou-a e disse ao rei: “Não a leia, apenas a mantenha escondida no anel. Só leia quando tudo houver falhado, quando se sentir sem saída”.

O momento não demorou a chegar. O país foi invadido e o rei perdeu o seu reino. Ele estava fugindo em seu cavalo apenas para salvar a vida e os cavalos do inimigo o estavam seguindo. Ele estava só; eles eram muitos. O rei chegou a um lugar onde o caminho terminava. Dali não podia ir para lugar algum. Havia apenas uma escarpa e um vale profundo. Se caísse ali, estaria perdido. E não podia voltar porque o inimigo estava ali e ele podia ouvir os sons dos cascos dos cavalos. Não podia ir em frente e não havia outra saída...

De repente, se lembrou do anel. Ele o abriu e tirou o papel, e lá estava uma pequena mensagem de enorme valor; dizia simplesmente: “ISTO TAMBÉM PASSARÁ”. Um grande silêncio caiu sobre ele quando ele leu a frase: “Isto também passará”.

E passou.

Tudo passa; nada permanece neste mundo. Os inimigos que o estavam seguindo devem ter se perdido na floresta, devem ter tomado um caminho diferente. O som dos cascos de seus cavalos foi lentamente diminuindo até não serem mais ouvidos.

O rei ficou imensamente grato ao criado e ao místico desconhecido. Aquelas palavras provaram-se milagrosas. Ele dobrou o papel, colocou-o de volta dentro do anel, reuniu novamente seus exércitos e reconquistou o reino. E no dia em que estava entrando em sua capital, vitorioso, houve uma grande celebração, com música e dança. E o rei estava se sentindo muito orgulhoso de si mesmo.

O velho estava lá, caminhando ao lado da sua carruagem. Ele disse ao rei: “Desta vez também é o caso: olhe novamente a mensagem”.

O rei disse: “O que quer dizer com isso? Agora estou vitorioso, o povo está celebrando. Não estou em desespero, não estou em uma situação da qual não haja saída”.

O velho disse: “Escute. Foi isto que o santo me disse: esta mensagem não é apenas para o desespero, é também para o prazer. Não é apenas para quando o senhor estiver derrotado; é também para quando estiver vitorioso. Não apenas quando for o último, mas também quando for o primeiro”.

E o rei abriu o anel e leu a mensagem: “ISTO TAMBÉM PASSARÁ”. E de repente veio a mesma paz, o mesmo silêncio, em meio à multidão

alegre, celebrando, dançando... mas o orgulho, o ego, havia desaparecido.

Tudo passa.

O rei pediu ao velho criado que entrasse na carruagem e se sentasse junto dele. E disse: “Tudo passa... Sua mensagem foi imensamente útil. Há algo mais?”.

O velho disse: “A terceira coisa que o santo disse foi: ‘Lembre-se, tudo passa. Só você permanece. Você permanece para sempre como testemunha’”.

Então esta é a resposta para a sua pergunta: Tudo passa, mas você permanece. Você é a realidade; todo o resto é apenas um sonho. Há belos sonhos, há pesadelos... Mas não importa se é um belo sonho ou um pesadelo; o que importa é aquele que está vendo o sonho. Esse que vê é a única realidade.

No Oriente não temos nada parecido com filosofia. Os eruditos do Ocidente traduziram a palavra oriental *darshan*, que significa “ver”, por “filosofia”, não encontrando outra maneira de captar o seu significado. Mas elas não estão de modo algum conectadas: filosofia é *pensamento*, não *visão*. Um homem cego pode pensar sobre a luz, mas não pode vê-la; o homem com olhos pode ver a luz; não há necessidade de pensar sobre ela. No Oriente não há nada comparável à filosofia; no Ocidente não há nada comparável a *darshan*. Eu cunhei minha própria palavra para traduzir *darshan*; ela é *filosia*. *Filo* significa “amor”, *sia* significa “ver”. *Sofi* significa “pensar”, *sia* significa “ver”. E todo o Oriente vem trabalhando em apenas em uma dimensão, há séculos: como encontrar *aquele que vê*. Não se pode ir além daí, esse é o fim. Tudo está diante dele, ele está atrás de toda realidade, e tudo continua mudando...

Você é uma criança, você vai se tornar jovem, você vai se tornar velho. Você está vivo, você estará morto... tudo continua mudando.

Mas *aquele que vê* é algo absolutamente eterno.

Apenas um pequeno vislumbre disso e todos os seus problemas vão começar a desaparecer, porque irá surgir uma perspectiva totalmente nova: uma nova visão, um novo modo de vida, uma nova maneira de ver as coisas, de ver as pessoas, de reagir às situações. E *aquele que vê* está sempre presente, 24 horas por dia. O que quer que você esteja fazendo ou não fazendo, ele está ali. Está presente há séculos, durante a eternidade, esperando que você o perceba.

Talvez você tenha se esquecido dele pelo fato de ele estar sempre ali. O óbvio é sempre esquecido. Lembre-se disso quando estiver sentindo um bem-estar, uma euforia. Lembre-se dele quando estiver infeliz, angustiado. Lembre-se dele em todos os climas, em todos os estados de ânimo. Continue lembrando-se dele. Logo você será capaz de permanecer centrado nele, e então não haverá necessidade de se lembrar.

E esse é o dia mais grandioso da vida de uma pessoa. Nesse dia você se torna iluminado. Nesse dia você se torna desperto. Nesse dia, Zorba se transforma em um buda.

4.

Crie o caminho caminhando

Quando você vir um belo pôr do sol, desfrute da sua beleza... quando vir um buda, desfrute da beleza do homem, desfrute da autenticidade do homem, desfrute do silêncio, desfrute da verdade que o homem alcançou, mas não se torne um seguidor. Todos os seguidores estão perdidos. Continue sendo quem você é, pois o homem Gautama Buda encontrou a si mesmo porque continuou sendo apenas ele mesmo. Todos estes belos nomes – Lao-Tsé, Chuang-Tsé, Lieh-Tzé, Bodhidharma, Nagarjuna, Pitágoras, Sócrates, Heráclito –, todos esses belos nomes que têm sido uma grande inspiração para muitos, eles mesmos nunca foram inspirados por ninguém. Foi assim que protegeram sua originalidade; foi assim que continuaram sendo quem eram.

Anarquia significa simplesmente ausência de autoridade, que é algo belo. Mas na linguagem comum tem o significado de ausência de disciplina. Por que essa confusão? Você poderia falar sobre a disciplina, especialmente sobre sua relação com a rebelião?

Anarquia é uma das mais belas palavras da língua dos homens. Sim, ela significa ausência de autoridade. Significa que você é aceito como um indivíduo independente; não é mais um escravo.

Sua pergunta é: por que a anarquia tem assumido a conotação de ausência de disciplina na mente das pessoas? É um fenômeno psicológico muito simples. Toda disciplina que as pessoas têm conhecido lhes tem sido imposta pela autoridade. A autoridade dos pais disciplinou os filhos – o que comer, o que não comer, quando comer, quando dormir e quando se levantar. O que fazer e o que não

fazer nunca foram deixados para decisão da própria pessoa. Os pais foram a primeira autoridade dos filhos, assim como Deus Pai foi a primeira autoridade para Adão e Eva. Ele era o pai, eles eram os filhos e ele lhes disse para não comerem da árvore do conhecimento, não comerem da árvore da vida eterna. A autoridade disciplina as pessoas.

Depois vêm os professores na escola, o sacerdote na igreja, no templo, o rabino na sinagoga, e todos eles são figuras autoritárias. As pessoas têm de fazer o que eles dizem; do contrário terão algum tipo de punição, seja aqui seja após a morte.

Naturalmente, autoridade e disciplina tornam-se associadas. Assim, sempre que a autoridade é removida, você pensa que então não há necessidade de disciplina.

A realidade é que, justamente quando a autoridade é removida, há uma real necessidade de disciplina. Agora não há ninguém para lhes impor nenhuma ordem; é responsabilidade sua levar uma vida de ordem, de disciplina. Por quê? Porque aqueles que vivem sem ordem começam a desmoronar, a se desintegrar. Sua vida começa a perder harmonia. Um homem que não conhece a disciplina tem uma vida que não pode ser chamada de realmente humana; ele cai no mundo do reino animal.

A disciplina o deixa integrado, proporciona-lhe certa cristalização. E sem essa cristalização você não pode ser mais consciente. A autoridade é escravidão para você. Disciplina significa viver uma vida orgânica, harmoniosa.

Basta ver como a autoridade destruiu a humanidade no correr das eras. Começamos do início... Foi uma ordem autoritária de Deus que Adão e Eva não comessem das árvores do conhecimento e da vida eterna. Qual foi o resultado disso? O resultado foi a desobediência. Qualquer obediência imposta às pessoas cria nelas, se têm “brio”, desobediência. Elas querem fazer justamente o contrário.

Quando li pela primeira vez a história de Adão e Eva e de sua expulsão do Paraíso, fui até meu pai e lhe mostrei a história. Ele disse: “Mas por que você está me mostrando isso?”.

Eu disse: “Estou lhe mostrando para você entender: chega de ‘deve’, ‘não deve’; do contrário, vou desobedecer. Nem Deus conseguiu lidar com isso; você também não vai conseguir. A história é clara”.

Ele disse: “Você tira conclusões estranhas! A história é contada para as pessoas não desobedecerem, e você está tirando a conclusão de que

a história diz que as pessoas não devem ser autoritárias”.

Eu disse: “Isso está absolutamente claro, porque no Jardim do Éden havia milhões de árvores. Se Deus não fosse tão estúpido, acho que Adão e Eva não teriam encontrado a árvore do conhecimento e a árvore da vida até hoje. Ele é responsável pela desobediência deles, e, se alguém tem de ser punido, Deus deve ser punido. Então, estou apenas lhe dizendo que, se você me disser para fazer algo, vou fazer exatamente o contrário, sejam quais forem as consequências. Isso pode me prejudicar, pode prejudicá-lo, pode prejudicar outra pessoa, mas uma coisa é certa: a obediência não vai ser meu modo de vida. Você certamente pode me aconselhar, mas a escolha é sempre minha, fazer ou não fazer”. Toda a minha família continuou tendo problemas continuamente. Era natural...

Na minha cidade havia um rio muito bonito. Mas era um rio de montanha, e por isso, de repente, nas épocas de chuva, ele ficava grande, enorme, e no verão se encolhia e ficava pequeno. Durante as chuvas, a correnteza era tão forte que cruzar o rio nadando era quase um convite à morte. Mas eu disse ao meu pai: “Este rio é um constante desafio para mim. Então, estou pronto: mesmo que eu morra, vou atravessá-lo quando ele estiver totalmente cheio”.

O rio fica com quase um quilômetro e meio de largura e sua travessia demora cerca de três, quatro horas. E a correnteza é tão poderosa que não se consegue atravessá-lo diretamente. A correnteza continua puxando para baixo, e quando se consegue chegar à outra margem – se você sobreviver – chega-se a quase 8 ou 9 quilômetros abaixo na outra margem. E então é preciso caminhar quase 20 quilômetros para cima, para então poder voltar ao ponto do qual se partiu. Aquilo iria demorar um dia inteiro.

Meu pai disse: “Não faça isso”.

Eu disse: “Você não está me aconselhando, está me dando uma ordem. Vou fazer isso”.

Toda a minha família entrou em pânico: “Você é muito pequeno, e essa travessia é perigosa. Ninguém jamais tentou fazê-la; nem os melhores nadadores da cidade jamais ousaram”.

Eu disse: “Isso a torna mais desafiadora”.

Fui contra toda a família. Eles chegaram a me ameaçar dizendo que, caso eu sobrevivesse, não me permitiriam mais entrar em casa. Eu respondi: “Tudo bem. Vou ficar sentado do lado de fora da casa”.

Foi difícil. Houve momentos em que pensei: “Talvez não seja possível chegar à outra margem”. Foi árduo, cansativo, mas eu consegui. E depois tive que subir a pé quase 20 quilômetros rio acima.

À noite, eu estava de volta. Não entrei em casa, fiquei sentado nos degraus. Todos ficaram impressionados em me ver, em ver que eu tinha voltado vivo. Minha mãe disse: “Por que você não entra?”.

Eu disse: “Vocês estabeleceram a condição de que, mesmo que eu sobrevivesse, não iriam me deixar entrar. Por isso estou sentado nos degraus. Se fizerem alguma objeção a isso, posso me sentar na rua”.

Meu pai chegou e me levou para dentro. Ele disse: “Lamentamos muito. Nunca esperamos que você conseguisse fazer isso. Você não sabe a agonia que passamos o dia todo”.

Eu disse: “Mas, se comparada ao êxtase que eu senti, a sua agonia não é nada. Minha sugestão é que da próxima vez você também vá comigo. Todos os meus tios estão convidados a ir comigo. É uma tarefa e tanto, mas, uma vez realizada, algo dentro de nós se cristaliza. Eu me sinto mais forte do que nunca!”.

Na escola era continuamente um problema, porque eu não acreditava em nenhuma autoridade.

Desde a minha infância, sempre adorei chapéus, mas na escola tive que abandonar o gorro do uniforme porque isso era compulsório; não se podia ir à escola sem chapéu. Minha família disse: “Mas você adora chapéus!”.

Eu disse: “Adoro chapéus, mas adoro mais a liberdade... mais ainda do que a minha cabeça! Se eu tiver que perder a minha cabeça, vou perdê-la de bom grado, mas não posso perder a minha liberdade. O diretor da escola mandou me avisar que quer me ver amanhã, e estou muito animado com esse encontro”.

O diretor estava achando que iria apenas me ameaçar e as coisas se resolveriam. Entrei na sua sala e lhe disse: “Antes que comece a me ameaçar – e eu sei que o senhor tem usado castigos físicos –, se o senhor me machucar, vou diretamente à polícia. O castigo físico foi proibido, é ilegal. O senhor irá enfrentar problemas desnecessariamente. Não quero lhe criar problemas. Então, antes de qualquer coisa, desista de tudo o que está pensando em fazer. De homem para homem, vamos discutir o problema. Se o senhor conseguir me convencer... Eu adoro chapéus, mas, se o senhor simplesmente me obrigar a usar o gorro, então de maneira alguma eu

vou usá-lo”. E lhe perguntei: “Que relação tem uma coisa sobre a cabeça com a educação? Ela aumenta a inteligência da pessoa?”.

Ele disse: “Nunca pensei a respeito dessas questões”.

Eu disse: “Então o senhor pense, e pesquise. Consulte as autoridades mais elevadas. O senhor tem de provar que usar chapéu tem alguma importância. Eu venho à escola para ser educado. Se o gorro ajudar a inteligência, estarei perfeitamente disposto a usá-lo. Mas o senhor terá de me provar isso”.

A realidade é que, na Índia, os punjabis são as únicas pessoas que sempre usam a cabeça coberta. Eles usam turbantes; isso faz parte da sua religião. Os sikhs têm de usá-lo, do contrário não são sikhs. E eles têm a reputação de serem as pessoas menos inteligentes de todo o país. Os bengalis são as pessoas que não usam nenhum tipo de chapéu, nenhum tipo de gorro, e têm a reputação de serem as pessoas mais inteligentes do país. Nem um único punjabi ascendeu à eminência do mundo por sua inteligência. Eles não receberam prêmios Nobel. Mas os bengalis têm se tornado mundialmente famosos. Eles ganharam o Prêmio Nobel de ciência, o Prêmio Nobel de literatura, e todos os outros tipos de prêmios.

Eu disse ao diretor: “O que isso prova é que os turbantes estão impedindo a inteligência dos pobres sikhs. Os bengalis, sem nenhum gorro, sem nenhum turbante, nenhum chapéu, parecem ter mentes mais abertas, são mais inteligentes. Eles têm criado a melhor literatura de toda a Índia, a melhor poesia, a melhor arte, e sua linguagem é uma beleza. Mesmo que dois bengalis estejam brigando, não se pode pensar que eles estejam brigando, tão suave é a sua linguagem”.

O diretor disse: “Eu mandarei chamá-lo quando tiver solucionado a questão. Você me parece um caso difícil!”.

Eu disse: “Isso é verdade. Mas só me chame quando tiver provas conclusivas”.

Segui toda a minha vida escolar sem usar nenhum gorro. Naturalmente, muitos outros alunos pararam de usá-lo. Certo dia, o diretor me chamou e disse: “Isto é demais! Você não está usando o seu gorro e está disseminando uma espécie de rebelião, uma desobediência. Agora outros também não estão usando gorros”.

Eu disse: “Eu nunca disse nada a ninguém; usar ou não gorro é a liberdade deles. Uma coisa é certa, o senhor não apareceu com nenhum argumento provando que cobrir a cabeça ajuda a inteligência.

Para o senhor eu posso dizer que o senhor não deve usar o chapéu! Ele não o dignifica. Por que o senhor está destruindo a sua inteligência sem nenhum motivo aparente?”.

No colégio, eu costumava usar uma túnica comprida, com uma faixa em volta da cintura como é costume na Índia, e sem nenhum botão, de forma que o peito fica exposto. E eu era muito saudável e robusto, e pesava 86 quilos. O diretor me disse: “Vir para o colégio sem botões não está em conformidade com o código do vestuário”.

Eu disse: “Então, mude o código do vestuário, porque o meu peito precisa de ar fresco. E eu tomo decisões segundo as minhas necessidades, não segundo a ideia de etiqueta de qualquer outra pessoa”.

No meu primeiro ano na faculdade, ganhei a competição nacional universitária de debates, e o professor encarregado – ele já morreu, Indrabahadur Khare – era um homem que se vestia com muita propriedade. Tudo nele era apropriado. Ele me levou a um estúdio fotográfico perto do colégio, porque queria que a minha foto fosse entregue aos jornais, às revistas e, particularmente, à revista do colégio: eu havia vencido a competição que abarcava toda a Índia e era apenas um estudante do primeiro ano. Mas ele estava muito tenso durante todo o caminho até lá. Quando entramos no estúdio, ele disse: “Perdoe-me, mas, sem nenhum botão, como irá ficar a sua fotografia?”.

Eu disse: “Vai ficar exatamente como eu sou. O senhor não venceu o debate, eu o venci. E quando eu estava debatendo não estava usando botões. Então, qual é o problema agora? Se eu posso vencer o debate sem botões, então minha fotografia tem que ser sem botões!”.

Ele disse: “Faça uma coisa”. Ele era um homem muito pequeno. “Você pode colocar o meu casaco, ele vai lhe servir. Só o coloque sobre a sua túnica e vai ficar bonito.”

Eu disse: “Então, é melhor o senhor ficar aqui que a imagem vai ficar perfeitamente apropriada. Tire o senhor a foto”.

Ele disse: “Isso não pode ser feito. Isso será simplesmente inapropriado. O diretor vai dizer: ‘Esta é a sua fotografia e...’”.

Então, eu disse: “O senhor deve se lembrar de que a minha fotografia tem de ser parecida comigo. Não posso usar o seu casaco. A fotografia vai aparecer sem botões, ou eu não estou interessado em nenhuma fotografia. Então, o senhor decida”.

Ele teve que decidir por algo muito impróprio. E disse: “Eu nunca fiz nada impróprio, e nunca permiti que ninguém fizesse nada assim. Mas você é muito estranho!”.

Eu disse: “Isto não é impróprio!”. Toda criança nasce nua. Isso é apropriado. Todo animal vive nu, e isso é apropriado. Mas há pessoas viciadas em decoro...

Ouvi dizer que, na era vitoriana, na Inglaterra, as senhoras colocavam roupas em seus cães, porque não era apropriado uma senhora manter um cão despido. E o cão não conhece nenhuma etiqueta – se o cão encontra uma “*lady*” da sua própria espécie, ele pode ter uma ereção. Isso é muito impróprio em público. Ele pode até tentar copular com ela – em público! Não, ele tem que estar completamente coberto. Ele pode ter uma ereção em público! Coberto, ele não poderá copular por causa das roupas. E vocês ficarão surpresos: até as pernas das cadeiras eram cobertas com tecido – porque eram “pernas”, e a perna de uma “*lady*” não devia ficar à mostra. A estupidez pode atingir qualquer limite.

Durante toda a minha vida eu lutei contra a autoridade. Mas nunca me esqueci da diferença entre autoridade e disciplina. Pelo contrário, quanto mais eu lutava contra qualquer um que impusesse sua autoridade, mais tentava, da minha própria forma, ser disciplinado. Como eu estava por minha conta, ninguém podia me disciplinar. Eu tinha que me disciplinar; do contrário começaria a desmoronar, não conseguiria ter uma individualidade integrada.

Eu acredito na disciplina.

A palavra “disciplina” é muito bonita. Ela vem de uma raiz que significa aprendizagem: um homem disciplinado é um homem que está sempre aprendendo, um homem que está sempre disposto a aprender. Ele é um homem que está sempre aberto a aprender sem nenhum preconceito, sem nenhuma conclusão preconcebida. Um intolerante não consegue aprender. Um cristão não consegue aprender, um hindu não consegue aprender, um budista não consegue aprender. Eles todos já aceitaram conclusões sem nenhuma experiência. São pessoas fechadas.

Disciplina significa a pessoa permanecer aberta. Vem da mesma raiz de *discípulo*. Um discípulo significa alguém que está pronto para aprender. Um discípulo significa alguém que não é intolerante, que não é preconceituoso, que não tem crenças sem a experiência, que

sabe o que ele sabe e sabe o que não sabe. Ele tem muita clareza sobre isso. E, quando não há nenhuma autoridade acima de você, você é a autoridade – uma enorme responsabilidade, uma grande liberdade.

Você disse certa vez que este é um mundo muito bonito que está nas mãos erradas. Concordo plenamente com isso. Eu sinto isso.

Mas como podemos deter essas mãos vorazes que estão torturando a natureza e escravizando os seres humanos se não lutarmos contra elas e as combatermos? A destruição do velho não é necessária para a construção do novo?

Essa é uma das mais velhas armadilhas nas quais o homem tem caído repetidas vezes. Sim, eu digo que o mundo é um mundo muito bonito mas que que está nas mãos erradas. Imediatamente sua mente começa a pensar em como destruir essas pessoas erradas, como tirar o mundo das mãos dessas pessoas erradas. Em vez de transformar a si mesmo, em vez de transformar sua própria mente você logo começa a pensar em termos de política. Eu falo em religião e você imediatamente interpreta como política.

E isso parece lógico, porque parece perfeitamente certo: “Como podemos deter essas mãos vorazes que estão torturando a natureza e escravizando os seres humanos se não lutarmos e as combatermos?”. Mas, se você briga e luta, acha que conseguirá transformar o mundo e sua situação? Brigando e lutando você simplesmente se torna igual a essas pessoas contra as quais está brigando e lutando – essa é uma das leis fundamentais da vida. Escolha seus inimigos muito cuidadosamente! Os amigos você pode escolher sem nenhuma preocupação. Não há por que se preocupar com os amigos, porque estes não têm impacto sobre você, não o impressionam tanto quanto os inimigos. Você tem que ter muito cuidado com o inimigo, porque terá que lutar contra o inimigo. Lutando, você terá que usar as mesmas estratégias, as mesmas táticas, e usará essas estratégias e táticas durante muitos anos. Elas irão condicioná-lo. É assim que tem acontecido ao longo dos séculos.

Iossif Stálin provou ser um czar muito mais perigoso do que os czares que governaram a Rússia antes de o comunismo assumir o poder. Por quê? Porque ele aprendeu a estratégia com os czares. Combatendo os czares, ele teve de aprender as maneiras e os meios, as

mesmas maneiras e meios que eles estavam usando. Iossif Stálin passou a vida toda lutando, praticando a violência. Quando assumiu o poder ele era um czar, e obviamente muito mais perigoso, porque havia vencido os czares. Ele precisava ser mais esperto, precisava ser mais violento, precisava ser mais ambicioso, precisava ser mais maquiavélico. Do contrário, teria sido impossível vencer os czares.

E ele fez a mesma coisa em uma escala muito maior: ele derrotou todos os czares! Todos os czares juntos jamais foram tão violentos, cometeram tantos assassinatos, quanto Iossif Stálin cometeu sozinho. Ele aprendeu tão bem a lição que suspeita-se que o líder da revolução, Lênin, tenha sido envenenado por Iossif Stálin, lentamente, em nome da medicina. Ele estava doente e, em nome da medicina, foi lentamente envenenado e morto. Se Lênin estivesse ali, Iossif Stálin seria o terceiro homem, porque havia outro homem, Leon Trótski, que era o segundo. Então, a primeira coisa era destruir Lênin – ele matou Lênin – e a segunda coisa era matar Trótski. Ele matou Trótski. Então, assumiu o poder e, uma vez no poder, começou a matar todo mundo. Todos os membros do Politburo, os principais líderes do comando comunista, foram aos poucos mortos por Stalin. Porque todos conheciam as estratégias, então tinham de ser removidos.

Isso aconteceu com todas as revoluções no mundo.

Agora, quando eu digo que este mundo é um mundo muito bonito e que está nas mãos erradas, não quero dizer que vocês devam começar a lutar contra as mãos erradas. O que quero dizer é: por favor, não sejam essas mãos erradas, só isso.

Eu não ensino revolução, ensino rebelião, e a diferença é grande. A revolução é política, a rebelião é religiosa. A revolução necessita que você se organize como um partido, como um exército, e lute contra os inimigos. A rebelião significa que você se rebela como um indivíduo; que você simplesmente sai de todo esse padrão de comportamento. Pelo menos você não deve destruir a natureza.

E, se cada vez mais pessoas se tornarem egressas, o mundo poderá ser salvo. Essa será a verdadeira revolução. Não política, mas espiritual. Se cada vez mais pessoas saírem da velha mente e do seu estilo de vida, se cada vez mais pessoas se tornarem amorosas, se cada vez mais pessoas não forem ambiciosas, se cada vez mais pessoas não forem gananciosas, se cada vez mais pessoas deixarem de ter interesse na política do poder, no prestígio, na respeitabilidade...

Nisso se resume o *sannyas*. O *sannyas* significa abandonar o velho jogo apodrecido e viver a sua vida por sua própria conta. Não é uma luta contra o velho, é simplesmente sair das amarras do velho – e essa é a única maneira de enfraquecê-lo, essa é a única maneira de destruí-lo. Se milhões de pessoas no mundo simplesmente deixarem de ser dominadas por políticos, os políticos morrerão por conta própria. Vocês não podem lutar contra eles. Se lutarem, vocês mesmos se tornarão políticos. Se lutarem contra eles vocês mesmos se tornarão gananciosos, ambiciosos. E isso não vai ajudar.

Seja um egresso. E você tem uma vida curta: você pode estar aqui durante sessenta anos, setenta anos, oitenta anos. Não pode esperar ser capaz de transformar o mundo, mas pode esperar que possa ainda desfrutar do mundo e amá-lo.

Use a oportunidade desta vida para celebrar o máximo possível. Não a desperdice lutando e brigando.

Eu não estou criando uma força política aqui. Não, de maneira alguma. Todas as revoluções políticas falharam tão completamente que só as pessoas cegas podem continuar acreditando nelas. Aqueles que têm olhos estão destinados a lhes ensinar alguma coisa nova. Isto é alguma coisa nova! Isto também já foi feito antes, mas não em larga escala. Temos de fazê-lo em larga escala – milhões de pessoas têm de se tornar egressas! Não quero dizer que como egressos vocês tenham que deixar a sociedade e ir para as montanhas. Vivam em sociedade, mas abandonem a ambição, abandonem a ganância, abandonem o ódio. Vivam em sociedade e sejam amorosos, e vivam na sociedade como um ninguém.

Esta é a pura essência dos *sannyas*: viver como um ninguém, sem ganância, sem ambição. E então você poderá desfrutar e poderá celebrar. E celebrando e desfrutando vai disseminar as ondas de êxtase para outras pessoas.

Podemos mudar o mundo todo, mas não pela luta – não desta vez. Já basta! Temos que mudar este mundo celebrando, dançando, cantando, pela música, pela meditação, pelo amor, não pela luta.

O velho certamente tem de cessar para o novo existir, mas, por favor, não me interpretem mal.

A pessoa que fez a pergunta é um italiano, e a Itália moderna é realmente demasiado política, todo o pensamento é político. Toda a mente italiana é obcecada por política. Talvez uma das razões disso

seja o fato de essas mentes estarem fartas do Vaticano, do papa e daquela bobagem toda. Os italianos já presenciaram demais tudo aquilo e se moveram para o outro extremo.

Certamente, o velho tem de cessar – mas o velho está dentro de você, não fora. Não estou falando da velha estrutura da sociedade; estou falando da velha estrutura de sua mente, que tem de acabar para o novo existir. E uma única pessoa abandonando a velha estrutura da mente cria um espaço incrível, inimaginável, inacreditável, para muitos transformarem suas vidas. Uma única pessoa se transformando torna-se um gatilho; então muitos mais começam a mudar. Sua presença torna-se um agente catalítico.

Esta é a rebelião que eu ensino: você abandona a velha estrutura, abandona a velha ganância, abandona o velho idealismo. Você se torna uma pessoa silenciosa, meditativa, amorosa. Viva mais em um estado dançante e, então, veja o que acontece. Mais cedo ou mais tarde alguém se unirá a você na dança, e então mais e mais pessoas. É como tem acontecido aqui.

Lao-Tsé diz que você não precisa sair do seu quarto; tudo pode acontecer mesmo que você viva dentro do seu quarto. Mas Lao-Tsé teve que sair. Ele costumava sair montado em seu búfalo, movendo-se de uma aldeia para outra. Eu simplesmente segui o conselho dele: eu nunca saio do meu quarto. Estou apenas vivendo no meu quarto, e vocês todos vêm de diferentes cantos do mundo. É um milagre! Por que vocês vêm? E muitos mais estão a caminho; eles logo estarão aqui. Este lugar vai se tornar uma força tremenda no mundo, uma força transformadora no mundo. Vai se tornar uma explosão espiritual. Mas não vamos lutar contra ninguém e não vamos combater ninguém.

Eu não tenho ensinamentos políticos. Sou totalmente contra a política. Sim, o velho tem de acabar para o novo existir. Mas o velho tem de acabar *dentro de vocês*, e então o novo estará lá. E, uma vez que o novo esteja dentro de você, o novo é infeccioso, contagioso; começa a se disseminar para outras pessoas.

A alegria é contagiosa! Riam e vocês verão outros começarem a rir. O mesmo acontece com a tristeza; fiquem tristes e alguém olhando para seus rostos de repente fica triste. Não estamos separados, estamos unidos; por isso, quando o coração de alguém começa a rir, muitos outros corações são tocados – às vezes, até corações distantes.

Vocês vieram de lugares muito distantes; de algum modo o meu

riso os alcançou, de algum modo o meu amor os alcançou. De algum modo, de alguma maneira misteriosa, meu ser tocou seus seres e vocês vieram aqui superando todas as dificuldades. Mil e uma dificuldades estão sendo criadas pelos poderosos, e cada vez mais dificuldades serão criadas. Embora eu não esteja lutando contra ninguém, aqueles que ainda estão no poder estão temerosos porque não conseguem imaginar que possa haver um homem sem inclinações políticas. Não conseguem acreditar que possa haver um homem que consegue atrair milhares de pessoas e não usará o poder dessas pessoas para atingir algum poder político, algum *status* político. Não conseguem acreditar nisso! Como podem acreditar nisso? Eles só conseguem entender do modo que eles conseguem entender.

Então, os políticos estão temerosos, criando todo tipo de barreira, mas isso não vai impedir ninguém. Na verdade, isso vai me ajudar enormemente! Vai se tornar um desafio para todas as pessoas corajosas. Pode impedir alguns covardes – e é bom que estes sejam impedidos porque não serão de nenhuma utilidade aqui. Na verdade, será uma espécie de triagem: só as pessoas que podem ser beneficiadas por mim estarão chegando aqui. Então, isso é bom; quaisquer impedimentos que estejam sendo criados são bons.

Mas eu não os estou ensinando a lutar contra nada. Quando uma pessoa luta contra qualquer coisa, ela se torna um reacionário. Porque isso é uma reação; você se torna obcecado com algo, é contra aquilo. E há toda possibilidade de que a coisa contra a qual você está vá dominá-lo – talvez de uma maneira negativa, mas vai dominá-lo.

Friedrich Nietzsche era extremamente contra Jesus Cristo. Mas a minha própria análise de Nietzsche é que ele ficou muito impressionado com Jesus, e por isso era contra ele. Ele era obcecado; estava realmente tentando ele próprio se tornar um Jesus Cristo. Seu grande livro, *Assim falou Zaratustra*, é um esforço para criar um novo evangelho. A linguagem que ele usa, as metáforas, a poesia certamente lembram as de Jesus Cristo, e Nietzsche era extremamente contra Jesus. Ele nunca perdia o foco. Se pudesse condenar Jesus, imediatamente o condenaria, mas repetidamente se lembrava de Jesus. Ele estava obcecado.

Quando enlouqueceu, na última fase de sua vida, até começou a assinar suas cartas como “Anticristo Friedrich Nietzsche”. Ele não conseguiu esquecer Cristo nem quando enlouqueceu. Primeiro escrevia

“Anticristo” e depois assinava o seu nome. Você pode ver a obsessão, a profunda inveja de Jesus, que dominou toda a sua vida. Isso destruiu sua imensa criatividade. Ele poderia ter sido um rebelde, mas se reduziu a um reacionário. Ele poderia ter trazido algo novo para o mundo, mas não conseguiu. Permaneceu obcecado por Jesus.

Eu não sou contra nada ou ninguém. Não quero que vocês sejam livres *de* alguma coisa. Simplesmente quero que você seja livre. Veja a diferença: a *liberdade de* nunca é total, esse “de” a mantém capturada no passado. A *liberdade de* nunca pode ser a liberdade real. Nem a *liberdade para* jamais será a verdadeira liberdade, pois é a busca de uma nova escravidão. E essa *liberdade de* e a *liberdade para* quase sempre andam juntas como os dois lados da mesma moeda.

O que eu ensino é a simples liberdade, nem “de” nem “para” – apenas liberdade; nem contra o passado nem a favor do futuro, mas simplesmente no presente.

Meus pais estão muito desapontados comigo, estão o tempo todo preocupados. Eles possibilitaram a minha existência aqui. Então, como posso me voltar contra eles? O que eu devo aos meus pais?

O problema da família é que as crianças saem da infância, mas os pais nunca saem do seu papel de pais. O homem ainda não aprendeu que a paternidade e a maternidade não são coisas às quais se tem de estar apegado para sempre. Quando o filho se torna adulto, a paternidade e a maternidade dos pais acabaram. A criança necessitava daquilo – ela era desamparada. Ela necessitava da mãe, do pai, da sua proteção; mas, quando o filho consegue se cuidar sozinho, os pais têm de aprender a se retirar da vida do filho. E, como os pais nunca se retiram da vida do filho, continuam com uma constante ansiedade em relação a si mesmos e aos filhos. Eles destroem, criam culpa; eles não ajudam além de certo limite.

Ser pai e mãe é uma grande arte. Dar à luz os filhos não é nada – qualquer animal pode fazê-lo; é um processo natural, biológico, instintivo. Dar à luz um filho não é nada fantástico, nada especial, é muito comum. Mas ser pai e mãe é algo extraordinário. Muito poucos são realmente capazes de serem pais.

E o critério é que os verdadeiros pais darão liberdade. Eles não vão se impor à criança, não invadirão o seu espaço. Desde o início, seu

esforço será para ajudar a criança a ser ele mesmo ou ela mesma. Eles devem apoiar, eles devem fortalecer, eles devem nutrir, mas não impor suas ideias, lhes dar os deves e os não deves. Eles não estão ali para criar escravos.

Mas é isso que os pais no mundo todo continuam fazendo: todo o seu esforço é no sentido de satisfazer suas ambições através do filho. É claro que ninguém jamais conseguiu satisfazer suas ambições, e por isso todo pai ou mãe vive em estado de confusão. Eles sabem que a cada dia a morte está mais próxima, cada vez mais, e sua vida está encolhendo – e suas ambições ainda não foram satisfeitas, seus desejos ainda não foram realizados. Eles sabem que fracassaram. Estão perfeitamente conscientes de que irão morrer com as mãos vazias. Assim como chegaram, com as mãos vazias, assim eles partirão.

Agora todo o esforço é como implantar suas ambições no filho. Eles partirão, mas o filho vai viver de acordo com eles. O que eles não conseguiram fazer, o filho conseguirá. Pelo menos através do filho eles vão realizar alguns sonhos.

Isso não vai acontecer. Tudo o que vai acontecer é que o filho vai continuar tão insatisfeito quanto os pais, e o filho continuará fazendo a mesma coisa com seus próprios filhos. Isso prossegue de uma geração para outra. Vamos transmitindo nossas doenças; vamos infectando os filhos com nossas ideias, que não se provaram válidas em nossas próprias vidas.

Alguém viveu como cristão, e sua vida pode mostrar que nenhuma felicidade aconteceu através disso. Alguém viveu como hindu e pode-se ver que sua vida é um inferno. Mas essas pessoas querem que seus filhos sejam hindus ou cristãos ou muçulmanos. Como o homem é inconsciente!

Eu ouvi a seguinte história:

Um homem muito triste, desolado, foi a um médico em Londres. Sentou-se em uma cadeira na sala de espera e, ignorando melancolicamente os outros pacientes, esperou sua vez. Finalmente, o médico o conduziu até o consultório, onde, após um exame minucioso, o homem parecia mais sério, triste e infeliz do que nunca.

“Não há na verdade nada importante com você”, disse o médico, “você está simplesmente deprimido. O que precisa é esquecer o seu trabalho e suas preocupações. Saia, vá ver um filme de Charlie Chaplin e dê boas risadas!”.

Um ar de tristeza se espalhou pelo rosto do homenzinho. “Mas eu sou Charlie Chaplin!”, disse ele.

Este é um mundo muito estranho! Não conhecemos a vida real das pessoas; tudo o que conhecemos são suas máscaras. Nós as vemos nas igrejas, nós as vemos nos clubes, nos hotéis, nos salões de baile, e parece que todos estão regozijando, todos estão vivendo uma vida maravilhosa, exceto nós – é claro, porque nós sabemos que por dentro estamos infelizes. E o mesmo acontece com todos os outros! Todos estão usando máscaras, enganando a todos, mas como podemos nos enganar? Nós sabemos que a máscara não é a nossa face original.

E os pais continuam fingindo diante dos filhos, continuam enganando seus próprios filhos. Eles não são autênticos nem com os próprios filhos! Eles não confessam que sua vida foi um fracasso; ao contrário, eles vão fingir que têm sido muito bem-sucedidos. E gostariam que os filhos também vivessem da mesma maneira que eles viveram.

Você disse: “Meus pais estão muito desapontados comigo...”. Pare de se preocupar. Todos os pais estão desapontados com seus filhos! E eu digo todos, sem nenhuma exceção. Até os pais de Gautama Buda estavam muito desapontados com ele; os pais de Jesus Cristo estavam muito desapontados com ele, obviamente. Eles haviam vivido certo tipo de vida – eram judeus ortodoxos – e este filho, este Jesus, estava indo contra muitas ideias e convenções tradicionais. O pai de Jesus, José, deve ter esperado que quando envelhecesse o filho o ajudasse em sua carpintaria, em seu trabalho, em sua loja. E o filho estúpido começou a falar sobre o reino de Deus! Vocês acham que ele estava feliz na sua velhice?

O pai de Gautama Buda era muito velho e só tinha um filho, e esse também nasceu quando ele já estava velho. Toda a sua vida ele esperou, orou, adorou e realizou todos os tipos de rituais religiosos para poder ter um filho, porque quem iria cuidar do seu grande reino? Então, certo dia o filho desapareceu do palácio. Vocês acham que ele ficou feliz? Ele ficou com tanta raiva, tão violentamente raivoso, que teria matado Gautama Buda se o houvesse encontrado! A polícia e seus detetives o estavam procurando por todo o reino. “Onde ele está se escondendo? Tragam-no até mim!”

E Buda sabia disso, que ele seria preso pelos agentes de seu pai, e

por isso a primeira coisa que fez foi cruzar a fronteira do reino de seu pai. Fugiu para outro reino e por doze anos ninguém ouviu falar dele. Quando se tornou iluminado, voltou para casa para compartilhar sua alegria, para dizer ao pai que “Eu cheguei em casa”, que “Eu entendi”, que “Eu conheci a verdade – e este é o caminho”.

Mas o pai estava muito zangado, tremendo e agitado. Ele já estava velho, muito velho. Gritou com Buda e lhe disse: “Você é uma desgraça para mim!”. Ele viu Buda ali de pé vestido como um mendigo e com uma vasilha de esmolas, e disse: “Como você se atreve a aparecer diante de mim como um mendigo? Você é o filho de um imperador, e na nossa família nunca houve um mendigo! Meu pai foi imperador, o pai dele também, e há séculos temos sido imperadores! Você desgraçou toda a nossa origem!”.

Buda o escutou durante meia hora, sem dizer uma única palavra. Quando o pai ficou sem fôlego e se acalmou um pouco... lágrimas escorriam por seus olhos, lágrimas de raiva, de frustração. Então, Buda disse: “Eu lhe peço um único favor. Por favor, enxugue suas lágrimas e olhe para mim. Eu não sou a mesma pessoa que saiu de casa. Estou totalmente transformado, mas seus olhos estão tão cheios de lágrimas, que o senhor não consegue enxergar. Continua falando com alguém que não existe mais! Esse já morreu”.

Isso desencadeou outra raiva, e o pai disse: “Você está tentando me ensinar? Você acha que eu sou um tolo? Que não consigo reconhecer meu próprio filho? Meu sangue está correndo em suas veias, e eu não consigo reconhecê-lo?”.

Buda disse: “Por favor, não me interprete mal. Meu corpo certamente lhe pertence, mas não a minha consciência. E a minha consciência, não o meu corpo, é a minha realidade. O senhor está certo quando diz que seu pai era um imperador, assim como o pai dele, mas, no que diz respeito a mim, eu fui um mendigo na minha vida passada e fui um mendigo também em uma vida anterior, porque estive buscando a verdade. Meu corpo veio através do senhor, mas o senhor foi apenas uma passagem. O senhor não me criou; o senhor foi um meio, e a minha consciência não tem nada a ver com a sua consciência. O que estou dizendo é que agora eu vim para casa com uma nova consciência, eu passei por um renascimento. *Olhe* para mim, veja a minha alegria!”.

O pai olhou para o filho, não acreditando no que ele estava

dizendo. Mas uma coisa certamente era verdade: ele estava com muita raiva, mas o filho não teve nenhuma reação a isso. E isso era absolutamente novo, pois ele conhecia seu filho. Se ele fosse a antiga pessoa, teria ficado tão raivoso quanto o pai – ou até mais, porque ele era jovem e seu sangue era mais quente que o de seu pai. Mas ele não estava com raiva, de modo algum. Havia uma paz absoluta em sua face, um grande silêncio. Ele ficara impassível, tranquilo diante da raiva de seu pai. O pai havia abusado dele, mas isso parecia não tê-lo afetado. Ele enxugou as lágrimas de seus velhos olhos, olhou de novo, e viu a nova graça...

Seus pais ficarão desapontados com você porque devem ter tentado satisfazer algumas expectativas através de você. Agora que você se tornou um *sannyasin*, todas as expectativas deles foram por água abaixo. Naturalmente, estão desapontados. Mas não se sinta culpado por causa disso, porque senão eles vão destruir a sua alegria, o seu silêncio, o seu crescimento. Permaneça tranquilo, despreocupado. Não sinta culpa nenhuma. Sua vida é sua e você tem de vivê-la de acordo com a sua própria luz.

E quando você tiver chegado à fonte da alegria, do seu êxtase interior, vá até eles para compartilhar. Eles ficarão zangados. Então, espere, porque a raiva não é de modo algum permanente; ela chega como uma nuvem e passa. Espere! Vá até lá, esteja com eles, mas só quando tiver certeza de que pode permanecer tranquilo, só quando souber que nada vai criar nenhuma reação em você, só quando você souber que será capaz de reagir com amor, mesmo que eles estejam com raiva. Essa será a única maneira de ajudá-los.

Você disse: “Eles ficam o tempo todo preocupados”. Isso é problema deles! E não pense que se você houvesse seguido as ideias deles eles não estariam preocupados. Eles ainda assim estariam preocupados; esse é o condicionamento deles. Os pais deles devem ter ficado preocupados, e os pais dos pais deles devem ter ficado preocupados. Essa é a herança deles. Você os desapontou porque não está mais se preocupando. Você se desviou! Eles estão infelizes, os pais deles ficaram infelizes e assim por diante... até Adão e Eva! E você se desviou; daí a grande preocupação.

Mas se você ficar preocupado vai perder uma oportunidade, e então eles o terão atraído de volta ao mesmo lamaçal. Eles vão se sentir bem, vão se regozijar por você ter voltado à velha maneira tradicional,

convencional, mas isso não vai ajudar nem a você nem a eles.

Se você permanecer independente, se atingir a fragrância da liberdade, se se tornar mais meditativo – e essa é a razão de você estar aqui, para se tornar mais meditativo, mais silente, mais amoroso, mais jubiloso –, então um dia poderá compartilhar o seu júbilo. Para compartilhá-lo primeiro você tem de tê-lo; você só pode compartilhar aquilo que já tem. Neste momento você também pode se preocupar, mas duas pessoas se preocupando simplesmente multiplicam as preocupações; elas não ajudam uma à outra.

Você disse: “Eles estão o tempo todo preocupados”. Isso deve ter se tornado o condicionamento deles. É o condicionamento de todos no mundo.

Um rabino estava sendo hospedado por uma família, e o homem da casa, impressionado pela honra, avisou seus filhos para se comportarem seriamente na mesa de jantar porque o grande rabino estaria presente. Mas no decorrer da refeição eles riram de algo e o pai os expulsou da mesa.

O rabino então se levantou e se preparou para sair.

“Algo errado?”, perguntou o pai preocupado.

“Bem”, disse o rabino, “eu também ri!”

Não fique preocupado com a seriedade deles, com a preocupação deles a seu respeito. Eles estão tentando inconscientemente fazê-lo se sentir culpado. Não deixe que tenham sucesso nisso, porque se isso acontecer eles vão destruí-lo e também destruirão uma oportunidade que para eles teria sido possível através de você.

Você disse: “Eles me possibilitaram estar aqui”. Seja grato por isso, mas não há necessidade de se sentir culpado. “Então, como posso me voltar contra eles?” Não há necessidade de se voltar contra eles, mas também não há necessidade de segui-los. Continue amando-os. Quando meditar, após cada meditação reze à existência para que “Algo da minha meditação alcance meus pais”. Reze por eles, ame-os, mas não os siga. Isso não irá ajudar você nem eles.

Você disse: “O que eu devo a meus pais?”. Você deve isso, você tem que ser você mesmo. Você deve isso: você tem que ser jubiloso, tem que ser feliz, tem que se tornar uma celebração de si mesmo, tem que aprender a rir e gozizar. É isso que você deve a eles: você lhes deve

iluminação. Torne-se iluminado como Gautama Buda e então vá até seus pais compartilhar sua alegria. Neste momento, o que você pode fazer? Neste momento nada é possível; neste momento você só pode rezar.

Então, não estou dizendo para se virar contra eles, estou dizendo para não segui-los – e essa é a única maneira de você poder ser de alguma ajuda para eles. Eles o ajudaram fisicamente; você deve ajudá-los espiritualmente. Essa será a única maneira de recompensá-los.

Quando escuto meus sentimentos, minha voz interior, eles me dizem para não fazer nada a não ser dormir, comer e brincar na praia! Tenho medo de seguir esses sentimentos porque acho que vou ficar fraco demais para sobreviver neste mundo. A existência me protegerá quando eu me permitir relaxar?

Primeira coisa: não há necessidade de sobreviver neste mundo. Este mundo é um hospício. Não há necessidade de sobreviver nele. Não há necessidade de sobreviver no mundo da ambição, da política, do ego. Isso é doença. Mas há outra maneira de ser, e todo ponto de vista religioso é o seguinte: que você pode estar neste mundo e não ser parte dele.

“Quando escuto meus sentimentos, minha voz interior, eles me dizem para não fazer nada...” Então não faça nada. Não há ninguém mais elevado do que você, e Deus fala com você diretamente. Comece a confiar em seus sentimentos internos. Então, não faça nada. Se você sente que deve apenas dormir, comer e brincar na praia, perfeito. Deixe que isso seja a sua religião. Não tenha medo.

Você terá que parar de ter medo. E, se isso for uma questão de escolha entre o sentimento interior e o medo, escolha o sentimento interior. Não escolha o medo. Tantas pessoas têm escolhido o seu caminho por medo, e por isso vivem em um limbo, vivem na indecisão.

O medo não vai ajudar. O medo sempre significa o medo do desconhecido. O medo sempre significa o medo da morte. O medo sempre significa o medo de ficar perdido. Mas, se realmente quer estar vivo, você tem que aceitar a possibilidade de ficar perdido. Você tem de aceitar a insegurança do desconhecido, o desconforto e a inconveniência do não familiar, do estranho. Esse é o preço que se tem

de pagar pela bênção que o acompanha, e nada pode ser alcançado sem se pagar por essa bênção. Você tem de pagar: do contrário, permanecerá paralisado pelo medo. Toda a sua vida será perdida.

Desfrute de seu sentimento interior seja ele qual for.

“Acho que vou ficar fraco demais para sobreviver neste mundo.” Não há necessidade disso. Isso é o medo falando por você, o medo criando mais medos. Do medo nasce mais medo.

“A existência vai me proteger?” Mais uma vez o medo está pedindo garantias, promessas. Quem está aí para lhe dar uma garantia? Quem pode ser uma garantia para a sua vida? Você está me pedindo algum tipo de seguro. Não, não há possibilidade disso. Na existência, nada é garantido – nada pode ser. E isso é bom. Do contrário, se a existência for também garantida, você já estará completamente morto. Então, toda a excitação dela, de estar vivo como uma folha jovem no vento forte, estará perdida.

A vida é bela porque é insegura. A vida é bela porque há a morte. A vida é bela porque pode ser perdida. Se você não pudesse perdê-la, tudo seria imposto a você, e então até mesmo a vida se tornaria uma prisão. Você não seria capaz de desfrutá-la. Mesmo que lhe fosse ordenado ser jubiloso, que lhe fosse ordenado ser livre, tanto o júbilo quanto a liberdade já teriam desaparecido.

“A existência me protegerá quando eu me permitir relaxar?” Experimente! A única coisa que eu posso lhe dizer... Não estou falando com o seu medo, lembre-se. A única coisa que eu posso lhe dizer é que todos aqueles que experimentaram relaxar descobriram que ela protege. Mas não estou falando com o seu medo. Estou simplesmente encorajando a sua aventura, só isso. Estou persuadindo você, estou seduzindo você rumo à aventura. Não estou falando com o seu medo. Todos aqueles que experimentaram relaxar descobriram que a proteção é infinita.

Mas não sei se você consegue entender a proteção que o universo lhe proporciona. A proteção que você está pedindo não pode ser proporcionada pelo universo, porque você não sabe o que está pedindo. Você está pedindo a morte. Só um corpo morto está absolutamente protegido. Algo vivo está sempre em perigo. Estar vivo é um risco. Mais vivo: mais aventura, mais risco, mais perigo.

Nietzsche costumava ter um lema em sua parede: “Viva perigosamente”. Alguém lhe perguntou: “Por que você escreveu isso?”.

Ele respondeu: “Apenas para eu me lembrar, porque o meu medo é enorme”.

Viva perigosamente porque essa é a única maneira de viver. Não há outra. Escute sempre o chamado do desconhecido e esteja sempre em movimento. Nunca tente estar estabelecido em parte alguma. Estar estabelecido é morrer; é uma morte prematura.

Eu estava numa festa de aniversário, o aniversário de uma garotinha, e havia muitos brinquedos e muitos presentes, e a menina estava realmente feliz. Todos os seus amigos estavam ali e todos estavam dançando. De repente, ela perguntou à sua mãe: “Mãe, houve esses belos dias do passado, quando você estava viva?”.

As pessoas morrem antes da sua morte. As pessoas se estabelecem na segurança, no conforto, na conveniência. As pessoas se estabelecem em uma existência tumular.

Não estou falando com o seu medo.

“A existência vai me proteger quando eu me permitir relaxar?” Ela tem sempre protegido, e não consigo pensar que com você vá ser diferente. Não consigo acreditar que haverá uma exceção no seu caso. Sempre foi assim. Ela tem protegido aqueles que se entregaram a ela, que se deixaram levar por ela, que se renderam a ela.

Siga a natureza. Siga a sua natureza interior.

Eu li uma história da qual gostei muito:

Era primavera no campus da Universidade de Colúmbia, e os cartazes de NÃO PISE NA GRAMA estavam espalhados nos gramados recém-plantados. Os alunos ignoravam as advertências, que estavam acompanhadas de solicitações especiais, e continuavam a pisar no gramado. A questão ficou muito séria, até que finalmente os funcionários dos prédios e dos jardins levaram o problema ao general Eisenhower, na época reitor da universidade.

“Vocês já perceberam”, perguntou Eisenhower, “como é muito mais rápido ir diretamente para onde você está indo? Por que não descubrem a rota que os alunos estão seguindo e colocam os caminhos ali?”

É assim que a vida deveria ser. As estradas, os caminhos, os princípios não devem ser determinados antecipadamente.

Permita-se relaxar. Flua naturalmente e deixe que esse seja o seu caminho. Caminhe, e caminhando crie o seu caminho. Não siga as grandes autoestradas. Elas estão mortas, e você não vai encontrar nada nelas. Tudo já foi removido. Se você seguir uma grande

autoestrada, estará se distanciando da natureza. A natureza não conhece caminhos, não tem padrões fixos. Ela flui em mil e um padrões, mas todos espontâneos. Siga e observe... sente-se na praia e observe o mar. Milhões de ondas surgindo, mas cada onda é única e diferente. Você não consegue encontrar duas ondas iguais. Elas não seguem nenhum padrão.

Nenhum ser humano digno do nome vai seguir padrão algum.

As pessoas vêm até mim e dizem: “Mostre-nos o caminho”. Eu lhes digo: “Não me peçam isso”. Eu só posso lhes dizer como caminhar – não posso lhes mostrar o caminho. Por favor, tentem ver a distinção: eu só posso lhes dizer como caminhar, e como caminhar corajosamente. Não posso lhes mostrar o caminho, porque o caminho é para os covardes. Aqueles que não sabem como caminhar, que estão paralisados, para eles o caminho existe. Aqueles que sabem como caminhar entram na floresta e, apenas caminhando, criam o seu caminho. E cada um atinge Deus de maneira diferente. Você não consegue atingi-lo como uma massa nem consegue atingi-lo como uma multidão. Você o atinge sozinho, absolutamente sozinho.

Deus é selvagem. Ele ainda não está civilizado – e espero que ele nunca fique civilizado. Ele ainda é espontâneo e adora a espontaneidade. Então, se a sua natureza interna lhe diz para ir à praia e relaxar, faça isso. É de lá que Deus o está chamando.

Eu lhe ensino apenas a ser você mesmo, nada mais. É muito difícil me entender porque, devido ao seu medo, você gostaria que eu lhe desse um padrão de vida, uma disciplina, um estilo, um modo de vida.

Pessoas como eu têm sido sempre mal interpretadas. Um Lao-Tsé, um Zaratustra, um Epicuro têm sido sempre mal interpretados. A maioria das pessoas religiosas têm sido consideradas irreligiosas porque se alguém é realmente religioso ele vai lhe ensinar a liberdade, vai lhe ensinar o amor. Ele não vai lhe ensinar a lei, vai lhe ensinar o amor. Não vai lhe ensinar um padrão de vida morto. Vai lhe ensinar um caos, uma anarquia, porque as estrelas só nascem do caos. Ele vai lhe ensinar como ser totalmente livre.

Eu sei que o medo existe, que existe o medo da liberdade; do contrário, por que deveria haver tantas prisões no mundo todo? Por que as pessoas deveriam carregar prisões em torno da sua vida continuamente, prisões invisíveis? Eu só cruzei com dois tipos de prisioneiros: alguns que vivem em uma prisão visível, e os

remanescentes, que vivem em uma prisão invisível. Eles carregam sua prisão em torno de si – em nome da consciência, em nome da moralidade, em nome da tradição, em nome disto e daquilo. Milhares são os nomes do cativo e da escravidão.

A liberdade não tem nome. Não há muitos tipos de liberdade; a liberdade é uma só. Você já observou? A verdade é uma só. Pode haver milhões de mentiras. Você pode mentir de um milhão de maneiras; você não pode dizer a verdade de um milhão de maneiras. A verdade é simples, uma maneira é suficiente. O amor é um só, as leis são milhões. A liberdade é uma só, as prisões são muitas. E, a menos que esteja muito alerta, você nunca será capaz de se mover livremente. No máximo, pode mudar de prisão. De uma prisão você pode ir para a outra, e pode desfrutar da caminhada entre as duas. É isso que está acontecendo no mundo. Um católico torna-se um comunista, um hindu torna-se um cristão, um muçulmano torna-se um hindu, e eles desfrutam isso – sim, há uma pequena liberdade sentida no momento em que estão trocando as prisões. De uma prisão para outra. Caminhando entre elas, eles se sentem bem. E de novo estão na mesma armadilha, com um nome diferente.

Todas as ideologias são prisões. Eu os ensino a ter cuidado com elas – com a minha ideologia inclusive.

5.

Quando todas as vozes estão silentes

Quando você só sabe fazer, não tem consciência do seu grande potencial. Eu quero que você saiba ser também. E não vou destruir o seu fazer, vou simplesmente embelezá-lo; isso vai tornar cada ato uma oração, cada ato uma arte, cada ato uma satisfação profunda. O ser vai fluir através do seu fazer; ele vai tornar sua vida mais colorida. Do contrário, logo você vai ficar farto dos seus fazeres, porque eles são sempre os mesmos, sempre os mesmos – quanto tempo você vai conseguir continuar se excitando com eles? Mas, se o seu fazer flui do seu ser, então cada fazer tem um sabor diferente, uma individualidade diferente, uma fragrância diferente.

Qual é a diferença entre natureza humana, instinto e hábito? Há algum meio pelo qual eles podem ou não mudar?

O hábito não é natureza, é educação. Você aprende por imitação. Vendo as pessoas fazendo coisas, você começa a fazê-las. Vendo o que torna as pessoas bem-sucedidas, você as imita. Isso não vem da sua natureza, vem do ambiente que o cerca. Sim, isso pode se tornar tão profundamente enraizado que em toda língua haja uma expressão que diz que o hábito é uma “segunda natureza”. Isso se torna tão profundamente enraizado que você não consegue sequer fazer a distinção se é hábito ou natureza.

Mas o hábito nunca é natureza, você não o traz com você. Quando quiser largá-lo, você pode largá-lo; quando quiser mudá-lo, pode mudá-lo. A natureza não pode ser mudada.

E o instinto faz parte da natureza. Em você, a natureza é expressa

em quatro camadas. O instinto é a mais baixa. Depois vem o intelecto, que é mais alto que o instinto. A maioria das pessoas nunca conhecem nada além desses dois; e esses dois estão sempre lutando pela supremacia. Todas as religiões permaneceram com o intelecto; por isso elas são contra o instinto.

Apenas alguns grandes pensadores, como Acharya Bruhaspati na Índia e Epicuro na Grécia, se posicionaram a favor do instinto contra o intelecto. Essas são pessoas muito raras. Em geral, todos se colocam a favor do intelecto, porque o intelecto tem uma posição mais elevada. Ele confere mais respeitabilidade à pessoa, mais honra. O instinto é quase como os animais. O intelecto o torna superior aos animais – mas o instinto é suculento, o intelecto é seco. Por isso as pessoas que vivem com o instinto são alegres, felizes, amorosas, e as pessoas que vivem com o intelecto são secas, briguentas.

Na verdade, há uma velha história de que os cães devem ter sido grandes intelectuais em suas vidas pregressas; por isso eles estão continuamente latindo um para o outro. Não se consegue impedir os cães de latirem um para o outro, e não se consegue impedir os intelectuais de latirem um para o outro; há uma similaridade. Pode ser que os cães tenham nascido como intelectuais, ou que os intelectuais tenham nascido como cães – ou talvez haja os dois tipos.

Além do seu intelecto está o seu sentimento. Outro nome para o seu sentimento é intuição, um nome mais científico. Mas poucas pessoas atingem a intuição, porque para atingir a intuição você precisa ir além do intelecto, e a meditação é o único caminho para isso. Infelizmente, a meditação não faz parte da nossa educação. A educação para no intelecto, criando uma briga entre o seu instinto e o seu intelecto, criando uma divisão, uma esquizofrenia que vai acometê-lo durante toda a sua vida.

Se você medita, algo além do intelecto começa a funcionar. Você pode chamar de coração, pode chamar de intuição. Não tem argumentos, mas tem incríveis experiências. Não é o fim de toda a sua natureza. Além dessa terceira camada, há a quarta, que não foi nomeada. No Oriente, tem sido chamada simplesmente de *turiya*, e *turiya* significa “a quarta”. Não foi nomeada porque qualquer nome está aquém. Ela é sua natureza fundamental, sua natureza essencial. É onde você encontra a natureza universal, como uma gota de orvalho desaparecendo no oceano.

A natureza é um mundo enorme – ela começa com o instinto e termina com a quarta camada, *turiya*.

O hábito é um resultado da educação; você o aprende com os outros.

Por exemplo, quando eu era estudante e queria uma bolsa para meus estudos de pós-graduação, meu professor estava absolutamente confiante: eu tinha todas as qualificações. Havia apenas uma grande desqualificação: eu podia entrar em uma discussão sobre alguma coisa com o vice-reitor. Então, meu professor, o chefe do departamento de filosofia, foi comigo apenas para evitar que eu discutisse. No caminho, ele foi me dizendo: “Escute, tudo depende dele. Essa é uma bolsa de estudos especial; ela vem de um fundo especial do vice-reitor. As outras bolsas de estudos são muito pequenas; essa é a maior delas, e você precisa dela”.

Ele sabia que eu comprava livros com qualquer dinheiro que obtivesse da minha casa. Mesmo que tivesse que passar fome, não havia problema, mas eu não conseguia resistir... Se eu visse um livro novo na livraria da universidade, tinha que comprá-lo. O chefe do meu departamento me apoiava o máximo que podia. Conhecendo-me – sabendo que eu podia passar fome, mas que iria comprar o livro –, ele havia feito um trato com o gerente da lanchonete: “Eu vou pagar suas contas de comida e de tudo o que ele precisar, mas não lhe cobre”. Ele queria que eu obtivesse a maior bolsa de estudos, e assim pudesse comprar quantos livros quisesse.

Ele ficou me convencendo durante todo o percurso até a sala do vice-reitor: “Lembre-se de uma coisa, você tem uma desqualificação. Não entre em discussão com esse velho; do contrário, nenhuma das suas qualificações vai funcionar. Isso está simplesmente nas mãos dele”. Eu permaneci em silêncio, reservado, e ele me disse: “Por que você está calado? Porque eu estou com receio...”.

Eu disse: “Eu não posso me comprometer e não posso prometer. Se ele me provocar, então, não vou ligar para a bolsa de estudos. Não vou perder a oportunidade de ter um bom embate”.

Ele disse: “Você é maluco, mas eu vou ficar sentado ao seu lado, e se você começar uma discussão vou começar a puxar sua camisa. Isso será para lembrá-lo do que está esquecendo”.

Eu disse: “Você pode fazer o que quiser, mas não estou lhe prometendo nada”.

Ele disse: “Você é teimoso”.

Eu disse: “Eu não sou teimoso; se ele não provocar, não haverá problema”.

Mas, quando entrei na sala, ele me provocou imediatamente. Ele me disse: “Por que está fazendo crescer a barba?”.

O chefe do meu departamento olhou para mim e pensou: “Está acabado! Essa bolsa de estudos já era!”. Eu disse ao vice-reitor: “O senhor está me fazendo uma pergunta absurda. A barba está crescendo sozinha. Eu não a estou fazendo crescer, não estou puxando seus fios”.

Ele disse: “Tudo bem; mas você pode se barbear”.

Eu disse: “Isso levanta uma questão: eu posso lhe perguntar por que o senhor vem raspando a sua barba, que a natureza lhe deu. O senhor não pode me fazer a mesma pergunta porque eu não a estou fazendo crescer, assim como não estou fazendo crescer o meu nariz. E o que posso dizer se alguém me perguntar: ‘Por que você não corta o seu nariz?’. Por que você se barbeia duas vezes ao dia?”.

Ele era um velho professor de história de Oxford – havia sido professor em Oxford e, quando se aposentou de lá, foi indicado para ser vice-reitor aqui.

Eu disse: “O senhor tem de me dar uma resposta”.

Ele disse: “Você está me fazendo uma pergunta sobre algo que nunca pensei. E você parece estar certo... por que eu comecei a me barbear? A única coisa que consigo pensar é que foi porque todos estavam se barbeando, e então comecei a me barbear”.

Eu disse: “Isso é apenas um hábito. E o senhor está persistindo num hábito cegamente – sem sequer ter pensado por que está se barbeando duas vezes por dia, gastando tempo nisso. E a imitação dos outros não demonstra muita inteligência; o senhor deveria ter perguntado por que eles estavam se barbeando. Teria descoberto que a resposta deles seria a mesma: eles estavam imitando os outros”. E continuei: “Pense apenas em uma possibilidade: se as mulheres comessem a criar barba... o que é possível. Basta dar a uma mulher algumas injeções, hormônios que o homem tem e a mulher não tem, e ela começaria a ter barba e bigode. O senhor acha que ela ficaria bonita?”.

Ele disse: “Meu Deus! Ela não ficaria bonita, ela ficaria horrível”.

Eu disse: “O senhor está na mesma situação. O senhor parece horrível sem barba, que é um fenômeno natural”.

Quando eu disse “O senhor parece horrível”, meu professor

começou a puxar freneticamente a minha camisa, batendo em minha perna com a dele. Eu lhe disse: “Professor S. S. Roy, o senhor não veio aqui comigo para puxar a minha camisa nem para bater na minha perna com a sua”.

Eu disse ao vice-reitor: “O senhor tem que interferir. Ele está atrapalhando a nossa conversa”.

Até hoje eu me lembro da cara do professor S. S. Roy! Ele não conseguia acreditar que eu estava fazendo aquilo com ele.

O vice-reitor disse: “Professor S. S. Roy, isso não está certo”.

Eu disse: “Eu vim lhe dizendo isso durante todo o caminho, mas ele está ansioso para eu conseguir a bolsa de estudo; por isso não quer que eu discuta com o senhor. Mas eu não me importo com a bolsa de estudo; eu me importo com o que é a verdade, com ou sem bolsa de estudo”.

O vice-reitor olhou para mim e disse: “Não se preocupe com a sua bolsa de estudo”. Ele não perguntou nada sobre as minhas qualificações, se eu estava ou não qualificado para a bolsa. Ele simplesmente assinou. E disse: “Gostei de você. Nenhum aluno jamais se atreveu a dizer na minha cara ‘O senhor está horrível’. E eu não pude responder à pergunta! Talvez você esteja certo, porque não é natural o que eu estou fazendo, e o que você está fazendo é natural. Eu adoraria que de vez em quando passasse pela minha sala... você sempre será bem-vindo, pode vir aqui apenas para uma conversa. Eu gostei desta conversinha que tive com você”.

Meu professor ficou impressionado. Saindo dali, ele ficou absolutamente calado. Eu disse: “O que aconteceu? O senhor está muito calado”.

Ele disse: “Estou me perguntando que tipo de homem você é. Você lidou com tudo tão depressa, e lhe disse, na cara: ‘O senhor está horrível’. E nós sabemos que ele é um homem muito zangado e muito vingativo. E ele o convidou: ‘Sempre que quiser... não precisa marcar hora. Pode entrar à vontade’. O que você fez? Foi quase como uma mágica – em um minuto! E você me fez parecer tão tolo que eu não consegui sequer levantar os olhos. Fiquei olhando para o chão... O que dizer? Eu fiz aquelas coisas; não posso negar”.

As pessoas não pensam no que estão fazendo: que tipo de roupas estão usando, se são ou não confortáveis; em que tipo de casas estão vivendo, se são estéticas ou não. Elas estão simplesmente imitando os

outros.

Uma vida de imitação não é uma vida de verdade. Não é sincera. A pessoa deve viver naturalmente em todos os quatro passos: o instinto pertence ao corpo. O intelecto pertence à mente. A intuição pertence ao coração. E a quarta camada, *turiya*, pertence ao ser.

Se você conseguir viver todas essas quatro em harmonia, é um ser humano perfeito. Nada deve ser negado em favor de outra coisa. As quatro têm de estar juntas em harmonia. E, se você conseguir evitar os hábitos, se conseguir permitir que a sua natureza seja toda a sua vida, sem espaço para nenhum hábito... Todos os hábitos vão afastá-lo da sua natureza; todos os hábitos vão lhe provar que são medíocres.

Seu corpo tem sua própria sabedoria – use-a.

Sua mente pode crescer como um grande gigante no que se refere à inteligência; use-a, mas não se deixe ser usado por ela.

Seu coração tem tanto amor, tanta beleza; ele pode preencher todo o universo, ele é oceânico. Permita que ele se abra, que ele se expanda e o compartilhe com as pessoas.

E o quarto passo é o definitivo. É a sua vida eterna com toda a bem-aventurança, êxtase, alegria, destemor e imortalidade concebíveis.

Se alguém vive simplesmente seguindo a sua natureza em cada uma dessas quatro fases, esse alguém é um verdadeiro ser humano; é alguém que não tem nenhum hábito. Os hábitos destroem a sua verdade e lhe impõem coisas que você nunca pretendeu, por sua natureza, que fossem o seu destino.

Um americano, um inglês e um irlandês estavam todos olhando para um pelotão de fuzilamento. “Escutem”, disse o americano aos outros dois. “Um de cada vez vai pensar em um meio de tirar a atenção do pelotão de fuzilamento; então, quando o pelotão de fuzilamento se virar para atirar, aquele que criou a distração corre montanha acima. Eu vou primeiro para mostrar a vocês.”

O esquadrão se alinhou e mirou para o objetivo. Rapidamente, o americano gritou: “Tornado!”. O esquadrão se virou para olhar, e o americano correu montanha acima.

O esquadrão tornou a se alinhar e o inglês gritou: “Inundação!”. De novo o esquadrão se virou esperando ver uma enorme onda de água.

Pela terceira vez o esquadrão se alinhou para atingir o objetivo. O irlandês, pensando depressa, gritou: “Fogo!”.

Às vezes, para mim é difícil estar no mundo, pois eu vejo como as pessoas são duras e como pisam umas nas outras. Isso me magoa muito, até fisicamente, e me sinto vulnerável como uma criança pequena. Por favor, diga-me como lidar com isso.

Há sempre problemas no mundo, e o mundo sempre existiu, e continuará existindo. Se você começar a tentar acertá-lo – mudando as circunstâncias, mudando as pessoas, pensando em um mundo utópico, mudando o governo, a estrutura, a economia, a política, a educação – você ficará perdido. Essa é a armadilha conhecida como política. Foi assim que muitas pessoas desperdiçaram suas próprias vidas.

Entenda bem o seguinte: a única pessoa que você pode ajudar neste exato momento é você mesmo. Neste exato momento você não pode ajudar ninguém. Isso será apenas uma distração, apenas um truque da mente. Examine seus próprios problemas, examine suas próprias ansiedades, examine sua própria mente, e primeiro tente mudar isso.

Isso acontece com muitas pessoas: no momento em que ficam interessadas em algum tipo de religião, meditação, oração, imediatamente a mente lhes diz: “O que está fazendo sentado aqui em silêncio? O mundo precisa de você; há tantas pessoas pobres! Há muito conflito, violência, agressão. O que está fazendo rezando no templo? Vá ajudar as pessoas”.

Como você pode ajudar essas pessoas? Você é exatamente como elas. Você pode criar ainda mais problemas para elas, mas não pode ajudá-las. Foi assim que todas as revoluções sempre fracassaram. Nenhuma revolução ainda foi bem-sucedida porque os revolucionários estão no mesmo barco.

A pessoa religiosa é aquela que entende que: “Eu sou muito minúsculo, muito limitado. Com essa energia limitada, se eu puder mudar a mim mesmo, isso será um milagre”. E se você puder mudar a si mesmo, se tornar-se um ser totalmente diferente, com nova vida brilhando em seus olhos e uma nova canção em seu coração, então talvez possa ser útil também aos outros, porque então terá algo a compartilhar.

Outro dia, um amigo me enviou um belo episódio na vida de Bashô. Bashô é o maior poeta de haikai do Japão, o poeta mestre do haikai. Mas ele não foi apenas um poeta. Antes de se tornar poeta, ele foi místico. Antes de começar a criar belos poemas, ele penetrou

profundamente dentro do seu próprio interior. Ele foi um meditador.

Diz-se que Bashô entrou em uma jornada quando era muito jovem. A jornada foi um esforço para encontrar a si mesmo. Não muito depois ele ouviu uma criança pequena chorando sozinha na floresta – talvez ele estivesse sentado sob uma árvore, meditando ou tentando meditar. Ele ouviu uma criança pequena chorando sozinha na floresta. Meditou durante um longo tempo sobre o que fazer. Então, pegou suas coisas e continuou o seu caminho, deixando a criança entregue ao seu próprio destino.

Ele registrou em seu diário: “Primeiro a pessoa tem de fazer o que necessita para si mesmo; só depois pode fazer qualquer coisa por outra pessoa”.

Isso parece cruel... uma criança sozinha na floresta, chorando, e aquele homem meditando sobre fazer ou não alguma coisa, se pode ajudar a criança, se será certo ajudá-la ou não. Uma criança, uma criança desamparada está chorando na floresta, sozinha, perdida – e Bashô medita sobre isso e finalmente decide. Como ele pode ajudar alguém quando ainda não ajudou a si mesmo? Ele próprio está perdido na floresta, ele próprio está sozinho, ele próprio é infantil. Como pode ajudar alguém?

O incidente parece muito cruel, mas é significativo. Não estou dizendo que você não deva ajudar uma criança na floresta se a encontrar chorando. Apenas tente entender: sua própria luz não está flamejando e você começa a ajudar os outros. Seu próprio ser interior está em total escuridão e você começa a ajudar os outros. Você próprio está sofrendo e se torna um “servo das pessoas”. Você ainda não passou pela rebelião interior e se torna um revolucionário. Isso é simplesmente absurdo, mas essa ideia surge na mente de todos. Parece tão simples ajudar os outros... Na verdade, as pessoas que realmente necessitam mudar sempre ficam interessadas em mudar os outros. Isso se torna uma ocupação, e elas podem se esquecer de si mesmas.

É isso que eu tenho observado. Tenho visto tantos assistentes sociais, *sarvadayis*, todos sem nenhuma luz interior tentando ajudar. Tentando arduamente ajudar a todos. Ficam loucos para transformar a sociedade, as pessoas e as mentes das pessoas, e se esqueceram completamente de que não fizeram o mesmo por si mesmas. Mas ficam ocupados.

Certa vez um velho revolucionário e assistente social passou algum

tempo comigo. Eu lhe perguntei: “Você está completamente absorvido no seu trabalho. Alguma vez pensou se acontecer o que você realmente quer, se por um milagre, da noite para o dia, acontecer tudo o que você quer, o que fará na manhã seguinte? Você já pensou nisso?”.

Ele riu – um riso vazio – mas depois ficou um pouco triste. Ele disse: “Se isso for possível, eu ficarei perdido quanto ao que fazer depois. Se o mundo for exatamente como eu quero, então ficarei perdido quanto ao que fazer. Posso até me suicidar”. Essas pessoas estão ocupadas; essa é a sua obsessão. E elas escolheram uma obsessão que nunca poderá ser satisfeita e, assim, podem continuar mudando os outros, vida após vida.

Quem é você? Isso é também um tipo de ego, achar que os outros são duros uns com os outros, que estão pisando uns nos outros. A simples ideia de que os outros são duros lhe dá uma sensação de que você é muito suave. Não, você não é. Esta pode ser a sua forma de ambição: ajudar as pessoas, ajudar as pessoas a se tornarem suaves, ajudá-las a se tornarem melhores, misericordiosas.

Kahlil Gibran escreveu uma pequena história:

Havia um cão, pode-se dizer que ele era um grande revolucionário, que estava sempre ensinando os outros cães da cidade que “por causa de seus latidos absurdos não estamos evoluindo, desperdiçando sua energia latindo desnecessariamente”. Passa um carteiro, e depois... passa um policial, passa um *sannyasin*. Os cães não gostam de uniformes, de nenhum tipo de uniforme, e eles são revolucionários – começam imediatamente a latir.

O líder costumava lhes dizer: “Parem com isso! Não desperdicem energia, porque essa mesma energia pode ser colocada em algo útil, criativo. Os cães podem dominar o mundo todo, mas vocês estão desperdiçando sua energia sem nenhum propósito. Esse hábito tem de ser abandonado. Isso é pecado, o pecado original”.

Os cães acharam que ele estava perfeitamente certo. É lógico que ele estava certo: por que continuar latindo? E tanta energia é desperdiçada, que eles se sentem cansados. Já na manhã começam a latir, e novamente à noite estão cansados. Qual é a razão disso, afinal? Eles conseguiam perceber o que o líder queria dizer, mas também sabiam que eles eram apenas cães, pobres cães. O ideal era muito importante e o líder era realmente um revelador – porque, o que quer

que estivesse pregando, ele o estava fazendo. Ele nunca latia. Pode-se perceber o seu caráter, pois o que quer que pregasse, ele também o praticava.

Mas pouco a pouco eles ficaram cansados da sua pregação constante. Um dia – era aniversário do líder – e decidiram, como um presente, que pelo menos naquela noite eles resistiriam à tentação de latir. Pelo menos por uma noite respeitariam o líder e lhe dariam um presente. Nada poderia fazê-lo mais feliz do que isso.

Naquela noite, todos os cães pararam de latir. Foi difícil, árduo. Era como o que acontece quando você está meditando, como é difícil parar de pensar – foi o mesmo problema. Eles pararam de latir – eles sempre haviam latido, e não eram grandes santos, apenas cães comuns. Mas se esforçaram muito. Foi muito, muito árduo. Eles ficaram escondidos em seus lugares com os dentes cerrados, com os olhos fechados para não enxergarem nada. Tentaram não escutar nada. Foi preciso uma grande disciplina. O líder andou pela cidade. Ele estava muito confuso: A quem iria pregar? A quem iria ensinar agora? O que aconteceu? Tudo estava absolutamente silencioso. Então, de repente, quando passou a meia-noite, ele ficou muito entediado... porque ele nunca realmente achou que os cães iriam ouvi-lo. Ele sabia muito bem que eles nunca o ouviriam, que era simplesmente natural os cães latirem. Sua exigência era anormal. Mas os cães haviam parado de latir! Toda a sua liderança estava em jogo. O que ele iria fazer a partir da manhã seguinte? Porque tudo o que ele sabia fazer era apenas ensinar. Todo o seu ministério estava em jogo. Então, pela primeira vez, ele entendeu que, pelo fato de estar constantemente ensinando, de manhã até a noite, nunca sentira necessidade de latir. Sua energia estava tão envolvida em seu ensinamento, e isso era uma espécie de latido.

Mas naquela noite não havia nenhum lugar para encontrar algum culpado. E o cão pregador começou a sentir uma enorme urgência de latir. Afinal, um cão é um cão. Ele entrou num beco escuro e começou a latir. Quando os outros cães viram que alguém havia rompido o acordo, disseram: “Por que devemos sofrer?”. Toda a cidade começou a latir. O líder voltou e disse: “Seus tolos! Quando vocês vão parar de latir? Por causa dos seus latidos nós continuamos sendo apenas cães. Do contrário, teríamos dominado o mundo todo”.

Lembrem-se bem de que um assistente social, um revolucionário,

está pedindo o impossível, mas isso o mantém ocupado. Porque, quando você está ocupado com o problema dos outros, tende a esquecer seus próprios problemas. Primeiro, enfrente esses problemas – porque essa é a sua primeira responsabilidade, sua responsabilidade básica.

Um famoso psicólogo comprou uma fazenda apenas por diversão. Toda vez que ele lançava sementes em seus campos lavrados, um exército de corvos descia e devorava suas sementes. Finalmente, engolindo o seu orgulho, o psicólogo apelou para seu velho vizinho, o mulá Nasrudin.

O mulá foi até o campo e atravessou todos os campos arados sem lançar nenhuma semente. Os corvos desceram, protestaram brevemente e foram embora. Nasrudin repetiu o processo no dia seguinte, e no outro, cada vez deixando os pássaros mais confusos e famintos. Finalmente, no quarto dia, ele lançou as sementes no campo; nenhum corvo se deu ao trabalho de aparecer.

Quando o psicólogo tentou agradecer ao mulá, este resmungou: “Isto é apenas psicologia básica. Você já ouviu falar nisso?”.

Lembre-se, esta é uma psicologia comum, bem básica: não meta o nariz nos assuntos dos outros. Se eles estiverem fazendo algo errado, cabe a eles perceberem. Ninguém pode fazê-los perceber. A menos que eles decidam perceber, não há outra maneira, e você estará desperdiçando tempo e energia valiosos. Sua primeira responsabilidade é transformar seu próprio ser. E, quando seu ser é transformado, as coisas começam a acontecer automaticamente. Você se torna uma luz e as pessoas começam a encontrar seus caminhos através da sua luz. Você não precisa forçá-las a enxergar. Sua luz brilhante é um convite suficiente; as pessoas começam a se aproximar. Aqueles que precisarem de luz irão até você. Não é necessário ir atrás de ninguém porque esse próprio ato é tolo. Ninguém jamais mudou ninguém contra a sua vontade. Não é assim que as coisas acontecem. Isso é psicologia comum, básica. Você já ouviu falar nisso?... Guarde isso com você.

As sensações de desmerecimento ainda dominam minha vida, e estou tão apegado a elas que a simples ideia de abandoná-las me desespera. Esta estrada tem sido longa e difícil até agora.

Ninguém nasce indigno. Todos são iguais aos olhos da existência. Mas, lembre-se, igualdade não significa similaridade. Todos são igualmente únicos.

A ideia de desmerecimento que o tortura está torturando milhões de seres humanos. São as pessoas que o cercam que fazem você se sentir indigno, desmerecedor, inútil, bom para nada. Essa é uma conspiração secreta da multidão contra o indivíduo.

Talvez você não esteja consciente de que a multidão é inimiga do indivíduo. A multidão não gosta dos indivíduos; ela gosta apenas de pessoas falsas imitando umas às outras. Qualquer um que se destaque, por mérito próprio, declarando sua própria liberdade, fazendo suas próprias coisas sem nenhum medo das consequências, será condenado pela multidão.

A multidão não consegue suportar esses rebeldes porque sua própria presença é perigosa – pode se tornar um incêndio incontrolável. Muitos outros que estão sofrendo na escuridão podem começar a se revoltar, vendo que é possível viver a sua vida de acordo com sua própria luz, é possível ter seu próprio estilo, sua própria religiosidade, sua própria moralidade. Você não tem que pertencer a nenhuma multidão, você não tem que se tornar um escravo espiritual. Se essa ideia se disseminar, haverá milhões de pessoas que não morreram completamente – em cujos seres ainda há uma centelha de vida – que podem explodir em rebelião contra as massas.

As massas são fáceis de controlar; por isso, essas pessoas que estão no poder odeiam os indivíduos. E isso tem acontecido em toda a história humana. Desde a infância, por parte dos pais, dos professores, dos sacerdotes, dos vizinhos, de todas as direções a sociedade começa a invadir a liberdade do indivíduo. Todo esse esforço visa a desviar você do seu próprio ser. Eles querem que você seja outra pessoa, não querem que seja você mesmo.

Por isso você tem essa sensação de desmerecimento. É natural – você nunca poderá ser outra pessoa. Por mais perfeitas que sejam sua pretensão e sua hipocrisia, no fundo você vai achar que traiu a si próprio. No fundo você nunca pode sentir contentamento, respeito próprio, um orgulho que é natural a todo ser, uma dignidade que a existência lança sobre você pelo simples fato de lhe dar a vida.

Se lhe for permitido ser você mesmo, você nunca se sentirá indigno porque esse será seu crescimento natural. Se você for uma roseira,

rosas vão florescer em você, e, se for uma calêndula, calêndulas irão florescer. Nem a calêndula se sente indigna nem as rosas sentem que são especiais, melhores ou mais sagradas. Até a menor folha de grama se sente tão digna quanto a maior estrela do universo.

Na existência não há complexo de inferioridade em parte alguma, e, como corolário, também não há complexo de superioridade. A calêndula é feliz por ser uma calêndula – até mesmo a ideia é estúpida: “Por que não sou uma rosa?”. A existência seria muito pobre se só existissem rosas, rosas e mais rosas, e não existissem outras flores. As rosas perderiam toda a sua beleza. A variedade de milhões de flores torna a existência mais rica que todos os nossos sonhos.

Mas a sociedade quer que você seja apenas um carneiro. Você pode ter as qualidades para ser um carneiro, ou um tigre, ou um leão, ou uma águia – todas as variedades são possíveis em diferentes indivíduos –, mas a sociedade só gosta de um tipo de animal: todos têm de ser carneiros. E, se você obrigar um leão a ser um carneiro, ele vai se sentir indigno. Você estará lhe impondo algo que não lhe é natural.

Essa sensação de desmerecimento existe por imposição de exigências não naturais sobre você, feitas por todos os que o cercam. Ninguém gosta de você como você é; todos querem que você seja isso, que seja aquilo. É claro que, se satisfizer as exigências deles, você será amado, respeitado, honrado, mas isso é muito perigoso e vai lhe custar muito caro; você terá que se perder de si mesmo. Você se tornará apenas um hipócrita, e o que ganhará com isso? Qual é o respeito deles, qual é a sua honra, quais são as suas recompensas? Eles não conseguem equilibrar a perda – você perdeu a sua alma. Eles podem lhe dar Prêmios Nobel, mas nem mil Prêmios Nobel conseguirão compensar a perda que você sofreu na transação. Você perdeu seu próprio espaço na existência, seu próprio território, seu ser e sua consciência, o mais essencial, o mais importante.

Eu posso entender o seu problema e não acho que você seja incapaz de entendê-lo intelectualmente. Você entende, mas apenas o entendimento intelectual jamais produz nenhuma mudança; ele lhe traz mais problemas. Ele o torna consciente de que você fez algo muito estúpido e se tornou um especialista em fazer essa estupidez. Agora essa é a sua especialidade – por essa especialidade você é pago, honrado, respeitado, então você se agarra a ela. Isso se torna um

enorme dilema. Cria um estado de esquizofrenia. Você sabe que o que está fazendo está errado, mas esse conhecimento é apenas intelectual; ele não penetrou nas partes mais profundas do seu ser, de onde brotam as ações.

O intelecto é uma força inativa. Ele não se tornou a sua meditação, é ainda a sua mente; e a mente é absolutamente impotente. Então você entende intelectualmente que está agindo errado, e o mesmo intelecto diz que essa é a única coisa que você conhece – indigna ou digna, mas é a única coisa que lhe proporciona crédito, que o torna respeitado pela multidão: “Não o abandone, porque você não sabe onde perdeu sua alma nem se conseguirá encontrá-la novamente”. Você sequer se lembra de como voltar para casa. Então, continua se apegando àquilo que intelectualmente sabe que não está certo. Você está se destruindo, mas continua tomando o veneno, porque esqueceu o caminho para sua casa.

Outro dia, Latifa, uma *sannyasin* daqui, estava chorando, e hoje todas as suas nuvens desapareceram. Ela deu um grande passo. Ela esteve pensando intelectualmente sem parar durante quase uma eternidade... porque a infelicidade alonga tanto o tempo que uma hora passa como se fosse uma vida. Por isso eu digo que ela esteve sofrendo por quase toda a eternidade. Sabendo perfeitamente bem – porque eu estava continuamente martelando isso nela – que, se você está infeliz em uma situação e as portas estão abertas, por que você não sai dessa situação? Ela quer sair, mas se apega. Ela tem medo do espaço aberto, tem medo do ar fresco, tem medo do desconhecido. Seu ser mais profundo sente a atração, o desafio, a excitação do desconhecido, mas sua mente superficial pensa em segurança, em garantia. E quem sabe você pode cair em uma condição pior? Pelo menos essa infelicidade é bem conhecida, e você de algum modo se acostumou com ela. Na verdade, ficou tão habituado que um medo espreita em algum lugar no canto do seu ser: será que você é capaz de sobreviver sem ela?

Isso é uma desgraça, mas pelo menos é alguma coisa. Você não está só, e não está vazio. Está cheio de angústia, e pode estar seguro de que amanhã também o sofrimento estará aí. Você não precisa se preocupar de que amanhã talvez esteja vazio e só. É assim que a pessoa se torna internamente uma confusão.

Mas finalmente Latifa caiu nem si e deu o grande passo. E hoje ela

me escreveu uma carta imensamente grata, dizendo que se sente como se um câncer houvesse sido removido do seu ser. Ela se sente limpa, saudável, feliz, iluminada – toda a carga desapareceu. E esse era o câncer ao qual ela estava apegada.

Você só pode viver a experiência da alegria, da liberdade, da luz e do céu aberto quando deixar de se apegar; não há outra maneira.

Mas algumas pessoas são de tal maneira que, mesmo que tenham vindo aqui e tenham me ouvido, ficam administrando o que ouvir e o que não ouvir. Elas estão abertas a qualquer coisa que alimente seus preconceitos, muito felizes quando suas convicções estão sendo corroboradas. No momento em que eu digo algo que vai contra suas convicções – e essas convicções são sua infelicidade, a base do seu sofrimento e do seu inferno –, imediatamente elas se fecham. Mas quanto tempo você consegue se manter fechado? Eu continuo atingindo você de todas as dimensões, de todas as direções. Mais cedo ou mais tarde você terá de ouvir.

Então, também é tal a estupidez humana, que as pessoas começam a se defender. Às vezes, eu pondero por que vocês estão desperdiçando o seu tempo. Se estão aqui para se defender, isso vocês podem muito bem fazer em qualquer lugar onde estejam. Será mais fácil se defender de outra pessoa em outro lugar; aqui será muito difícil. Eu não vou permitir que vocês se defendam, porque se defendendo estão defendendo todas as suas infelicidades; eles são sinônimos. Você e suas infelicidades, você e seu sofrimento, você e sua ideologia – não estão separados.

Sua personalidade é o seu inferno, e eu tenho que ficar insistindo nisso para trazer à tona a sua individualidade, que é um fenômeno totalmente diferente – aquilo que você trouxe consigo quando nasceu. Essa personalidade é uma capa que a sociedade sempre colocou sobre você; é uma máscara. Mas você viveu tanto tempo com a máscara que começou a achar que ela é sua face original. Em sua sonolência, as pessoas continuam defendendo aquilo que é o seu câncer.

Uma mulher me escreveu hoje que odeia Hymie Goldberg, que é um dos personagens das minhas historietas. Não pude acreditar que alguém pudesse odiar um pobre coitado como Hymie Goldberg! Mas talvez ela tenha uma mente antissemita... só de ouvir o nome Hymie Goldberg, a criação nazista dessa mulher se sente ferida por eu estar transformando Hymie Goldberg em quase um grande herói. É verdade,

eu vou escrever uma biografia de Hymie Goldberg.

Em seu comentário, a mesma mulher disse: “Não gosto que você ria de nós”. Parece que ela é também contra o riso. Eu raramente rio, mas de vez em quando eu simplesmente quero me juntar a vocês – para não lhes dar a sensação de que estou separado de vocês. Quero ser um entre vocês, não alguém mais alto, muito sério – um buda dourado de pedra. Certamente, Gautama Buda não ria; e também não há em parte alguma qualquer referência de que Jesus jamais tenha rido. Essas são pessoas sérias.

Eu não sou sério. Tenho lhes dito repetidas vezes que não sou absolutamente sério, mas vocês não levam isso a sério! Vocês acham que eu devo estar brincando... E esse é um problema tão difícil! Como resolvê-lo? E quando li o comentário dessa mulher me lembrei de outro problema que me chegou ontem... Era de um homem que me falava sobre o fato de alguns pesquisadores cientistas terem encontrado o ponto G na vagina das mulheres. Eu não consegui descobrir por que isso deveria ser chamado de “ponto G”.

Eu também encontrei um ponto G. Ele não está na vagina, está na barriga de todo mundo – bem atrás do umbigo. E faz sentido chamá-lo de ponto G porque ele desperta gargalhadas. É absolutamente estúpido dizer que há uma vagina gargalhante, mas uma barriga gargalhante é um fato bem conhecido. Quando você sabe o que é uma barriga gargalhante, um riso real sempre sai da sua barriga.

Por isso, não dou importância aos seus cientistas; a minha própria pesquisa diz que o ponto G existe em todo mundo, homem ou mulher, na barriga, atrás do umbigo. E talvez o ponto G da mulher esteja paralisado ou avariado, danificado – algo pode estar errado com seu ponto G! Aqui ela deve se expor, então seu ponto G pode começar a funcionar. Entre tantos Gs, como se pode continuar sério?

Ouvi o seguinte... Dois meninos gêmeos iniciaram seu primeiro dia na escola e sua professora lhes perguntou: “Como vocês se chamam?”. Eles pareciam tão belos, tão absolutamente vivos! Como estavam vestidos da mesma maneira, era quase impossível descobrir quem era quem. Então, ela perguntou: “Como vocês se chamam?”.

Um disse: “Meu nome é Ronald Reagan, e meu irmão se chama Richard Nixon”. A professora não conseguiu acreditar. Ela pensou: “Esses meninos estão me pregando uma peça, estão se divertindo à minha custa”. E imediatamente telefonou para a casa deles e disse à

mãe deles: “Sra. Johnson, seus dois filhos chegaram aqui e, quando perguntei seus nomes, um deles disse que se chamava Ronald Reagan e que seu irmão era Richard Nixon. Não pude acreditar, por isso estou lhe telefonando. Eles estão se divertindo à minha custa?”.

A professora ficou muito surpresa porque, do outro lado do telefone, a mulher gritou muito zangada: “Como você tem o atrevimento de me chamar de Sra. Johnson? Eu sou a *Srta.* Johnson e eles são meus filhos, e, quando você tem dois bastardos, que nomes você pode lhes dar? Se estivesse no meu lugar, seria capaz de sugerir nomes melhores para dois bastardos?”.

Observe a vida e seu ponto G vai começar a funcionar!

Vocês se tornaram presas, vítimas daquilo que as pessoas lhes disseram. Esta comuna pretende apagar tudo o que lhe foi dito e aceitá-lo da maneira como você é. Da maneira como você é está absolutamente correto, valioso, respeitável, e não há por que mudar isso e criar uma personalidade falsa só porque os outros querem. Você tem tentado muito fazer os outros felizes, e o resultado total é que todos no mundo estão infelizes. Todos têm tentado fazer os outros felizes, mas você vê o resultado total? Todos estão infelizes.

Eu ensino vocês a ser felizes. Não ensino a fazer os outros felizes. Em sua felicidade, se houver alguma verdade, alguma vitalidade, ela irá se espalhar – irá ajudar os outros também a serem felizes. Mas esse não deve ser o critério, esse não deve ser o ideal da vida de vocês. Vocês estão tentando fazer os outros felizes, e todos estão infelizes porque todos estão fingindo.

As pessoas só conseguem ser felizes de uma maneira – não há duas maneiras –: se forem autenticamente elas mesmas. Então, a fonte da felicidade começa a fluir. Elas se tornam mais vivas, elas se tornam uma alegria de se ver, é uma alegria estar junto delas. Elas são uma canção, são uma dança, mas não estão dançando para a aprovação de ninguém, nem para a apreciação de ninguém. Estão dançando devido à sua própria abundância de felicidade. Devido à sua própria alegria.

Todo este mundo pode ser um mundo de dança, repleto de canções e de música, repleto de criatividade, de vida e de risos. Mas a estratégia básica que tem sido seguida até agora tem de ser completamente destruída, sem piedade.

O novo pastor estava de pé na porta da igreja, cumprimentando os paroquianos

enquanto eles saíam após o fim do serviço. As pessoas foram generosas ao cumprimentar o clérigo sobre o seu sermão, com exceção de um deles, que lhe disse: “Muito desinteressante o seu sermão, reverendo”. E, um minuto depois, o mesmo homem apareceu e disse: “Muito desinteressante o seu sermão, reverendo”.

E de novo o homem apareceu, desta vez resmungando: “O senhor na verdade não disse nada, reverendo”. Quando teve oportunidade, o reverendo apontou o homem para um de seus diáconos. “Ah”, disse o diácono, “não deixe que esse homem o aborreça. Ele é uma pobre alma que está sempre repetindo qualquer coisa que escute as outras pessoas dizendo!”.

Este é um mundo muito estranho e louco. Todos vivem de alguma maneira falsa, apenas para obter apreciação, apenas para ouvir os aplausos das pessoas. Todos estão muito famintos de atenção. As pessoas consideradas grandes líderes são quase mendigos no que se refere à atenção; é a isso que dedicam toda a sua vida – a saber quantas pessoas estão olhando para elas. Isso alimenta o ego delas. E elas estão prontas para fazer qualquer bobagem se tiverem a promessa de que “cada vez mais pessoas serão atraídas para você; você irá obter mais atenção”.

Tenho uma história estranha para lhes contar. Não é ficção, e é sobre um homem famoso, Abraham Lincoln. Ele tinha um rosto muito feio. Era oriundo de uma família muito pobre – seu pai era sapateiro. Ele próprio cortava madeira para ter dinheiro suficiente para ir à escola – sua origem era muito pobre. Seu rosto certamente não era atraente, e quando ele se candidatou à eleição presidencial... Sua inteligência era grande, talvez não tenha havido outro homem nos Estados Unidos com tamanha inteligência. Sua racionalidade, sua lógica, o modo como defendia suas opiniões era soberbo. Mas, sua personalidade era fraca, apenas por causa do seu rosto.

No dia em que iniciou a campanha para sua eleição, uma garotinha... e no meu entendimento aquela garotinha deveria ter todo o crédito por Abraham Lincoln ter se tornado o presidente dos EUA, embora ninguém se importe com ela. Ninguém jamais pensa naquela garotinha nem tenta descobrir quem ela era. Ela se aproximou dele e disse: “Tio Lincoln, com esse rosto o senhor não pode vencer a presidência. Eu tenho uma pequena sugestão: se o senhor deixar crescer barba e bigode, a maior parte do seu rosto ficará coberta, e a barba e o bigode poderão dar uma forma que modifique todo o seu

perfil”.

Era uma garotinha... mas ela estava olhando atentamente para o rosto dele. Ela estava interessada nos argumentos dele. As mulheres são mais conscientes da beleza física desde sua mais tenra infância. Ela descobriu que, se ele deixasse crescer uma barba e um bigode grande, parte do seu rosto ficaria coberta. Então, uma nova face poderia ser criada dando uma forma à barba e ao bigode. E isso fez sentido para Lincoln. Ele próprio estava preocupado com o que fazer com seu rosto. Começou a deixar crescer a barba... e agora não se vê em suas fotografias ou em suas estátuas que seu rosto era feio. Toda aquela feiura foi coberta pela barba e pelo bigode. Na verdade, aquela barba e aquele bigode lhe deram uma nova personalidade.

As pessoas se esqueceram, mas Lincoln não se esqueceu. Depois de se tornar presidente, a primeira carta que escreveu foi para aquela garotinha, agradecendo-lhe. “Sua sugestão funcionou.” Ele foi um homem de grande humildade e grande entendimento.

Mas este mundo não olha para o ser interior. Não olha para a sua inteligência, para os seus talentos, para a sua criatividade, para a sua potencialidade. Ele simplesmente olha para o exterior, para a personalidade superficial. E, como você está continuamente buscando atenção, tem de ceder às outras pessoas; tem de a cada passo fazer concessões com elas se quiser ser aceito como valioso. O problema é que, não importa o que faça, você não pode ser totalmente falso. Algo do real permanecerá: seu sentimento de desmerecimento. Isso o machucará – não ter sido capaz de ser bem-sucedido e um absoluto sucesso no mundo.

Qualquer um que queira ser um sucesso no mundo, qualquer um que seja ambicioso e egoísta, irá enfrentar o mesmo problema que você está enfrentando. Mas o problema é muito simples e pode desaparecer imediatamente, sem nenhum esforço: basta o simples entendimento de que você não precisa da atenção de ninguém. Pelo contrário, o que você precisa é de um profundo contentamento consigo mesmo. E isso só é possível se você for verdadeiro.

Não fique preocupado com o que os outros dizem; isso não importa. A única coisa que importa é sua felicidade interior, sua paz, seu silêncio e, finalmente, sua percepção da sua vida eterna. Você está me perguntando: “O que eu devo fazer com o meu desmerecimento? Ele ainda domina a minha vida e estou tão apegado a ele que me

desespera ter de me livrar dele”. Só um pequeno entendimento é necessário – não muito esforço, porque é você quem está apegado a ele; ele não está apegado a você.

Há uma história sufi que diz que um rio estava enchendo e algumas pessoas estavam de pé na margem olhando o rio subir cada vez mais alto. Um místico sufi também estava ali de pé. Os sufis usam apenas uma manta, uma manta de lã para cobrir o corpo; não usam mais nada. Na verdade, o nome *sufi* é derivado das mantas de lã. Em persa, *suf* significa “lã”, e *sufi* significa “alguém que usa apenas lã”. Então, com sua manta, ele também estava ali de pé observando as outras pessoas, e então de repente todos viram uma bela manta, uma manta de lã flutuando rio abaixo. Um rapaz não conseguiu resistir. Embora todos dissessem que era perigoso – o rio estava enchendo, e era um rio enorme – o rapaz disse: “Eu não posso perder aquela manta”. E pulou.

Mas não era uma manta; era um lobo, vivo. Então, quando ele pegou a manta, a manta o pegou! Ele começou a gritar: “Salvem-me!”. Todos lhe perguntaram: “O que quer dizer com salvá-lo? Simplesmente largue essa manta!”. Ele disse: “Não é uma manta que eu tenho que largar! É uma questão de saber se a manta me larga ou não. É um lobo!”. O que eles haviam visto era o corpo do lobo, que parecia pura lã.

O sufi escreveu em seu diário: “O que eu vi hoje foi um verdadeiro problema. Até agora tenho visto as pessoas ponderarem como largar isto, como largar aquilo... Tudo isso era irreal, porque os problemas não estavam apegados a elas; elas que estavam apegadas aos seus problemas. Não era uma questão de qualquer ajuda; se eles quisessem largá-los, poderiam largá-los”. O sufi escreveu em seu diário: “Mas hoje foi totalmente diferente; foi um problema real! Estava além da capacidade daquele pobre rapaz largar a manta, porque ele não estava apegado a ela. Agora era o lobo que estava apegado a ele, e o lobo o levou para o túmulo”.

É bom que não haja lobos apegados a você. Quaisquer coisas às quais você esteja apegado são apenas falsas ideias que outros lhe deram. E a razão por que você está apegado a elas é que teme que sem elas você fique quase nu, que fique vazio, e comece a se mover em um espaço desconhecido.

Meu encorajamento para você é o seguinte:

Ame a mudança, ame o desconhecido.

Arrisque tudo o que é conhecido pelo desconhecido, e sempre ficará em estado de êxtase. Você sempre será um ganhador, porque o desconhecido tem tesouros ocultos apenas para aqueles que conseguem largar o conhecido. Mas só posso lhe dizer o seguinte; o desprendimento tem de partir de você. Tem de ser decisão sua, um compromisso seu – só assim irá lhe trazer alegria.

Como eu posso descobrir qual das muitas vozes que há dentro de mim é aquela que vem do verdadeiro eu para me guiar? Como posso ter certeza de que ela não vem do inconsciente?

É muito simples: nenhuma das vozes vem do *eu* interior. Todas as vozes vêm da mente. Quando todas as vozes estão ausentes, o *eu* interior o inspira em silêncio em direção a determinada ação, direção. Ela não chega em palavras, é apenas uma indicação silenciosa. Caso contrário, seria absolutamente impossível descobrir qual é a voz do *eu* interior.

É fácil, porque nenhuma voz é a do *eu* interior. Então, quando todas as vozes tiverem desaparecido e houver apenas o absoluto silêncio, o *eu* interior será capaz de pegá-lo pela mão e guiá-lo. Esse é o momento de relaxar e permitir que ele o leve para onde quer que o leve.

Na linguagem temos de usar palavras que não se aplicam à qualidade interior – por exemplo, a “voz interior”. Não há voz, há apenas o silêncio interior. Mas se usarmos as palavras “silêncio interior” você não captará a ideia de que há alguma inspiração ou alguma direção que lhe está sendo apontada. Por isso a expressão “voz interior” tem sido usada. Mas essas não são as palavras certas.

Epílogo

Como posso me tornar uma luz para mim mesmo?

Essas foram as últimas palavras de Gautama Buda, sua mensagem final para seus discípulos: “Sejam uma luz para vocês mesmos”. Mas, quando ele diz: “Sejam uma luz para vocês mesmos”, ele não quer dizer tornem-se uma luz para vocês mesmos. Há uma grande diferença entre ser e se tornar.

Tornar-se é um processo, ser é uma descoberta. A semente só aparece para se tornar a árvore; esse é um aparecimento. A semente já tinha a árvore dentro de si, era seu próprio ser. A semente não se torna as flores. As flores estavam ali não manifestas; agora elas estão manifestas. Não é uma questão de se tornar; do contrário, um seixo poderia se tornar uma flor. Mas isso não acontece. Uma rocha não pode se tornar uma rosa; isso não acontece porque a rocha não tem potencial para ser uma rosa. A semente simplesmente se descobre através da morte no solo – abandonando sua casca exterior, ela se torna revelada em sua realidade interior.

O homem é uma luz na semente. Vocês são todos budas. Vocês não se tornaram budas; isso não é uma questão de aprendizagem, de aquisição, é apenas uma questão de reconhecimento – é uma questão de penetrar dentro de si mesmo e enxergar o que está ali. É uma autodescoberta.

Vocês não se torna uma luz para si mesmo, a luz já existe. Mas você vai para dentro, toda a sua jornada é externa. Estamos sendo criados de tal maneira que todos nos tornamos extrovertidos. Nossos olhos se tornam fixos no exterior, estamos sempre buscando e procurando algum objetivo “lá”, distante. Quanto mais distante está o objetivo,

mais desafiador ele parece ao ego. Quanto mais difícil ele é, mais atrativo parece. O ego existe mediante desafios; ele quer se provar. Não está interessado no simples, não está interessado no comum, não está interessado no natural; ele está interessado em algo que não é natural nem simples nem comum. Ele deseja o extraordinário. E a realidade é muito comum, é muito simples.

A realidade não está lá, mas aqui. Não depois, mas agora. Não fora, mas no santuário mais interno do seu ser. Você tem apenas que fechar os olhos e olhar lá dentro.

No início é difícil, porque os olhos só sabem como olhar para fora. Eles ficaram tão acostumados a olhar para fora, que quando vocês os fecham eles também continuam a olhar para fora – eles começam a sonhar, começam a fantasiar. Esses sonhos não são nada senão reflexos do exterior. Por isso, é só na aparência que vocês parecem estar com os olhos fechados; seus olhos ainda estão abertos para o mundo exterior, vocês não estão lá dentro. Na verdade, todo meditador passa por este estranho fenômeno: sempre que fecha os olhos, sua mente se torna mais inquieta, sua mente se torna mais insana. Ela começa a tagarelar de maneira louca; pensamentos relevantes e irrelevantes cruzam o seu ser. Isso nunca acontece quando você está olhando para fora. E naturalmente você fica cansado, naturalmente acha que é melhor permanecer ocupado com alguma coisa, com algum trabalho, em vez de ficar sentado em silêncio com os olhos fechados, porque nada parece acontecer exceto uma longuíssima procissão de pensamentos, desejos, memórias. E eles continuam chegando, sem parar.

Mas isso é apenas no começo. É preciso apenas um pouco de paciência, um pouco de espera... Se você continuar olhando, observando esses pensamentos em silêncio, sem julgamento, sem antagonismo, sem desejo sequer de detê-los – como se não estivesse preocupado com eles – despreocupado... Assim como alguém observa o trânsito na estrada, ou alguém observa as nuvens no céu, ou alguém observa um rio passar, você simplesmente observa seus pensamentos. Você não é esses pensamentos, você é o observador, lembrando que “eu sou o observador, não o observado”. Você não pode ser o observado, não pode ser o objeto da sua própria subjetividade. Você é sua subjetividade, é a testemunha, você é a consciência. Lembre-se disso. Demora um pouquinho. Devagar, lentamente o velho hábito

desaparece. Ele desaparece com dificuldade, mas desaparece, com certeza. E, no dia em que o trânsito para, de repente você está cheio de luz. Você sempre esteve cheio de luz, só que esses pensamentos não estavam lhe permitindo enxergar o que você é.

Quando todos os objetos tiverem desaparecido, não há nada mais a ser visto; você reconhece a si mesmo pela primeira vez. Você se percebe pela primeira vez.

Isso não é se tornar, é uma descoberta do ser. O invólucro exterior dos pensamentos da mente desapareceu e você descobriu suas flores, você descobriu sua fragrância. Essa fragrância é liberdade.

Por isso, não perguntem: “Como posso me tornar uma luz para mim mesmo?”. Você já é uma luz em si mesmo, só que não tem consciência disso. Você se esqueceu – tem de descobri-la. E a descoberta é simples, muito simples: um simples processo de observar seus pensamentos.

Para ajudar esse processo você pode começar a observar também outras coisas, porque o processo de observação é o mesmo. O que você está observando não é importante. Observe qualquer coisa e você estará aprendendo a observação alerta. Escute os pássaros, é a mesma coisa. Um dia você será capaz de escutar seus próprios pensamentos. Os pássaros estão um pouco distantes; seus pensamentos estão um pouco mais próximos. No outono, observe as folhas secas caindo das árvores. Qualquer coisa que você faça pode ajudá-lo a ser um observador atento. Quando caminhar, observe seu próprio caminhar.

Buda costumava dizer aos seus discípulos: deem cada passo atentamente. Ele costumava dizer: observem sua respiração. E essa é uma das práticas mais importantes para a observação, porque a respiração está ali continuamente, disponível 24 horas por dia onde quer que você esteja. Os pássaros podem estar cantando um dia, podem não estar cantando em algum outro dia, mas a respiração está sempre ali. Esteja você sentado, andando, deitado, ela está sempre ali. Continue observando a respiração entrando, a respiração saindo.

Observar a respiração não é o objetivo; o objetivo é aprender a observar. Vá até o rio e observe o rio. Sente-se na praça pública e observe as pessoas passando. Observe qualquer coisa, apenas se lembrando de que você é um observador. Não se torne um julgador, não seja um juiz. Quando você começa a julgar, é porque esqueceu que você mesmo é o observador, ficou envolvido, assumiu posições, escolheu: “Estou a favor deste pensamento e estou contra aquele

pensamento”. Quando você escolhe, torna-se identificado. A vigilância atenta é o método de destruição de toda identificação.

Por isso Gurdjieff chamou o seu processo de processo de não identificação. É a mesma coisa, a palavra que ele usa é que é diferente.

Não se identifique com nada e pouco a pouco você aprende a arte fundamental da observação. É disso que trata a meditação. Por meio da meditação a pessoa descobre sua própria luz. Essa luz você pode chamar de sua alma, seu eu, seu Deus, a palavra que escolher – ou pode permanecer apenas em silêncio, porque ela não tem nome. É uma experiência sem nome, incrivelmente bela, extática, totalmente silenciosa, mas lhes dá o gosto da eternidade, da atemporalidade, de algo que está além da morte.

* Discurso proferido na primeira fase do *sannyas* (nome dado ao processo de iniciação no Índia). Nesta fase os discípulos deveriam usar vestimentas de cores alaranjadas ou avermelhadas. Todavia, no final da década de 1980 Osho abole do seu processo de iniciação o uso de todos os símbolos externos, o que inclui as roupas que distinguem os *sannyasins*.

“A primeira coisa a ser entendida é a diferença entre rebelião e revolução.

Revolução é um esforço organizado para mudar a sociedade mediante o uso da força, da violência. O problema é que não se pode mudar a sociedade por meio da violência, pois a violência já é a própria vida corrente da sociedade. Por isso todas as revoluções fracassaram. E não há possibilidade de nenhuma revolução jamais ser bem-sucedida.

A rebelião é individual, não violenta, pacífica. Ela vem do amor. A rebelião não é contra alguma coisa, mas a favor de alguma coisa. A revolução está tão engajada em se colocar contra algo que esquece a razão de toda essa confusão estar acontecendo. É raiva. Mas a raiva não pode criar uma sociedade melhor. A rebelião não está dirigida contra a sociedade, mas orientada para um novo homem, uma nova humanidade.

A revolução está lutando contra o passado.

A rebelião está meditando pelo futuro.”

Conheça os outros títulos da série *Questões Essenciais* lançados pela Editora Planeta:

Destino, liberdade e alma

•

Fama, fortuna e ambição

•

Inocência, conhecimento e encantamento

•

Crença, dúvida e fanatismo

•

A jornada de ser humano

•

Moral, imoral, amoral

•

Mindfulness para quem não tem tempo



PlanetaLivrosBR



planetadelivrosbrasil



seloacademia



planetadelivros.com.br

Ser você mesmo tem sido um ato de rebeldia?

Cada vez mais a felicidade parece estar atrelada à tomada de atitudes revolucionárias. São muitos os exemplos de grupos que se organizam sob a égide da revolução para, assim, buscar mudanças que na realidade deveriam ser feitas individualmente.

Para OSHO, um dos mestres espirituais mais provocativos e inspiradores do século xx, a rebeldia é o que, de fato, nos conduz à felicidade. Por esse motivo, elevar o desenvolvimento da liberdade humana a um novo nível, a partir de mudanças individuais, é o grande desafio do mundo moderno.

Da série Questões Essenciais, *Viva à sua própria maneira – a rebeldia de ser você mesmo em um mundo que conspira contra a sua individualidade* discute a importância da autenticidade para alcançarmos a verdadeira felicidade. Afinal, viver exige enormes superações, mas viver à nossa própria maneira é ainda mais desafiador.

Para mais informações: www.osho.com

O que é preciso para
amar a vida toda?



))(Academia

O poder do amor

Osho

9788542215441

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

*Livro inédito do maior guru espiritual do nosso século

* Explore a emoção e o afeto nas diferentes formas de amor da sociedade moderna. Em um mundo cada vez mais individualista O poder do amor apresenta os seguintes questionamentos: o que é preciso para que o amor dure a vida toda? Ele realmente precisa durar para sempre? As formas de amor que conhecemos contemplam os sentimentos e necessidades humanas? Ao responder estas e muitas outras perguntas, Osho, um dos mestres mais provocativos e inspiradores do século XX, nos ajuda a direcionar nossa busca por amor, ampliando a visão sobre ele e suas muitas manifestações que não se limitam ao "outro". Ele desafia os leitores a examinarem e se libertarem dos sistemas de crenças e preconceitos condicionados que limitam sua capacidade de aproveitar a vida em toda a sua plenitude. Esses modelos preestabelecidos se opõem ao amor orgânico, que é institucionalizado pelo casamento,

afiliações religiosas, nacionalismo etc. Isso resulta em amor que é, para a maioria das pessoas, um desafio doloroso de uma forma ou de outra ao longo da vida. Pare de sofrer e entenda a essência do amor de forma direta e emocionalmente saudável.

[Compre agora e leia](#)

**TIAGO
BRUNET**

**DESCUBRA
O SEU
DESTINO**

**AS CHAVES QUE
ABREM AS PORTAS
PARA O SEU FUTURO**

 Academia



Descubra o seu destino

Brunet, Tiago

9788542214147

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

O novo best-seller do autor revelação de 2017 Onde você deseja estar daqui a 10 anos? Quem você precisa perdoar hoje para viver, em 10 anos, a resposta da pergunta acima? O que te impede de recomeçar essa semana, mesmo diante da crise? Seu estilo de vida atual é coerente com seus planos futuros? Ser responsável por seu destino é a maior dádiva que alguém pode receber, porém também pode ser o seu principal problema. Tiago Brunet, a partir de sua experiência como coaching, apresenta neste livro ferramentas para que você atinja seus objetivos de uma vez por todas. Não importa o tamanho da sua meta. A ideia é que seja possível atingí-la. Sem atalhos, sem confusões, mas com foco, objetividade e motivação. O primeiro passo é descobrir onde você está. O próximo, é correr para o alvo. Antes de descobrir o que está por vir e desvendar o seu destino, você precisa refletir sobre como chegou até aqui, sobre como se tornou quem

você é hoje! Sem saber a localização atual fica impossível projetar o futuro. TIAGO BRUNET

[Compre agora e leia](#)

Do autor best-seller de *Desperte seu poder*
JOSÉ ROBERTO MARQUES

SEJA A SOLUÇÃO DOS SEUS PROBLEMAS

**APRENDA A MUDAR SUA PERCEPÇÃO DO MUNDO
E SE PREPARE PARA OS OBSTÁCULOS DA VIDA**

|| Academia

Seja a solução dos seus problemas

Marques, José Roberto

9788542218244

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

Aprenda a mudar sua percepção do mundo e se prepare para os obstáculos da vida. Seja o seu próprio milagre e transforme sua vida. A vida dá trabalho. E, muitas vezes, sentimos que estamos sendo engolidos por uma série de problemas. Seja por causa de finanças, relacionamentos ou carreira, há momentos em que parece que todos estão contra a gente ou que a sorte não bate na nossa porta. Tudo o que mais precisamos é de um milagre. Mas será que esses problemas são... reais? Será que você está de fato passando por um obstáculo, como a perda de um emprego, a morte de um ente querido ou uma doença, ou será que você está sofrendo por um problema imaginário? Você já reservou um momento do seu dia para prestar atenção em como conta a sua história? E alguma vez já praticou o perdão? Como você lida com os desafios da vida? Se você está se sentindo perdido ou aflito, este livro é para você. Em sua nova obra, José Roberto Marques, máster coach sênior,

referência em desenvolvimento humano com mais de 30 anos de experiência, presidente do Instituto Brasileiro de Coaching (IBC) e autor de *Leader coach* e *Desperte seu poder*, retorna com uma nova missão: ajudar você a solucionar os seus problemas.

[Compre agora e leia](#)

★ ★ ★
WILLIAM H. MCRAVEN ★ ★ ★

NÚMERO 1 DO NEW YORK TIMES
MAIS DE 4 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

ARRUME ★ ★ A SUA ★ ★ CAMA

**PEQUENAS ATITUDES QUE
PODEM MUDAR A SUA VIDA
...E TALVEZ DO MUNDO**

)) Academia

Arrume a sua cama

H. Mcraven, William

9788542211702

81 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Deveria ser lido por todos os líderes... Um livro para inspirar seus filhos e seus netos a serem o que eles querem ser." THE WALL STREET JOURNAL "Excepcional, interessante e direto ao ponto." REVISTA FORBES "Repleto de histórias pessoais cativantes e inspiradoras. McRaven ensina nos dez capítulos deste livro como superar fracassos, aguentar as críticas e ajudar os outros." THE WASHINGTON POST Quando foi convidado para proferir o discurso da aula inaugural dos alunos de graduação da Universidade do Texas, o almirante William McRaven pensou em compartilhar suas lições sobre liderança. Afinal, em 37 anos de carreira na Marinha norte-americana, ele exerceu o comando em vários níveis – inclusive tendo sido o responsável pela missão que capturou Osama Bin Laden. O que ele não imaginava é que o discurso fosse parar nas redes sociais, viralizar e ter mais de 10 milhões de visualizações! Impressionado com o impacto e com o

apelo universal, McRaven transformou a palestra em livro onde resume as 10 lições que aprendeu no treinamento das forças especiais. Assim como o vídeo, o livro virou um best-seller – está em primeiro lugar na lista do jornal The New York Times desde que foi lançado.

[Compre agora e leia](#)

MONJA
COEN
E NILO CRUZ

ZEN PARA DISTRÁIDOS

Princípios para viver melhor no mundo moderno

))(Academia

Zen para distraídos

Coen, Monja

9788542212600

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Viver nos grandes centros urbanos é um convite diário à distração. Manter o foco em tarefas simples, por mais fácil que pareça, se torna impossível com o excesso de informações e afazeres diários. Zen para distraídos aplica conceitos do budismo para melhorar o nosso bem-estar. A partir de práticas de meditação, de conceitos básicos do zen e outras técnicas milenares será possível manter o foco, desenvolver tarefas simples com muito mais concentração, ser mais assertivo, atingir objetivos e muito mais.

[Compre agora e leia](#)